



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENADORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

DA LAMA À SALA DE AULA:
A FESTA DO MASTRO DE CAPELA/SE NARRADA EM UMA HQ PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA

ALEXSANDRO DO NASCIMENTO MACEDO

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2021

ALEXSANDRO DO NASCIMENTO MACEDO

**DA LAMA À SALA DE AULA:
A FESTA DO MASTRO DE CAPELA/SE NARRADA EM UMA HQ PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação de Mestrado entregue ao Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Macedo, Alexsandro do Nascimento

M141d Da lama à sala de aula: a festa do mastro de Capela – Se narrada em uma hq para o ensino de história / Alexsandro do Nascimento Macedo ; orientador Paulo Heimar Souto . – São Cristóvão, SE, 2021.

227 f. : il.

Dissertação (mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. História. 2. História – Estudo e ensino. 3. História local - Sergipe. 4. Cultura popular. 5. Histórias em quadrinhos na educação. I. Souto, Paulo Heimar, orient. II. Título.

CDU 930:37.012(813.7)

ALEXSANDRO DO NASCIMENTO MACEDO

DA LAMA À SALA DE AULA:

**A FESTA DO MASTRO DE CAPELA-SE NARRADA EM UMA HQ PARA O
ENSINO DE HISTÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
Profissional em Ensino de História da Universidade
Federal de Sergipe como parte dos requisitos à
obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

Universidade Federal de Sergipe -UFS

Membro: _____

Prof^a. Dr^a. Ilka Miglio de Mesquita

Universidade Tiradentes – UNIT

Membro: _____

Prof^a. Dr^a. Marizete Lucini

Universidade Federal de Sergipe - UFS

Membro: _____

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição

Universidade Federal de Sergipe - UFS

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2021

A todas as pessoas que, infelizmente, tiveram suas vidas perdidas ou duramente abaladas, vítimas do “monstro” invisível que se espalhou pelo mundo em 2020, o Covid-19.

AGRADECIMENTOS

Agradecer não é uma tarefa das mais simples. Requer coragem para reconhecer a importância que as pessoas têm em nossa vida e que, muitas vezes, é ofuscada por um egoísmo de achar que as conquistas são unicamente fruto de nosso mérito. Um grave equívoco!

No momento em que chego ao final desta caminhada, pequena, diante da longa estrada que ainda pretendo percorrer, faz-se necessário tornar pública a minha gratidão a todos que me apoiaram e incentivaram para que pudesse chegar até aqui.

O período de 2019 a 2020 foi, sem dúvida, de grandes mudanças em minha vida, pois tive a oportunidade de realizar alguns sonhos antigos. O primeiro deles foi ingressar no mestrado. O segundo, ter a oportunidade de encontrar-me novamente com a arte da pesquisa.

Considero meu acesso ao Mestrado Profissional em Ensino de História da UFS, uma graça alcançada. Uma vez aqui, encontrei um verdadeiro ambiente de estudos, fiz-me pesquisador, e o mais importante, restaurei o amor que tinha pelo ensino de História.

Poderia ter feito o mestrado acadêmico, mas, com todo respeito, acredito que jamais cresceria tanto quanto cresci aqui. Por isso, do fundo do coração, agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de fazer parte deste programa, no qual encontrei professores e colegas que considero verdadeiros irmãos.

Prossigo agradecendo ao meu orientador, Prof. Dr. Paulo Heimar Souto, tranquilo, humilde e extremamente competente e paciente com minhas inquietações, ansiedade e problemas pessoais. Obrigado, professor! Pela parceria sincera e confortante. Suas orientações foram a base e o sustento deste sonho que se concretiza.

Também aproveito a oportunidade para agradecer aos professores Joaquim Tavares da Conceição, a Marizete Lucini, Lucas Miranda Pinheiro e Ilka Miglio de Mesquita por terem aceitado o convite para participar desta Banca, bem como pelas preciosas contribuições para a construção deste trabalho. Também não posso deixar de mencionar as dicas do professor Itamar Freitas, sempre prestativo e bem humorado em suas colocações. Esse time do PROFHISTÓRIA dispensa comentários!

Meu muito obrigado também vai para a CAPES, pela concessão da bolsa de estudos e para a nossa secretária Fabiana, muito eficiente e prestativa em suas atribuições.

Não posso, jamais, encerrar essas linhas sem agradecer a todos meus irmãos de jornada, ou seja, os parceiros(as) de turma pela companhia, conversas, risadas e compartilhamento das experiências e angústias durante as aulas, viagens, eventos e almoços.

Em especial aos amigos Wilson, Edijan, Jorge, Lúcio, Humberto, Camilo, Cleones, Érica e Claudivan. Perfis diferentes, mas similares nas dores e nos sonhos. Obrigado, galera! Levarei vocês para sempre em minha memória e em meu coração.

Agradeço ainda as pessoas que, de alguma forma, contribuíram no desenvolvimento desta pesquisa, são elas: Cauê Souza, que com sua arte, deu vida às minhas ideias; Luciano Ferreira, pelas dicas sobre HQs; Rosinêide e Inês, parceiras de trabalho que reconfiguraram o horário escolar, possibilitando-me cursar o mestrado; Denilsa e Gisele, pesquisadoras capelenses, que cederam, respectivamente, imagens e leis ligadas à Festa do Mastro; Josival Bezerra, ex-secretário municipal de cultura, por nos passar algumas informações importantes acerca dos bastidores e organização da festa; ao pastor Fausto, a Junior e a Valdemir, lideranças religiosas que expuseram um pouco de suas opiniões a respeito da Festa do Mastro; a Carlinhos Melo, pelo auxílio, principalmente no momento de identificar os autores de alguns registros fotográficos.

Por fim, agradeço às pessoas mais importantes que conheço, aquelas por qual dedico todos os esforços e enfrento qualquer dificuldade nesse lapso de tempo que chamamos de vida: minha avó Noélia (*in memoriam*), pessoa que me deu mais que alimento, seus conselhos forjaram o meu caráter; minha mãe, Rilda, que mesmo em meio a tantas dificuldades, sempre esteve do nosso lado, nos orientando a tomar os caminhos corretos da vida; meu pai, William, sempre se gabando de cada conquista nossa (que Deus restaure logo sua saúde para comemarmos esse momento juntos); meus irmãos, Wellington e William Junior pela parceria incondicional de sempre; minha esposa, Mônica, pelas cobranças, incentivos e paciência diante de tanto *stress*; meus estimados filhos, Andrey Gabriel e a Laura Grazielle, “combustíveis” que movimentam os meus atos. Obrigado a todos!

RESUMO

As festas têm ocupado um lugar expressivo na cultura brasileira, através delas são (re)atualizadas, ritualizadas e celebradas as experiências sociais. O presente trabalho objetiva possibilitar que os alunos dos anos finais do ensino fundamental compreendam a Festa do Mastro de Capela-SE, como um evento que é fruto de uma construção histórica, por meio de uma análise interdisciplinar. Para compreender a dinâmica e a História da referida festa, procedemos a uma pesquisa de campo em 2019, dialogamos com algumas lideranças religiosas do município, realizamos um levantamento de registros fotográficos entre antigos moradores e participantes da festa, atentamos para a legislação que envolve a Festa do Mastro de Capela-SE, nas esferas municipal e estadual, e analisamos boletins de ocorrência registrados durante o período junino na Delegacia de Polícia de Capela-SE, entre os anos de 2007 e 2017. Nossa proposta, após o levantamento inicial das informações acerca dessa manifestação cultural, foi dar início à criação de um roteiro *full script* que culminou na produção de uma história em quadrinhos para ser usada em sala de aula. Sobre a História da Festa do Mastro e o papel das festividades, estamos teoricamente ancorados nas ponderações de Mary Del Priore (1994), Luiz da Câmara Cascudo (2001), Edelice Couto (2001), Jisélia Santos e Denilsa Santos (2014). No que diz respeito ao emprego da História Local em sala de aula, decidimos atentar para o que dizem os pesquisadores Marcos Martins (2010), Maria Auxiliadora Schimidt (2007) e Circe Bittencourt (2009). Apontamos que a articulação entre os objetos de conhecimento trazidos pela BNCC e aquilo que faz parte da vivência dos alunos, como a Festa do Mastro de Capela-SE, pode fazer com que eles compreendam conceitos, problematizem e entendam a sua realidade, trazendo sentido à própria História e fazendo com que os alunos percebam que são sujeitos do seu tempo.

Palavras Chaves: **Ensino de História – Festa do Mastro – História Local – História em Quadrinhos.**

ABSTRACT

The festivals have occupied an expressive place in Brazilian culture, through which social experiences are (re)updated, ritualized and celebrated. The present work aims to enable students in the final years of elementary school to understand the Capela-SE Mast Festival as an event that is the result of a historical construction, through an interdisciplinary analysis. To understand the dynamics and history of this festival, we carried out a field research in 2019, we dialogued with some religious leaders in the municipality, we carried out a survey of photographic records among former residents and participants of the festival, we paid attention to the legislation involving the Festival of the Capela-SE Mast at the municipal and state levels and we analyzed police reports registered during the June period at the Capela-SE Police Station between 2007 and 2017. Our proposal, after the initial survey of information about this cultural manifestation, was to proceed with the creation of a full script script that culminated in the production of a comic book to be used in the classroom. About the history of Festa do Mastro and the role of festivities, we are theoretically anchored in the considerations of Mary Del Priore (1994), Luiz da Câmara Cascudo (2001), Edilce Couto (2001), Jisélia Santos and Denilsa Santos (2014). With regard to the use of Local History in the classroom, we decided to pay attention to what researchers Marcos Martins (2010), Maria Auxiliadora Schimidt (2007) and Circe Bittencourt (2009) say. We point out that the articulation between the objects of knowledge brought by BNCC and what is part of the students' experience, such as the Capela-SE Mast Festival, can make them understand concepts, problematize and understand their reality, bringing meaning to own History and making students realize that they are subjects of their time.

Key Words: History Teaching – Festa do Mastro - Local History - Comic Book History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1 – Busca do Mastro na Freguesia de Fonte Arcada- Portugal (2014).....	48
Figura 2 – Diferentes Etnias Participando da Puxada do Mastro em Ilhéus-Ba.....	57
Figura 3 – Mapas do Estado de Sergipe Localizando o Município de Capela.....	63
Figura 4 – Região do Cotinguiba com Seus Principais Rios e Vilas no Século XIX.....	65
Figura 5 – Cartaz de Divulgação da Festa do Mastro (1889).....	73
Figura 6 – Cartaz de Divulgação da Festa do Mastro (1990).....	73
Figura 7 – Confecção de Ornamentos Para as Praças	73
Figura 8 – Multidão na Praça Adroaldo Campos Aguardando o Início dos Shows	75
Figura 9 - Faixa Divulgando o Aluguel de Casa para a Festa do São Pedro	76
Figura 10 – Cortejo da Sarandaia	78
Figura 11 – Salva de Tiros de Bacamarte Durante a Marcação do Mastro.....	81
Figura 12 – Batalhão de Bacamarteiros em Formação.....	82
Figura 13 – Multidão Seguindo para a Marcação do Mastro.....	82
Figura 14 – Chegada à Mata para a Marcação do Mastro.....	83
Figura 15 – Momento da Escolha da Árvore	84
Figura 16 – Baile da Rainha do São Pedro	86
Figura 17 – Plateia Acompanhando a Apresentação de uma Candidata Durante o Baile da Rainha do São Pedro.....	87
Figura 18 – Altar Improvisado Para a Missa do Fogueteiro.....	88
Figura 19 – Vista Frontal da Igreja Matriz Durante o Período Junino	88

Figura 20 – Momento do Ofertório durante a Missa do Fogueteiro	89
Figura 21 – A Baiana desfilando pelas Ruas de Capela.....	93
Figura 22 – Banho de Lama na Busca do Mastro.....	95
Figura 23 – Participante da Busca do Mastro Tendo sua Camisa Rasgada.....	96
Figura 24 – Busca do Mastro na Década de 1960.....	97
Figura 25 – Diversão na Busca do Mastro	98
Figura 26 – Banda de Pífano em meio aos Participantes da Festa do Mastro.....	99
Figura 27 – Cortejo do Mastro em 2019.....	103
Figura 28 – Percorso Habitual do Cortejo do Mastro.....	104
Figura 29 – Início da Queima do Mastro.....	105
Figura 30 – Localização do RVSMJ no Estado de Sergipe e no Município de Capela.....	111
Figura 31 – Retirada da Árvore da Mata pelos Participantes da Festa do Mastro.....	112
Figura 32 – Mata do Junco após a Retirada do Mastro.....	113

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Ocorrências Registradas no mês de junho entre os anos de 2007 e 2017.....	102
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de Unidade de Conservação.....	109
---	-----

LISTA DE SIGLAS

ACLA – Academia Capelense de Letras e Artes

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

BO - Boletim de Ocorrência

CONSED – Conselho Nacional de Secretários de Educação

EMC - Educação Moral e Cívica

HQ - História em Quadrinhos

IPE – Instituto de Pesquisas Ecológicas

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OSPB - Organização Social e Política do Brasil

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFHISTÓRIA – Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História

SSP - Secretaria de Segurança Pública

RVS - Refúgio de Vida Silvestre

RVSMJ - Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco

SAAE - Serviço Autônomo de Água e Esgoto

SEMARH - Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos

SINTESE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Sergipe

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação

UC – Unidade de Conservação

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFS – Universidade Federal de Sergipe

UNDIME – União dos Dirigentes Municipais de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1.0. HISTÓRIA NA ESCOLA, HISTÓRIA NA VIDA	24
1.1. Ensino de História: uma trajetória pouco inclusiva.....	24
1.1.1. O Ensino de História na Antiga Escola Primária.....	25
1.1.2. O Ensino de História no Secundário.....	26
1.2. O Papel do Ensino de História no contexto da Globalização.....	29
1.3. É Cabível Estudar as Festas e a História Local?.....	34
2.0. DO VELHO AO NOVO MUNDO: CONTEXTUALIZANDO A FESTA DO MASTRO	39
2.1. Festividades Ancestrais.....	42
2.2. Festas do Mastro em Portugal	46
2.3. De Portugal para o Brasil: a festa a serviço da colonização	49
2.4. Do Combate às Doenças ao Incentivo ao Turismo: a Puxada do Mastro de Ilhéus-BA....	53
2.5. Festas do Mastro em Sergipe	58
3.0. A FESTA DO MASTRO EM CAPELA-SE (1939-2019)	62
3.1. O Espaço Geográfico e os Indivíduos.....	62
3.1.1. Capela-SE, o Cenário da Festa.....	62
3.2. A Festa do Mastro em Capela-SE	70
3.3. O Ciclo da Festa: da Mata do Junco à guerra de busca pés.....	72
3.3.1. Preparando a Festa.....	72
3.3.2. A Sarandaia	77
3.3.3. A Marcação do Mastro	80
3.3.4. Entre o Sagrado e o Profano: o Baile da Rainha do São Pedro e a Missa do Fogueteiro.....	85
3.3.5. A Baiana.....	91
3.3.6. Da Mata à Fogueira: a Busca e a Queima do Mastro.....	94
3.4. A Festa do Mastro e a Mata Atlântica.....	107

3.4.1. A Mata Atlântica.....	108
4.0. É POSSÍVEL O USO PEDAGÓGICO DE UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS QUE ABORDA HISTÓRIA LOCAL?.....	115
4.1. O Emprego da HQ na Sala de Aula: uma revisão necessária.....	115
4.2. Uma HQ que Discute História Local Frente a Alguns Documentos Legais.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	127
REFERÊNCIAS.....	130
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS.....	134
FONTES.....	135
APÊNDICE A – CAMINHOS PARA A CONFECÇÃO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS.....	137
APÊNDICE B – PRODUTO 1: “DA LAMA À SALA DE AULA: A FESTA DO MASTRO DE CAPELA-SE EM HQ.....	143
APÊNDICE C – CONTEXTUALIZANDO A PRODUÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.....	186
APÊNDICE D – PRODUTO 2: “DA LAMA À SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O USO DA HQ”.....	189
APÊNDICE E – ROTEIRO DE DIÁLOGO COM ALGUMAS LIDERANÇAS RELIGIOSAS DO MUNICÍPIO DE CAPELA-SE.....	215
ANEXO A – LEGISLAÇÃO ENVOLVENDO A FESTA DO MASTRO DE CAPELA-SE.....	218
ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE DEPOIMENTO.....	226

INTRODUÇÃO

O calendário brasileiro é repleto de uma variedade de festas. De janeiro a dezembro, de norte a sul do nosso país, festivais, procissões e eventos retratam os gostos, crenças e costumes da população, fazendo do Brasil um dos países com maior diversidade cultural. As Festas de Reis, o Carnaval, Lavagem das Escadarias do Senhor do Bonfim e as Festas juninas são exemplos de eventos que vão muito além da simples diversão ou do descanso. Elas exprimem as alegrias, as frustrações, as revanches e reivindicações dos vários grupos que compõe a sociedade. Em sua essência, trazem a expressão de uma organização social preenchida por aspectos políticos, religiosos, econômicos, simbólicos etc. Muitas vezes, possuem uma ligação tão estreita com os moradores e a localidade onde é realizada que acabam confundindo-se com ela, como a Festa de Peão de Barretos, realizada no interior de São Paulo, a Festa do Mastro, que ocorre no município de Capela-SE, dentre tantas outras.

As festas juninas, por sua vez, são festividades populares que acontecem durante o mês de junho para celebrar o momento de colheita, durante o qual, normalmente, são realizados cultos a Santo Antônio, São João e São Pedro. São comemorações que estão presentes em praticamente todas as regiões do Brasil, com destaque para o Nordeste, para onde foi trazida por católicos portugueses no século XVI e associada às comemorações realizadas pelos habitantes locais, segundo afirma Rangel (2002).

Diante disso, propomos com este trabalho possibilitar que os alunos dos anos finais do ensino fundamental compreendam a Festa do Mastro de Capela-SE, como um evento que é fruto de uma construção histórica, por meio de uma análise interdisciplinar. Uma forma de valorizar essa festividade como instrumento de ensino e aprendizagem não apenas para as aulas de História, mas também para as de Geografia, Ciências e Ensino Religioso, por exemplo.

No que se refere aos objetivos específicos para esta pesquisa, traçamos evidenciar as relações entre o ensino de História e a História Local; contextualizar a Festa do Mastro (da Europa a Capela-SE), percebendo as suas transformações e permanências ao longo do tempo; distinguir a Festa do Mastro de Capela-SE das que são realizadas em outras localidades; compreender como os aspectos geográficos, religiosos, culturais, políticos e econômicos influenciam na dinâmica da Festa do Mastro em Capela-SE; conhecer a dinâmica dos folguedos que compõe a Festa do Mastro capelense; refletir sobre as práticas culturais presentes na Festa do Mastro de Capela-SE e a necessidade de preservação do meio ambiente

e por fim, elaborar uma HQ que possa ser utilizada por alunos matriculados nas turmas do sexto ao nono ano.

Antes de discutirmos como chegamos à conclusão de qual temática iríamos abordar na pesquisa em tela, acreditamos ser conveniente contextualizar um pouco da nossa trajetória enquanto professor de História de uma escola pública da rede estadual sergipana.

Com 20 anos de idade, após passar por algumas dificuldades, inclusive financeiras, em 2003, fui agraciado com a aprovação em concurso público realizado pela prefeitura municipal de Capela-SE, para o cargo de vigilante escolar, o que proporcionou uma renda para a subsistência da minha família, bem como voltar a transitar em um ambiente educacional após ter concluído o ensino médio. Nesse meio tempo, ingressei por meio do concurso vestibular em 2009 na UFS - Universidade Federal de Sergipe, para cursar História Licenciatura no turno diurno, já que por conta do trabalho, minhas noites estavam indisponíveis.

O convívio com os alunos, aliado à formação que recebíamos a cada semestre (período) na universidade, aumentavam ainda mais o nosso desejo de ingressar no magistério e tentar pôr em prática tudo aquilo que, quase sempre, víamos na teoria. Simultaneamente à conclusão da minha licenciatura, ocorrida em 2013, ingressamos, via concurso público, no cargo de professor de História da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, para desenvolvermos nossas atividades docentes na Escola Estadual Professora Maria Berenice B. Alves, instituição localizada em uma área periférica do município capelense.

Todavia, a empolgação inicial baseada na crença de que tínhamos as soluções para “salvar a educação”, logo deu lugar a um doloroso ceticismo, fruto de quando passamos a perceber o quanto a realidade dentro da sala de aula é extremamente desafiadora para um professor em início de carreira e atuando em uma localidade interiorana de Sergipe.

Após sete anos de magistério, passamos a vislumbrar a educação escolar como um dos instrumentos capazes de consolidar a democracia em nosso país. Por isso mesmo, consideramos impossível pensar as relações entre os indivíduos que compõem o processo educacional, sobretudo, durante as aulas de História, sem a presença de um produtivo diálogo.

Diante desse pressuposto, todas as vezes que nos dirigimos à escola, a fim de realizarmos o nosso trabalho docente, deparamo-nos constantemente com variados tipos de discursos, além de alguns questionamentos trazidos por nosso alunado e até mesmo por outros colegas professores.

Determinadas perguntas até parecem simples, mas na verdade são bem provocativas e carregadas de complexidade. Dentre elas estão: para que serve a História? Para que precisamos conhecer o passado dos portugueses, da Igreja Católica ou seja lá de quem for? O

que mudará em minha vida se conhecer o passado? Ou por que devemos estudar a vida de pessoas mortas, se mal conhecemos aquelas que estão vivas e ao nosso redor? São ponderações que nos mostram um pouco do quanto o nosso componente curricular ainda permanece mal compreendido.

A tentativa de responder a esses questionamentos pressupõe, inicialmente, termos em mente qual seria o conceito de História. E isso, convenhamos, não é uma tarefa das mais simples. A grande dificuldade dessa empreitada decorre, principalmente, da falta de unanimidade para esse tipo de reflexão. Não há um conceito único para o termo, tão pouco um significado que consiga abarcar todos os sentidos que ele possui. Cada corrente de pensamento procura dar sua própria resposta.

Os positivistas, adeptos de uma corrente historiográfica que predominou no século XIX, por exemplo, partem do pressuposto de que a História é uma ciência que corresponde à verdadeira tradução dos fatos reais e não fictícios do passado, os quais podem ser bem representados por meio de uma narrativa cronologicamente organizada de forma homogênea e linear. Para os historiadores adeptos dessa corrente, os vestígios humanos (fontes históricas) privilegiados durante suas análises são os documentos oficiais (VASCONCELOS, 2012).

Por outro lado, a concepção de História apresentada por pesquisadores de uma corrente historiográfica conhecida como Escola dos Annales, a qual tinha como um de seus principais membros o historiador francês Marc Bloch (1886-1944). No livro intitulado “Apologia da História: ou o ofício do historiador”, ao buscar responder a um questionamento feito por seu filho, Bloch afirma que a História é a “Ciência dos homens, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: dos homens no tempo”. (BLOCH, 2001, p. 55)

Tal definição não é consenso entre os especialistas, já que muitos discordam da própria cientificidade da História. Mas acreditamos que seu principal mérito está atrelado à inclusão da análise do tempo durante as ações humanas, o que consideramos indispensável a qualquer reflexão histórica.

Ao voltarmos nosso olhar sobre a realidade que nos cerca, é possível perceber o quanto questões do presente determinam leituras do passado, bem como as influências do passado estão vivas em nosso presente, deixando marcas que ainda permanecem bem visíveis em nosso dia a dia, a ponto de servir a inúmeros interesses. Segundo Luis Fernando Cerri, “O passado não está a salvo das intenções do presente de dar tal ou qual significado ao tempo, aos personagens históricos, à nação. O presente - bem como o futuro - depende de um passado relativamente móvel, que possa ser relido.” (CERRI, 2011, p. 11-12)

A título de exemplo da presença e usos do passado no presente, tomaremos a própria efetivação da política de cotas com reserva de cargos e vagas em universidades públicas do Brasil, fruto de um intenso debate político sobre o passado, o qual integrantes do movimento negro lutam por reparações educacionais, sociais e econômicas por conta da escravidão e do racismo, e apesar de ainda haver negação ou mesmo indiferença, a criação de políticas afirmativas demonstra um deslocamento de opiniões em relação à identidade, ao passado e ao futuro da nação. Esse movimento decorre de debates parlamentares, administrativos e públicos em geral, mas, sobretudo, do ensino de História, seja ele no espaço escolar ou por meio de movimentos sociais.

Para chegarmos a um tipo de discussão como esta, é mister que o indivíduo reflita sobre sua própria identidade (construída em grande parte pela sua história), e a identidade coletiva (construída com a história nacional). É importante sabermos quem somos e quem são os outros, e nisso o ensino de história formal ou informal tem papel muito importante, sendo algo que extrapola o campo cognitivo, já que parte para a ordem sociocultural (CERRI, 2011).

Do mesmo modo, Bittencourt salienta que a importância central do ensino escolar da História atualmente está relacionada à sua capacidade de constituição da identidade nacional e suas relações com o local e o global, o que, por sua vez, forma o cidadão político. Mas não é somente isso, para a autora, formar o cidadão político pressupõe ainda uma formação intelectual que possibilita aos indivíduos “o desenvolvimento da capacidade de observar, descrever e estabelecer relações entre presente – passado - presente, fazer comparações e identificar semelhanças e diferenças entre a diversidade de acontecimentos no presente e no passado”. (BITTENCOURT, 2009, p. 122)

Para Luis Fernando Cerri (2011), a formação intelectual resultante do estudo da História nos faz pensar que todas as coisas resultam de um processo histórico, e o que é histórico não é absoluto, ou seja, pode transformar-se a qualquer momento. Em segundo lugar, a História oferece a ideia de ponto de vista sobre os assuntos. Para compreendê-los, devemos observar o tempo, origens, vinculações do sujeito, projetos e interesses. A História permite perceber que as coisas estão ligadas a contextos que devem ser esmiuçados. E que os argumentos produzidos são provisórios, podendo ser testados e refutados.

Tudo isso são reflexões que não são fáceis de estimular em nossos alunos. Por outro lado, parte dos questionamentos sobre a legitimidade do ensino de História que eles possuem, pode refletir diretamente em sua postura dentro da sala de aula. Enquanto há os que brincam, pouco se importando com o desenrolar das aulas, outros, de forma extremamente passiva, permanecem com olhares perdidos e vazios. Diante dessa realidade, encontramos jovens com

dificuldades em compreender determinados conceitos, de colocarem-se na condição de sujeitos históricos, com limitada capacidade de orientação no tempo e no espaço e que pouco problematiza as informações que recebem tanto no ambiente escolar quanto fora dele.

Essa incômoda rotina vem sempre acompanhada de uma pergunta que nos atormenta bastante: como posso articular adequadamente o ensino de História ao cotidiano desses jovens? Após a nossa aprovação e inserção no PROFHISTÓRIA - Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da UFS, e com o auxílio de algumas leituras e palavras dos professores, passamos a refletir com mais frequência sobre nossa prática docente, o que nos fez entender que não encontraríamos respostas prontas, muito menos definitivas para essa questão. Todavia, poderíamos pensar sobre o emprego da estratégia mais adequada para cada situação que encontrássemos no “chão da sala de aula”.

A partir daí, começamos a buscar uma temática para as aulas de História que estivesse ligada à realidade do nosso alunado e que também servisse como objeto de pesquisa para a nossa dissertação de mestrado. O município de Capela-SE está localizado em uma região canavieira do estado, conhecida como Vale do Cotinguiba, onde também está localizado o município de Laranjeiras, que realiza desde o século XIX, inúmeras manifestações culturais, dentre elas o “Lambe sujo x Caboclinhos”, uma tradicional encenação de combate entre escravos e índios que remete ao período escravocrata sergipano, sobre a qual já havíamos pesquisado em outras ocasiões. Nesse caso, nossa primeira ideia foi ensinar História aos alunos do município de Capela, através de um evento que ocorre em outra localidade de sua região.

Quando respondíamos a questionamentos vindos de alguns professores e de colegas de curso sobre qual o nosso tema de pesquisa, sempre recebíamos elogios e incentivo por conta da escolha. Porém, algo silenciosamente ainda me incomodava bastante. Certamente, era a maçante sensação de estar cometendo algum tipo de injustiça, não só com o “meu lugar”, mas também com os meus alunos.

Se a ideia original era ensinar História a partir de algo concreto, que estivesse próximo ao cotidiano desses estudantes para que, de fato, pudessem perceber que a História é parte de sua realidade, talvez fosse mais proveitoso trazer para sala de aula alguma temática que os envolva e que os identifique. O “estalo” surgiu em junho de 2019, quando em uma das aulas ministradas na turma do nono ano, uma das alunas solicitou que interrompêssemos uma discussão envolvendo a relação histórica entre o homem e a Mata Atlântica (já que uma semana depois, faríamos uma visita ao Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco), para

falarmos da História da Festa do Mastro (tradicional festejo junino da localidade) que ocorreria no final do mês, pedido esse que teve o apoio de grande parte dos colegas de classe.

Mesmo diante dos fortes apelos, demos continuidade a nossa aula, prometendo trazer o assunto solicitado no momento oportuno. Alguns dias se passaram, mas aquela cena não me saía da memória. Desde criança que participamos da Festa do Mastro, já que nossa rotina não contava com um leque tão variado de momentos de lazer, nem de tantas oportunidades de reencontrar familiares que, em busca de oportunidades de trabalho, acabavam tendo que residir a aproximadamente setenta quilômetros de distância, na capital do estado, Aracaju. Ficando, por isso, afastados do nosso convívio diário.

Além de rever os tios e tias, os primos e primas que há um bom tempo encontravam-se distantes, a Festa do Mastro sempre foi ótima oportunidade de lazer em família, descanso de nossa rotina de estudos e trabalhos domésticos. Porém, foi somente ao levantarmos algumas informações preliminares sobre ela que nos veio a convicção do tema que seria empregado em nosso projeto de pesquisa.

Para Maria Auxiliadora Schmidt (2007), a importância do estudo de temas próximos ao aluno, ou seja, do emprego da história local na sala de aula, dar-se-á por alguns fatores: trata-se de uma estratégia pedagógica que possibilita melhor apropriação do conhecimento histórico por parte do aluno, bem como trazer para o espaço escolar algo totalmente integrado à sua experiência enquanto indivíduo.

Até então, os estudos da história da Festa do Mastro que grande parte desses alunos têm acesso na escola, apesar de sua importância, em regra, resumem-se a menções às “grandes personalidades” ou “filhos ilustres” da localidade, os quais teriam “inventado” o festejo, e por conta desse feito, devem ser homenageados anualmente. Outra característica presente nessas ações é a mera descrição dos folguedos que compõem a festa, o que é feito pelo estudante, normalmente, por meio de desenhos, maquetes, encenações, dentre outros.

Apesar de relevantes, esses momentos de estudos acabam trazendo consigo algumas implicações nem sempre positivas. Uma delas diz respeito à exclusão, pois acabam deixando de fora da análise praticamente todos os segmentos da sociedade capelense que, de uma forma ou de outra, participam efetivamente do festejo, fazendo com que ele, de fato, aconteça. Outro ponto digno de menção nessas atividades, é que a Festa do Mastro é abordada de forma isolada, ou seja, sem que seja feita a inserção ou a relação de sua prática com outros contextos mais amplos, como se vivêssemos em uma “bolha” que nos torna autossuficientes em todos os aspectos da vida. Tudo isso cria obstáculos para que os alunos contemplem as

continuidades e transformações que o referido festejo sofreu e vem sofrendo ao longo de sua trajetória de realização, ou seja, sua historicidade.

Para tentarmos modificar esse cenário, iniciamos a pesquisa, a qual em seu percurso metodológico contou com uma série de levantamentos que nos trouxeram valiosos subsídios no que diz respeito a essa prática festiva. Para encontrarmos um conceito e levantarmos a historicidade do evento, por exemplo, fomos à procura de obras que nos dessem esse suporte. Na impossibilidade de conhecermos *in loco* uma infinidade de festas similares que ainda ocorrem tanto no Brasil quanto no exterior, além de informações sobre questões ambientais, buscamos dados em sites governamentais e de organizações não governamentais, sejam eles brasileiros ou não.

A fim de registrar e entender detalhes de bastidores da festa capelense, realizamos, em 2019, uma pesquisa de campo, ocasião em que acompanhamos todos os folguedos da Festa do Mastro de Capela-SE. As informações colhidas foram complementadas com a análise de boletins de ocorrência registrados entre os anos de 2007 a 2017 na Delegacia de Polícia situada no município, por situações envolvendo a festa ou em decorrência dela.

Atentamos também para informações contidas em legislações estaduais e municipais. Foi quando verificamos que com o passar do tempo a Festa do Mastro foi se consolidando entre os moradores e ganhando relevância gradativamente para os governos municipal e estadual. Participamos também de diálogos com algumas lideranças religiosas (evangélica, católica e do candomblé). Com isso, podemos observar um pouco de quais as percepções que possuem acerca do festejo capelense.

Com o intuito de verificarmos transformações e permanências na dinâmica da festa, bem como para facilitar o trabalho de ilustração das páginas da HQ, fizemos um importante levantamento de registros fotográficos junto a antigos moradores e participantes da Festa do Mastro de Capela-SE.

O levantamento dessas informações, aliado à produção do roteiro resultaram na produção de quarenta e uma páginas de história em quadrinhos. Para isso, entregamos ao desenhista um roteiro do tipo *full script*, modelo que, segundo Gian Danton (2013), reduz significativamente a intervenção ideológica do ilustrador no trabalho final, já que nele descrevemos e direcionamos, com minúcia, todas as características dos personagens, falas, além de tudo que acontece em cada quadrinho, página e em cada parte da revista, ou seja, toda a HQ. Essa foi a opção mais adequada que encontramos para que o material produzido refletisse o resultado da pesquisa.

Ilustrada por Cauê Souza, a HQ traz uma narrativa que se desenrola em torno do diálogo entre três alunos (Laura, Gabriel e Noélia), jovens que estão com dificuldades em encontrar informações a respeito da Festa do Mastro de Capela-SE, para a conclusão de uma tarefa escolar, o que faz com que busquem a ajuda de um ex-professor de História (Antônio), que é funcionário da Associação Casa do Livro (uma biblioteca localizada no município de Capela-SE), o qual, gentilmente os recebe dando início a uma divertida “viagem no espaço e no tempo”.

Todos os personagens envolvidos na trama são fictícios. Fato que não impede, a nosso ver, que interpretem e discutam questões vividas por sujeitos “de carne e osso”. Ao vislumbrarmos que, com nossa proposição, seja possível, através de um processo dialógico com o quadrinho, auxiliar o aluno no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História, vem-nos os seguintes questionamentos: será que a produção de uma HQ, que traz como tema a história de uma festa popular local, um instrumento pedagógico capaz de facilitar o processo de ensino aprendizagem nas aulas de História? É possível uma história em quadrinhos, que faz uso de personagens fictícios, algo adequado a ampliar a concepção que os alunos dos anos finais do ensino fundamental têm do ensino de História, de modo que se reconheçam como sujeitos históricos?

Para tentarmos discutir a validade de tais questionamentos, procuramos dividir este trabalho em quatro capítulos. No primeiro, que chamamos de “História na Escola, História na Vida”, apresentaremos algumas reflexões acerca do papel do ensino de História na atualidade. Para isso, iniciamos com uma imprescindível abordagem da trajetória desse componente curricular no Brasil, seguido da importância individual e coletiva de fazermos uso da História Local e do estudo das festas populares junto aos nossos estudantes, na tarefa de formar sujeitos históricos conscientes de sua realidade em tempos de economia globalizada. Para essa empreitada, utilizamos como lastro teórico os pensamentos de alguns intelectuais ligados ao ensino de História, tais como: Circe Bittencourt (2009), Selva Guimarães Fonseca (2003), Luiz Fernando Cerri (2011), Maria Auxiliadora Schimdt (2007), Marcos Martins (2007), Catelli Junior (2009), dentre outros.

No segundo capítulo, “Do Velho ao Novo Mundo: contextualizando a Festa do Mastro” apresentamos ao leitor uma tentativa de definição do que seria a Festa do Mastro, percorrendo ainda sobre origens, influências e realização em algumas localidades da Europa, a exemplo de Portugal. Uma vez no território brasileiro, fruto do processo de colonização, elencaremos uma variedade de municípios onde a referida festividade permanece sendo realizada, oportunidade para apresentarmos alguns elementos da religiosidade popular

presentes nesse tipo de festejo, a exemplo da “Puxada do Mastro”, evento que, do século XVIII aos dias atuais, ocorre anualmente no município baiano de Ilhéus. Para essa tarefa, recorreremos a alguns trabalhos, como os de Luiz da Câmara Cascudo (2001), Mary Del Priori (1994), Lúcia Rangel (2002) e Edelize Couto (2001).

O terceiro capítulo, que intitulamos de “A Festa do Mastro de Capela-SE (1939-2019)”, reservamos para discorrer sobre a Festa do Mastro que ocorre no município sergipano de Capela. Neste trecho da pesquisa, após uma breve análise geográfica e histórica do cenário do festejo, apresentaremos os folguedos que a compõe, procurando vislumbrar as suas origens, objetivos, bem como as modificações que estes foram sofrendo com o decorrer do tempo. É o momento para tratarmos também da estreita relação entre a festa do município e a Mata Atlântica, quando aproveitaremos a oportunidade para discutir o importante papel desse bioma para o planeta, a relevância e os tipos de unidades de conservação, além da primordial adoção de práticas sustentáveis como forma de garantir a sobrevivência e o bem-estar das pessoas. Todo esse debate teve como base as ponderações de autores como Santos e Santos (2014), Orlando Dantas (1980), Núbia Marques (1999), Zózimo Lima (2003), Heloisa Souza (2014) e Amaral (2007).

No quarto e último capítulo, que demos o título de “É Possível o Uso Pedagógico de uma História em Quadrinhos que Aborda História Local?”, iniciamos com uma pequena revisão sobre algumas das inúmeras obras dedicadas ao emprego pedagógico dos quadrinhos, a partir das quais percebemos os ganhos de aprendizagem que se pode obter fazendo uso da arte sequencial durante as aulas, sobretudo nas de História. Para essa discussão, utilizamos as ideias defendidas por Waldomiro Vergueiro (2018), Túlio Vilela (2018), Luis Fernando Cerri (2006), Marjory Palhares (2008), Fábio Almeida (2017) e Luciano Ferreira (2018). Em seguida, observamos a possibilidade do uso da História Local frente a alguns documentos legais que regem a educação no Brasil e em Sergipe, a exemplo da BNCC, da LDB e do Currículo de Sergipe, onde verificamos que mesmo com dificuldades é possível fazer essa importante articulação.

1.0 . HISTÓRIA NA ESCOLA, HISTÓRIA NA VIDA

1.1. Ensino de História: uma trajetória pouco inclusiva

Nossos adolescentes também detestam a História. Voltam-lhe ódio e dela se vingam sempre que podem, ou decorando o mínimo de conhecimento que o ponto exige ou se valendo lealmente de cola para passar nos exames. Demos ampla absolvição à juventude. A História como lhes é ensinada é, realmente odiosa. (MENDES, 1935, p. 41, apud Nadai, 1992/1993, p. 143)

É com essa citação de 1935, que Elza Nadai inicia seu texto do início da década de 1990, quando tratava do percurso do ensino de História no Brasil. A pesquisadora completava essa afirmação questionando: “Terão os estudantes superado a ideia de que a História, como é ensinada, é realmente odiosa, e os professores partido para a organização de outras práticas pedagógicas mais significativas?” (NADAI 1992/1993, p. 143).

Quando nos vem à lembrança a postura de alguns alunos durante as nossas aulas de História, podemos pressupor a existência de vestígios de uma impressão negativa com relação a esse campo do conhecimento. Para Nadai (1992/1993), as críticas e a desvalorização que partem dos discentes seriam frutos, principalmente, da persistência da utilização de métodos mnemônicos, da relação hierárquica entre professor(a) e aluno(a), além da falta de uma estrutura adequada que forneça instrumentos necessários para que o ensino de História garanta, com maior eficiência, a formação de sujeitos conscientes.

Diante dessa realidade, observar um pouco da trajetória do ensino de História no Brasil pode dar um importante suporte ao docente, permitindo uma análise mais precisa da realidade educacional do nosso país na atualidade. É a partir dessa dimensão histórica que podemos entender a lógica política, econômica, cultural e até mesmo religiosa, que vem determinando o modelo educacional brasileiro, a fim de que possamos atuar de forma consciente e buscando evitar modelos educacionais que privilegiem uma minoria detentora do capital econômico, em detrimento de uma maioria que está à margem dos processos educacionais e que continuam sofrendo com as desigualdades ainda presentes em nossa sociedade.

Para observarmos um pouco da trajetória do ensino de História no Brasil, além do importante papel que a disciplina desempenha junto ao alunado nos dias atuais, decidimos levar em consideração reflexões feitas por professores que há muito tempo dedicam suas pesquisas ao ensino de História. Dentre esses intelectuais selecionados, podemos destacar Circe Bittencourt e seu trabalho de 2009, intitulado “Ensino de História: fundamentos e métodos”; Selva Guimarães Fonseca, com “Didática e Prática de Ensino de História”, de

2003; Taís Nívea Fonseca, com a obra “História e Ensino de História”, do ano de 2006; Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli, com o livro “Ensinar História: pensamento e ação na sala de aula”, de 2009 e Luis Fernando Cerri, com o trabalho de título “Ensino de História e Consciência Histórica: implicações didáticas de uma discussão contemporânea”, publicado em 2011.

1.1.1. O Ensino de História na antiga escola primária

O ensino de História esteve presente na antiga escola primária desde a segunda metade do século XIX. A partir daí, seu grau de importância variou bastante a depender do contexto sociopolítico que enfrentou. Entretanto, manteve como característica principal ser um dos principais meios de constituição da “identidade nacional”, lançando mão de métodos e conteúdos que levassem a atingir tal finalidade (BITTENCOURT, 2009).

Ainda de acordo Bittencourt (2009), o estudo da história da pátria era optativo, e quando realizado, buscava seguir os mesmos princípios da história sagrada, ou seja, valia-se de narrativas que valorizavam “grandes homens”, exemplos de personalidades que os discentes deveriam seguir. Baseado em modelos de países europeus, esse ensino tinha o objetivo de preservar a ordem, a obediência e manter hierarquias, abordando um passado que não contemplava o importante papel de grupos como índios, negros e mulheres, por exemplo. A esse ensino, credita-se ainda a função de despertar sentimentos patrióticos. Não faltaram manuais do início do século XX, que buscavam valorizar as “qualidades” dos colonizadores portugueses, da gente risonha e pacífica do Brasil, além das riquezas e belezas naturais do nosso país.

Esse modelo de ensino voltado, predominantemente, para indivíduos brancos e “obedientes” continuou a prestigiar “heróis” e datas “marcantes” para a “construção” da nação. As contestações a ele começaram a ganhar força na década de 1930, quase sempre oriundas de professores ligados a ideais anarquistas. É nesse contexto que é criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, que passa a centralizar a escolha dos conteúdos escolares que seriam abordados em todas as unidades escolares do Brasil (FONSECA, 2006).

Bittencourt (2009) afirma que entre o final do século XIX e início do XX, predominava o método mnemônico, no qual aprender História passava por saber de cor nomes, fatos e datas. Os próprios manuais didáticos seguiam o modelo conhecido como “catecismos”, material composto por perguntas e respostas que os alunos deveriam expressar fielmente, escrita ou oralmente. Eventuais erros estavam sujeitos a punições, uma das mais

usadas era realizada com o uso da palmatória¹. Saber História passava por dominar muitas informações, sobretudo, da história nacional. Para a pesquisadora, a persistência desse modelo tem motivado inúmeras críticas ao ensino de História, sobretudo, por parte do alunado.

A partir da década de 1930, surge a proposta de Estudos Sociais em substituição à Geografia e à História. Inspirados nas escolas americanas e fundamentados na Psicologia Cognitiva, o modelo orientava que estudos envolvendo crianças partissem de elementos mais próximos, tanto no espaço, quanto no tempo, como forma de garantir a inserção do aluno à sociedade da qual faz parte. Posteriormente, por meio da Lei 5.692 de 1971, os Estudos Sociais estendeu-se a outras séries (BITTENCOURT, 2009).

1.1.2. O Ensino de História no Secundário

No que diz respeito ao ensino secundário, Fonseca (2006), afirma que a disciplina de História foi incluída no programa curricular do Colégio Dom Pedro II, em 1838. Daí em diante, passou por inúmeras transformações em seus conteúdos e métodos, mas sempre compondo, tanto o currículo das humanidades clássicas, quanto o científico. Entretanto, uma das características que basicamente permaneceu inalterada foi a finalidade de “domesticar”, civilizar e homogeneizar os indivíduos através da formação de uma “identidade nacional”.

Do final do século XIX ao início do XX, o ensino secundário foi ofertado pelo setor público, privado e escolas confessionais (existentes até a década de 1950). A disciplina História integrava o chamado currículo humanístico clássico, que tinha como destaque o Latim e seus textos de literatura clássica. A divisão dos conteúdos trazia a História Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, além da História Sagrada. Somente a partir de 1850 que a História da Pátria separa-se da História Geral. Era um modelo de currículo que estava desprovido de utilidade prática imediata, sendo utilizado pelas elites, basicamente, como um instrumento que distingue o indivíduo letrado do iletrado (BITTENCOURT, 2009).

Ainda segundo a autora, o currículo humanista passou a receber críticas no final do século XIX, principalmente por conta da industrialização que se fortalecia na Europa e no norte da América, formando uma nova elite que buscava a modernização e que propunha a inserção de novas disciplinas no currículo, a exemplo da Matemática, Física, Química e

¹ Segundo o Dicionário Online de Português, palmatória ou férula é uma espécie de régua de madeira, com uma das extremidades em forma circular, com a qual pais e professores castigavam as crianças, batendo-lhes com ela na palma da mão. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/palmatoria/> Último acesso em 03/06/2020.

Biologia. No fim das contas, prevaleceu a articulação entre os dois modelos, que passou a ser conhecido como humanidades científicas. Após essas mudanças, a História acabou separando-se definitivamente da história sagrada, mas continuou a ser um campo de conhecimento direcionado às elites, tida como única capaz de conduzir a nação ao progresso.

Para Bittencourt (2009), as críticas a esse modelo fortaleceu-se a partir da década de 1960, quando alguns educadores oriundos dos cursos de História passaram a almejar que seus alunos obtivessem autonomia intelectual diante dos desafios econômicos impostos pelo setor empresarial em alta. Todavia, suas condenações não tinham como alvo o modelo eurocêntrico, muito praticado no momento.

Em 1971, a Lei 5.692 descaracterizou significativamente o ensino secundário, fazendo com que o curso ginásial fizesse parte do primário e transformando o colegial basicamente em um curso profissionalizante. A partir de então, a História e a Geografia fundiram-se em Estudos Sociais, passando a ser ministrado ao lado de OSPB – Organização Social e Política do Brasil e EMC – Educação Moral e Cívica nos oito anos do ensino primário. A História continuou sendo lecionada no segundo grau, mas com uma carga horária reduzida e uma formação que permanecia direcionada às elites (SCHIMIDT; CAINELLI, 2009).

Da mesma forma que no primário, no ensino secundário os métodos passaram por mudanças que foram dos mnemônicos aos mais ativos. De maneira geral, tanto no Colégio Pedro II, quanto em outras unidades, o ensino centrava-se na preleção de professores e leitura de livros que orientavam os alunos a responderem por escrito ou oralmente questionários e provas normalmente realizados no sábado, as chamadas sabatinas. Nem mesmo a inclusão do currículo científico alterou essa realidade, já que até as disciplinas da área de exatas, que deveriam ser ministradas com o auxílio de laboratórios, na falta destes, também se tornaram decorativas. E não eram poucos os conteúdos abordados nas aulas, já que seriam cobrados, tantos em provas, quanto em exames vestibulares. Formando um contexto propício à propagação do uso da “cola” (BITTENCOURT, 2009).

Ainda segundo Bittencourt (2009), essa educação conteudista será contestada apenas na década de 1950. Os principais insatisfeitos eram os professores formados nos cursos de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que por meio da publicação de artigos criticavam os conteúdos que tinham apenas um fim em si mesmo, ou seja, não levava em conta a realidade do aluno no momento de serem selecionados.

Na década de 1960, inúmeras unidades de ensino passaram a sofrer fortes sanções por parte do governo federal. Por fazer uso de novos instrumentos e desenvolver estudos do meio, muitos colégios de aplicação, por exemplo, foram fechados por serem considerados

subversivos. O ensino de História nesse período teria ficado a serviço da instrução nacional e a escola como responsável por reproduzir os interesses estipulados pelo governo militar. Diante disso, fazer oposição era considerado crime de lesa pátria e punida severamente. É somente na década de 1970 e, com mais entusiasmo, na década de 1980 que a Igreja Católica, as universidades e muitos intelectuais começaram a combater o regime ditador (CERRI, 2011).

Após atravessar esse período “sombrio” da nossa história (1964-1985), passamos gradativamente a vislumbrar um ensino de História que se pretende mais inclusivo e abrangente. A escola começa a ser vista como um espaço privilegiado para discussões, onde se aprende conteúdos sociais, culturais, associados a valores e ideários políticos. Segundo Bittencourt (2009), a década de 1980 também trouxe reflexões importantes sobre reformulação curricular.

As discussões recaiam sobre quais conteúdos deveriam ser substituídos ou mantidos na tarefa de integrar os alunos oriundos das várias camadas populares. Enquanto de um lado, havia aqueles que defendiam a utilização dos mesmos temas, seja na escola pública, seja nas escolas das “elites”. Do outro, havia os que acreditavam que a escola não pode ser vista apenas como um espaço transmissor de conteúdo, mas como ambiente que deve ater-se a temas significativos para os alunos, os quais incorporam parte de objetos de estudos tradicionais, mas sem deixar de lado temáticas que lhes proporcionem uma leitura de mundo.

Observar um pouco da trajetória do ensino de História no Brasil, faz-nos perceber o quanto ela era uma disciplina que refletia a exclusão. Seja no que diz respeito aos sujeitos abordados em sala de aula (normalmente figuras consideradas ícones no cenário nacional), quanto aos resultados obtidos, já que entre seus principais objetivos estavam a formação de um cidadão obediente e conformado com o *status quo* há muito tempo estabelecido em nosso país. Logo, ensinar História naquela conjuntura (final do século XIX e grande parte do século XX) servia como instrumento que podia ampliar o abismo que há entre aqueles que possuem e os que não possuem recursos. Contexto que passou por significativas transformações a partir das últimas décadas do século XX, fazendo com que o ensino de História passasse a ter outra importância.

Diante do exposto, nós, professores de História, somos constantemente desafiados a estar sempre atentos, a fim de evitar que determinadas práticas e conteúdos se perpetuem em sala de aula, a fim de que possamos vislumbrar um ensino de História mais democrático e que faça com que os discentes reconheçam tanto a si, quanto ao seu grupo como integrantes e modificadores da realidade. Uma das consequências dessa vigilância está em dar um passo

relevante na busca da resignificação do olhar que tem sido direcionado a esse campo do conhecimento. E é fazendo uso dessas premissas que tentaremos desenvolver este trabalho.

1.2 . O Papel do Ensino de História no Contexto da Globalização

Ensinar História pressupõe a tarefa de auxiliar os alunos na percepção de elementos estáveis e que passaram por transformações durante o desenrolar do processo histórico. Continuidade e ruptura são categorias de análise que tornam inteligíveis as ações do homem ao longo do tempo. Enquanto a primeira indica a permanência de estruturas e relações de tempos anteriores dentro do presente, a segunda introduz a cisão nesse processo, trazendo alterações de forças que impedem que os momentos do futuro sejam iguais ao presente (MENEGUELLO, 2019). Todavia, o ensino de História que não está preocupado com transformações sociais, nem com temáticas significativas para os estudantes, como o que relatamos anteriormente, tende a ser algo pouco atrativo para aluno, ampliando o número dos que questionam a importância e o impacto que o ensino de História tem em suas vidas. Acreditamos ainda que a origem desse tipo de questionamento possa também está atrelada ao contexto político, econômico e social que passamos a enfrentar diariamente nas últimas décadas.

O contexto mencionado diz respeito ao que chamamos de globalização, que de forma simplificada é apontada por Silva e Silva (2010, p. 169) como “um processo de integração global, definindo-se como a expansão, em escala internacional, da informação, das transações econômicas e de determinados valores políticos e morais”. É um fenômeno que também estimula a migração de trabalhadores, já que necessidades econômicas têm feito pessoas se espalharem pelo globo, gerando impactos tanto no país de origem, quanto no de destino do migrante. Por conta desse movimento de pessoas, muitas cidades apresentam comunidades e culturas diversificadas, produzindo identidades plurais, muitas delas contestadas, gerando, não raro, desigualdades (WOODWARD, 2014).

Nesse ambiente de trocas rápidas e de imposições culturais, conhecida como “nova ordem mundial,” também se apresenta a política neoliberal que:

(...) é a retomada do liberalismo do século XIX, que defende, sobretudo a tese do *Estado mínimo*, ou seja, menor intromissão do Estado no mercado e na economia. Os neoliberais acreditam na hegemonia do setor privado e na desigualdade social como algo positivo para desenvolver a concorrência, selecionando os competitivamente mais aptos. (SILVA; SILVA, 2010, p. 171)

Ainda que a globalização traga consigo certos benefícios, tais como aproximar os grupos humanos, facilitando o comércio, a difusão de informações e a comunicação. Suas características intrínsecas promovem abertamente a concorrência, o individualismo e, conseqüentemente, a desigualdade social, refletindo em um processo cada vez maior de marginalização dos indivíduos de baixa renda, que, na maioria das vezes, são aqueles que ocupam as salas de aula das escolas públicas do Brasil, a exemplo dos nossos alunos de Capela-SE. Soma-se a isso, a acentuada importância dada ao presente e aos avanços tecnológicos, fazendo com que tudo aquilo que é antigo, frequentemente, seja considerado velho, descartável e sem muita importância. E o ensino de História por ser visto apenas como algo ligado ao passado, também passa a ser desvalorizado (BERUTTI; MARQUES, 2009).

Temos ciência de que esse contexto não invalida o papel que o ensino de História tem para a sociedade, muito pelo contrário. Concordamos com Cerri (2011), quando afirma que homens e mulheres são seres de cultura e isso é um dos principais elementos que faz a vida ser rica, dinâmica e, acima de tudo, variada. Não somos uma coisa entre tantas outras, não servimos apenas para trabalhar e consumir. Enfrentamos dilemas, oprimimos e somos oprimidos, reverenciamos santos, orixás, transitamos frequentemente entre o sagrado e o profano, do culto religioso às festas, produzimos diversos tipos de culinária e formas de relacionar-se com a natureza ao longo de nossa existência.

Segundo Moreira e Vasconcelos (2007), essa característica humana de produzir a diversidade revela a importância do ensino de História, o qual nos possibilita, por meio da observação e reflexão sobre nossas experiências passadas, tomar consciência da nossa identidade social. Por mais que a História não se dedique apenas ao passado, buscamos neste, os elementos que justifiquem o pertencimento a determinado grupo ou grupos sociais, diferenciando-nos de indivíduos participantes de outros. É por conhecermos nosso próprio passado que somos capazes de entender nosso papel no presente e agir no mundo de modo a transformá-lo.

Na mesma linha, Circe Bittencourt (2009), ao basear-se na observação de propostas curriculares surgidas no final do século XX, dentre elas os PCN, afirma que estudar História atualmente no Brasil é um ato importante, sobretudo, pelo seu papel na constituição de identidades. Logo, o estudo da História ajuda a aguçar e ampliar nossa compreensão da realidade social, auxiliando a nortear nossas ações para que possamos garantir uma sociedade melhor para se viver.

Em um texto simples, mas de grande relevância para os estudos de questões que envolvem a identidade em nossos dias, Stuart Hall ao contribuir com um dos três capítulos

que compõem a obra “Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais”, de 2014, pondera que:

“Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar””. (HALL, 2014, p. 112)

Além das características acima mencionadas, Tomaz Silva (2014) acrescenta que a identidade não é algo dado, seja por questões naturais ou culturais, não é fixa, estável, coerente, unificada ou permanente. Ela tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica do início ao fim da vida. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente e inacabada. Está atrelada a estruturas narrativas, ou seja, é criada cultural e socialmente, o que a torna maleável e marcada por um complexo processo de produção.

Para Circe Bittencourt (2009), o ensino de História ao auxiliar na construção dessa identidade, acaba estimulando a formação da cidadania. Questão essencial quando levamos em conta as finalidades educacionais e o papel da escola na atualidade.

Todavia, encontrar um conceito de cidadania adequado a nossa realidade exige um esforço a mais por parte do professor, principalmente por conta da historicidade do termo. De acordo com Silva e Silva (2010, pp. 47-50),

o conceito de cidadania que temos hoje é fruto das chamadas Revoluções burguesas, particularmente da Revolução Francesa e da independência dos EUA do século XVIII, mas também da Revolução Industrial. (...) A rigor a podemos definir como um complexo de direitos e deveres atribuídos a um indivíduo que integra uma Nação, complexo que abrange direitos políticos, sociais e civis. (...) Em resumo, podemos entender a cidadania como toda prática que envolve a reivindicação, interesse pela coletividade, organização de associações, luta pela qualidade de vida, seja na família, no bairro, no trabalho, ou na escola, ela implica um aprendizado contínuo, uma mudança de conduta diante da sociedade de consumo que coloca o indivíduo como competidor pelos bens da produção capitalista.

Cabe ao professor estabelecer que tipo de História e de cidadania melhor se aplica às necessidades dos seus alunos, sujeitos do século XXI.

Dentre as propostas de ensino de História que ganharam força na década de 1980, a história temática buscava romper com a linearidade e determinismos históricos, fazendo uso de estudos que partiam de problemas oriundos da realidade dos alunos, incorporando temas, ações e sujeitos até então “esquecidos”, tanto pela historiografia, quanto pelo ensino escolar. Essa metodologia tem um poder transformador, já que possibilita não só aos alunos como também aos professores sentirem-se sujeitos que lutam e resistem nos diversos espaços de vivência, e que, por meio de suas ações, produzem história e conhecimento (FONSECA, 2003).

Essa concepção de ensino e aprendizagem facilita a revisão do conceito de cidadania abstrata, pois ela não é algo apenas herdado via nacionalidade, nem se liga a um único caminho de transformação política. Ao contrário de restringir a condição de cidadão a de mero trabalhador e consumidor, a cidadania possui um caráter humano e construtivo, em condições concretas de existência. (FONSECA, 2003, p. 94)

Ainda segundo Fonseca (2003), o ensino de História por temas, ao ouvir os diferentes sujeitos históricos, desafia os modelos ideológicos homogeneizadores, que levam os alunos ao obscurantismo e a auto exclusão. Ademais, ensinar História com base em ideias deterministas e com sentido de progresso, como forma de redenção política, conquista de direitos e de cidadania, significa contribuir, voluntaria ou involuntariamente, para a manutenção do *status quo*. Contrariando uma das principais características do ensino de História no século XXI, a busca pelo fim da exclusão.

A ideia de instrumento integrador que a educação e o ensino de História possuem na formação de cidadãos, também fica evidente nas palavras do pesquisador Ricardo Pacheco, que ao falar sobre o ensino de História no contexto em que as chamadas novas tecnologias se impõem, salienta que:

Não podemos nos esquecer de que a educação formal também deve estar atenta às tradicionais necessidades dos grupos marginalizados por acesso aos saberes que lhes possibilitem melhores condições de vida. Uma educação da inclusão digital não pode esquecer da inclusão social. A educação que qualifica e prepara o aluno para agir no mundo globalizado, só representa avanço na medida que o prepara para o exercício consciente da cidadania em sua comunidade local. (PACHECO, 2017 pp. 16 -17)

Nesse sentido, caberia ao ensino de História o papel de buscar meios que contornem ou mesmo amenizem as dificuldades provenientes da dinâmica social que se apresentaram nas últimas décadas, em prol de uma sociedade mais justa e democrática, na qual todos os segmentos sejam respeitados nas suas diferenças e que façam com que os indivíduos consigam estabelecer relações entre fatos de ordem política, econômica e cultural, de forma que observem que estão a viver em um presente contraditório que envolve violência, desemprego e problemas ambientais, tendo ainda condições de refletir e localizar os acontecimentos no tempo (BITTENCOURT, 2009).

Luis Fernando Cerri (2011) atribui outro papel de ordem política e social à disciplina. De acordo com o pesquisador, o ser humano ao tomar consciência de pertencimento a um grupo social, desenvolve, ao longo de sua existência, mecanismos que lhe permite orientar-se no tempo e no espaço, partindo da noção de que o mundo já existia antes do seu nascimento, de que ele está mudando durante a sua vida e continuará a existir e transformar-se após a sua morte. Tal capacidade de compreensão desenvolve-se a partir da aquisição de conhecimentos sobre acontecimentos do passado que tenham sentido para a vida prática no presente. A esse

conjunto de experiências cognitivas, aquisições de conhecimentos e operações de memória que levam o indivíduo a sentir-se sujeito histórico, dar-se-á o nome de consciência histórica.

Lançando mão das ideias de Agnes Heller e Jörn Rüsen, Cerri (2011, p. 27) afirma que a consciência histórica “(...) não é meta, mas uma das condições de existência do pensamento: não está restrita a um período da história, a regiões do planeta, a classes sociais ou indivíduos mais ou menos preparados para a reflexão histórica ou social geral”. Nas palavras do autor, a consciência histórica faz parte da condição humana. Logo, não seria necessário ir à escola ou assistir às aulas de História para consegui-la.

Diante dessa característica, surge um importante questionamento: qual seria o papel do ensino de História na formação da consciência histórica? No que diz respeito à vida do sujeito, ou seja, no caráter individual, Cerri (2011) afirma que a sua principal função é de alargar horizontes, permitindo a ascensão de formas mais complexas de pensamento, além de preparar a “autodefesa intelectual” que ajuda o cidadão a não ser suscetível a manipulações que os subjuguem a interesses alheios. No que se refere ao interesse coletivo, o autor argumenta que a função do ensino de História é prevenir a formação de identidades não razoáveis, a exemplo das cegamente nacionalistas, das religiosamente fundamentalistas e das identidades incondicionalmente cientificista, pois tendem a ser potencialmente autoritárias e destrutivas. Por outro lado, o autor afirma que são razoáveis as identidades baseadas no diálogo, que se sustentam em argumentos e que não neguem a possibilidade de que estes possam ser vencidos, postos a prova ou discutidos, já que estão baseadas no diálogo.

Diante do contexto de exclusão social, reflexo de um sistema capitalista globalizado que afeta diretamente a nossa realidade, percebemos que o ensino de História através de seus conteúdos e métodos pode ser um importante instrumento capaz de fazer com que os alunos se reconheçam como sujeitos históricos pertencentes a um ou mais grupos sociais localizados no espaço e no tempo, e que independente de sexo, etnia ou classe social, podem, por meio de suas ações e posicionamentos, transformar a sua realidade em busca de uma sociedade menos desigual e mais participativa para si e para as futuras gerações. O que torna importante o contato com esse campo do conhecimento, principalmente por parte daqueles que estão inseridos nas camadas menos favorecidas da sociedade, a exemplo de muitos alunos matriculados em escola pública.

Mas, quando o assunto é estudar as festividades nas aulas de História. É possível transformar esse tema em objeto de estudo? Se sim, qual a importância disso? E no que diz respeito à História Local, é interessante a sua utilização em tempos de globalização? São questões complexas, mas que buscaremos refletir sobre elas nas páginas seguintes.

1.3. É Cabível Estudar as Festas e a História Local?

Convencido da importância do ensino de História e ciente do comportamento pouco interessado nas aulas por parte de alguns dos nossos alunos, começamos a avaliar que estratégias pudessem atenuar essas dificuldades. Como já salientamos, ingressar no ProfHistória nos levou, dentre outras coisas, a “ver com outros olhos” a utilização de temáticas que fazem parte do cotidiano dos alunos em nossas aulas, todavia, sem esquecer-se de buscar a articulação com conteúdos “mais amplos”.

Por isso, decidimos, como eixo central desta pesquisa, tentar ensinar História por meio da análise de uma manifestação cultural que é apontada por muitos como a mais significativa para os habitantes do município sergipano de Capela, a Festa do Mastro. Um festejo de caráter popular, que no ano de 2019 foi reconhecido patrimônio cultural dos capelenses (Lei Municipal nº 557/2019), e em 2021, como patrimônio cultural imaterial do estado de Sergipe (Lei Estadual Nº 94/2021).

Assim como a própria História enquanto campo de conhecimento, as festividades são organismos “vivos”, não são imóveis. Por serem frutos das ações organizadas e realizadas pelos homens, atualizam-se e transformam-se ao longo do tempo. Estudiosa do assunto, Mary Del Priore (1994) descreve a festa como um território lúdico, reflexo das frustrações, alegrias e reivindicações dos grupos que formam a sociedade. São momentos em que evidenciamos tanto a pompa, quanto o trabalho dos envolvidos. Ora revela a criatividade da sociedade, ora a perenidade das instituições de poder. Trata-se de um fato político, religioso e simbólico, no qual danças e músicas vão além da diversão, já que trazem consigo uma função social que permite a todos os sujeitos envolvidos introjetar valores, normas e conhecimentos comunitários. Uma ocasião propícia à eclosão de paixões e, não raro, de violência.

A festa como objeto de estudo está ligada, historiograficamente, ao campo da História Cultural e das Mentalidades, interesse que ganhou força a partir da década de 1970, quando historiadores começaram a analisar as festividades religiosas, cívicas e carnavalescas, procurando, através delas, entender a coletividade por meio da observação de atitudes, comportamentos, tensões, visões de mundo, representações culturais, simbólicas e, principalmente, da religiosidade popular (COUTO, 2001).

Para Roberto Catelli Junior (2009), a festa popular pode ser uma forma de reafirmar e refazer os laços de identidade de um grupo. A cada festa realizada, somam-se esforços de membros de uma comunidade que resgatam sua memória, reafirmando valores e tradições

locais. Tradições estas que servem como referência para muitos daqueles que nascem e crescem naquele lugar, produzindo laços identitários que se estabelecem entre as pessoas.

Diante de todas essas características até então colocadas, tomamos as festividades como temática passível de ser estudada durante as aulas de História, já que:

Seguramente toda festa popular é importante fonte para construir as particularidades da história da formação da cultura brasileira, servindo de ponto de partida para ensinar história de maneira contextualizada. Pode se partir do cotidiano vivido pelos nossos jovens, aprendizes de foliões (...) para construir uma reflexão ampla acerca dessa identidade que se constituiu e constantemente se transforma (CATELLI JUNIOR, p. 180).

Por isso, faremos a abordagem da Festa do Mastro, buscando defini-la e contextualizá-la em espaços e momentos distintos, desde os seus primórdios na Europa, até a sua realização em vários municípios do estado sergipano, dentre eles, Capela-SE.

A abordagem histórica da Festa do Mastro feita pelos alunos de Capela-SE, é também uma oportunidade de fazer com que deixem de encarar a História como algo unicamente ligado ao passado, que já se foi, e que por isso mesmo é desnecessária, possibilitando que compreendam o festejo como parte de um longo fio que vem se tecendo e transformando no decorrer do tempo. Significa ainda, fazer o emprego da História Local, abordagem que pode soar pouco fora de moda e até mesmo insignificante em tempos de globalização, mas que possibilita inúmeras vantagens em sua utilização.

Ao tratar da História Local e o seu papel como forma de “transposição didática” nas aulas de História, Maria Auxiliadora Schmidt afirma que uma das possibilidades é:

Produzir a inserção do aluno na comunidade da qual ele faz parte, criar a sua própria historicidade e produzir a identificação de si mesmo e também do seu redor, dentro da História, levando-o a compreender como se constitui e se desenvolve a sua historicidade em relação aos demais, entendendo quanto há de História em sua vida que é construída por ele mesmo e quanto tem a ver com elementos externos a ele – próximo/distante; pessoais/estruturais; temporais/espaciais. (SCHIMIDT, 2007, p. 190)

As principais críticas dirigidas a trabalhos com a História Local, dizem respeito à forma como ela tem sido praticada. Do século XIX a boa parte do século XX, a produção historiográfica no Brasil sofria forte influência do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB) e seus congêneres provinciais/estaduais. Nesse período, ganhou destaque produções conhecidas como corografias, trabalhos produzidos por membros do IHGB, uma elite que normalmente abordavam questões regionais e locais através de uma mescla entre História, tradição e memória coletiva. Como principais características, as corografias apresentavam recortes espaciais que privilegiavam aspectos políticos e naturais, apontando os elementos culturais de determinada população como algo distinto, marcante e imutável. Descrevia a

fauna, a flora e normalmente traziam a biografia de personagens ou grupos familiares considerados importantes. E mesmo com essas características deterministas e excludentes, esses estudos eram muito empregados na educação dos jovens (NASCIMENTO JUNIOR, 2016).

Para Marcos Martins (2010), as corografias começam a ser deixadas de lado entre as décadas de 1960 e 1970, quando parte da produção historiográfica passa a ser feita no ambiente das universidades. Essa nova conjuntura provocou certa confusão entre o que seria local, regional e o que é nacional. Nessas circunstâncias, a Universidade de São Paulo (USP), por exemplo, passou a produzir pesquisas que abordavam aspectos da história paulista, mas que por conta da influência política e econômica que exercia, esses estudos passaram a ser apontados como história nacional. São Paulo torna-se o Brasil quando o assunto é a produção do café, a imigração, vanguardas artísticas, e assim por diante. Segundo o autor, essa postura historiográfica começa a ser questionada na década de 1980, quando cursos de pós-graduação passam a ser criados fora de São Paulo, dando início à correção de algumas distorções históricas, produzindo uma nova geração de historiadores preocupados com a relação que se estabelece entre o local, o regional e o nacional, culminando na desconfiança de modelos que desenvolvem macroabordagens ou abordagens totalizantes.

Ao observarmos fatos que vem ocorrendo desde o final do século XX, perceberemos que não caminhamos em direção à eliminação das especificidades locais. Mesmo ciente de que a globalização difunde valores e comportamentos, induzido gostos, verifica-se que o capitalismo chinês é diferente do brasileiro, que as festividades ocorridas em Portugal, por exemplo, são comemoradas de forma distinta das realizadas no Brasil. Isto nos leva a crer que as características locais ainda conseguem resistir e se impor a tudo aquilo que vem de fora, gerando um conflito que põe em lados opostos a uniformização e a diferenciação, gerando comportamentos que buscam incessantemente a reorganização dos espaços (QUEIROZ E SILVA, 2001).

É diante desse contexto que a História Local passou a ser um artigo necessário, já que um de seus objetivos é (re)valorizar a cultura e o ambiente estudado. Uma prática bem executada da história local ou regional, mais do que combater concepções generalizantes, fortemente difundidas por discursos e livros didáticos, tem a vantagem de trazer novos problemas e hipóteses para as aulas de História, o que por si só já justifica sua utilização em qualquer nível da educação básica (MARTINS, 2010).

É de grande valia permitir com que o aluno se debruce sobre temas que envolvam a sua localidade durante as aulas, pois se trata também de uma ótima oportunidade de desfazer a

interpretação de que a História é feita apenas por outros sujeitos distantes no espaço e no tempo, já que o aluno pode perceber a História diretamente nos prédios e indivíduos de seu conhecimento, passando também a sentir-se sujeito histórico. A História Local tem ainda a vantagem de trazer uma série de benefícios. Um deles é mostrar as “formas surdas” de resistência, não expondo apenas as lutas de partidos políticos, sindicatos, entre outros. É um tipo de abordagem que mostra homens e mulheres não apenas como sujeitos passivos, mas como participantes de relações sociais determinadas por interesses, necessidades e antagonismos oriundos, por exemplo, de valores, tradições, ideias e religião (QUEIROZ E SILVA, 2001).

Não são poucas as contribuições que a História Local pode proporcionar ao ser utilizada por professores durante as aulas. Bittencourt salienta que:

A história local tem sido indicada como necessária para o ensino por possibilitar a compreensão do entorno do aluno, identificando o passado sempre presente nos vários espaços de convivência – escola, casa, comunidade, trabalho e lazer -, e igualmente por situar os problemas significativos da história do presente. (BITTENCOURT, 2009, p. 168)

Como o indivíduo vai agir de forma a buscar uma sociedade mais justa e democrática, por exemplo, sem a devida compreensão da realidade na qual está inserido? Como tomar posição em um mundo do qual não se tem conhecimento? Diante de questões como essas, Luis Fernando Cerri pondera que:

(...) faz toda a diferença conhecer, mesmo que superficialmente, a história das coisas que nos cercam e com as quais interagimos (objetos, ideias, situações, instituições, leis) ao tomar nosso posicionamento diante dos múltiplos aspectos da realidade. Entender as coisas como construção, com uma duração própria, é necessário para quem agir sobre elas. (Cerri, 2011, p. 58)

Por outro lado, o uso da História Local pode esconder certas “armadilhas” com as quais o professor deve estar atento. A primeira delas é criar a ilusão de que a realidade imediata é a única fonte e motivação da produção de conhecimento. A segunda, refere-se ao entendimento de que ela contém a chave de sua própria explicação. Isso se deve ao fato de que problemas envolvendo fatores econômicos, sociais, políticos e culturais, por exemplo, relacionam-se com contextos históricos mais amplos. E terceiro, quando a História Local for apontada como construtora de identidade, é importante ressaltar que no atual contexto de globalização, é necessário observar as relações que devem ser conhecidas e situadas: local, nacional, latino-americano, ocidental e assim por diante (SCHIMIDT; CAINELLI 2009).

Diante do que foi exposto, podemos considerar que o ensino de História é de grande importância, já que seus benefícios ultrapassam a mera aquisição de conhecimento. Com o seu emprego, é possível constituir identidades, formar cidadãos, além de ampliar dimensões

da consciência históricas dos estudantes. Benefícios passíveis de serem alcançados tanto com o uso da História Local, quanto com a utilização de festividades como objeto de conhecimento. Logo, a Festa do Mastro pode configurar-se como uma temática valiosa para o ensino de História, sobretudo, para os nossos alunos capelenses, os quais tem a oportunidade de vivenciá-la anualmente. Por isso mesmo, reservamos os dois próximos capítulos deste trabalho para uma breve análise dessa festividade tão peculiar.

2.0. DO VELHO AO NOVO MUNDO: CONTEXTUALIZANDO A FESTA DO MASTRO

Desde muito jovem que, dentre as muitas festividades realizadas no município de Capela-SE, uma nos chamava bastante a atenção, a Festa do Mastro. E os motivos para que despertasse o nosso interesse e curiosidade não eram poucos: amigos e colegas de trabalho dos nossos tios e tias, residentes em Aracaju-SE, chegavam às dezenas com o objetivo de conhecer a tão comentada Festa do São Pedro que é realizada no mês de junho em nosso município.

Diferente de outros eventos, não havia tanta necessidade de comprar roupas novas, já que não gostávamos de participar dos shows musicais que eram realizados à noite, e as quais se fossem utilizadas durante a Busca do Mastro (auge da festa), voltariam rasgadas ou, no mínimo, cheias de muita lama. A “protagonista” da festa é uma árvore, que é transportada da Mata do Junco (zona rural) à Praça do São Pedro (Centro), passando pelas principais ruas do município até ser queimada em uma enorme fogueira montada durante o final do festejo. Características interessantes que acabavam atraindo o nosso olhar já na infância.

Trata-se de um evento não muito convencional e que poucos queriam perder. Enquanto os mais jovens se divertiam caindo diretamente na folia, os mais velhos entretinham-se colocando cadeiras nas calçadas, ficando a tarde inteira jogando conversa fora e dando risadas enquanto observavam o retorno daqueles participantes que mal podiam caminhar por conta da lama e do consumo de bebida alcoólica. O interessante é que ao fim do festejo (final da noite do dia 29 de junho, quando encerram as tentativas de resgatar os prêmios pendurados no mastro em meio a uma batalha de busca pé²), praticamente todos prometiam e retornavam no ano seguinte.

A presença e participação dos diversos segmentos da sociedade capelense na referida festa a enquadra como uma manifestação da cultura popular. Termo este que, segundo documento redigido em 1989, na 25ª Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO “é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundada na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente, respondem as expectativas da comunidade enquanto expressão de sua

²Segundo Câmara Cascudo (2001), é uma peça de fogo de artifício muito utilizada na noite de São João, a mais popular, indispensável e característica das festas de Junho. De formato cilíndrico, corre no chão, ziguezagueando com o deslocamento do ar. Muito utilizada para espantar dançadores, tornando as ruas intransitáveis com as batalhas.

identidade cultural e social”. Em outras palavras, o público participante da festa independe de etnia, sexo e classe social da localidade.

A Festa do Mastro está entre os eventos de maior relevância para município sergipano de Capela. É a festividade que mais mobiliza os moradores e autoridades da localidade e que, por conta da dinâmica que lhe é característica, acaba atraindo inúmeros turistas do Brasil e até mesmo do exterior³. É aguardada por muitos, já que a sua realização também garante uma renda extra aos vendedores ambulantes, fabricantes de bebidas e bacamartes, donos de bares, pousadas, restaurantes, fabricantes e vendedores de fogos de artifício, comerciantes de comidas típicas, proprietários que alugam suas casas para os interessados em participar do evento, dentre tantos outros. Soma-se a essas questões, o fato do sucesso de sua realização, bem como a apresentação de artistas de renome nacional serem utilizados como instrumento de propaganda política pessoal por políticos locais.

A dinâmica básica da festa tem início em meados de junho, quando os habitantes vão ao RVSMJ – Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, um remanescente de Mata Atlântica e, por meio de um ritual, escolhem uma árvore de médio para grande porte, a qual no último domingo do mês, voltam para derrubá-la. Em uma espécie de culto à natureza, o mastro é tocado, por grande parte dos brincantes e colocado nos ombros destes, que por meio de um revezamento, é levado em desfile pelas principais ruas do Centro de Capela-SE, até ser erguido, por volta das 13 horas, em uma de suas praças. Homenageando São Pedro, a madeira é enfeitada com prêmios e erguida no centro de uma fogueira que é acesa por membros da comissão organizadora do evento, às 19 horas.

Conhecer a dinâmica da Festa do Mastro é uma coisa, levar a temática para as aulas de História, é outra bem distinta. Para esta última tarefa, torna-se necessário que reflitamos um pouco mais sobre o festejo, empreitada que faz com que uma série de questões básicas surja. Dentre elas estão: o que seria a Festa do Mastro? Há como encontrar um conceito que a defina? É uma festividade de origem brasileira? Ela ocorre em outros estados do Brasil ou somente em Sergipe? Quais os municípios sergipanos que realizaram e ainda realizam essa festividade? De que forma passou a ser realizada no município sergipano de Capela? Como ela vem se desenvolvendo ao longo do tempo? Por contar com a retirada de árvores, ela causa algum tipo de prejuízo ambiental?

³ Segundo Amaral (1998), os festejos juninos do município, incluindo a Festa do Mastro estão inseridos no Calendário Turístico Oficial da EMBRATUR – Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo. Fato que também auxilia a direcionar turistas ao interior de Sergipe com o intuito de conhecê-las.

Na tentativa de responder as questões mencionadas, procuramos auxílio em trabalhos desenvolvidos por alguns intelectuais que tiveram suas pesquisas, de certa forma, ligadas a essa temática, ou seja, à Festa do Mastro. Dentre os principais, está o “Dicionário do Folclore Brasileiro”, obra publicada pela primeira vez em 1954, por Luis da Câmara Cascudo. Muito citado em pesquisas desta natureza, o dicionário traz, de forma didática e sem perder o caráter acadêmico, por meio de verbetes dispostos em ordem alfabética, o mundo folclórico dos folguedos populares, das figuras indígenas, dos instrumentos musicais, das danças, das festas e de inúmeras outras temáticas presentes na cultura brasileira. Dentre as festividades abordadas pelo autor, estão aquelas ligadas aos festejos juninos, como as dedicadas a São João e a São Pedro. Nesta última, o autor salienta a Festa do Mastro, trazendo sua definição, além de informações relevantes, como a finalidade de sua realização em determinadas localidades.

Outro trabalho de relevância encontramos na pesquisa de Mary Del Priore, publicada em 1994, e intitulada “Festas e Utopias no Brasil Colonial”, na qual a historiadora analisou várias festas em Minas Gerais, Pernambuco e na Bahia Colonial, inclusive cerimônias festivas que faziam o uso de mastros, procurando, com isso, compreender as maneiras de pensar, ver e sentir dos vários segmentos da sociedade que delas participavam. Segundo Del Priore, as comemorações cívicas ou religiosas estavam ligadas ao Rei ou à Igreja, por isso eram “festas concessões”. O Estado e o clero permitiam os divertimentos como forma de confirmar seus poderes e disciplinar a população.

A Festa do Mastro, de Capela-SE, está no contexto dos chamados festejos juninos. E foi justamente por essa característica que ganhou relevância na pesquisa em tela a obra publicada em 2002, pela antropóloga Lúcia Helena Vitalli Rangel, que tem como título “Festas Juninas, Festas de São João: origens, tradições e história”. Nela, a pesquisadora discorre de forma clara, objetiva e didática sobre as origens, características e diversos componentes que compõem as festas do mês de junho. Partindo da Europa ao Brasil, Rangel aponta as festas do mastro como resultado de comemorações coletivas ligadas ao cultivo e rituais de fertilidade, sendo posteriormente adaptadas ao culto cristão.

Outro trabalho interessante ao qual recorreremos foi o publicado por Edelize Couto, em 2001. Com o título de “A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA)”, a obra teve como principal objetivo estudar as transformações históricas sofridas pela Puxada do Mastro, um evento secular que é realizado anualmente no estado da Bahia, análogo à Festa do Mastro realizada em Capela-SE. Segundo a autora, os festejos religiosos e ao mesmo tempo profanos, como o citado, em momentos

distintos apresentaram variadas finalidades em sua realização. No caso do município de Ilhéus-BA, o festejo serviu para expandir a fé cristã, manter laços de sociabilidade, conservar traços da cultura indígena e atrair o turismo para a região.

Trabalho que também ganhou relevância para esta pesquisa foi o desenvolvido pelas historiadoras Denilza de Oliveira Santos e Jizélia Marque Santos, que juntas publicaram, em 2014, os resultados de suas respectivas monografias de graduação em História pela UFS. Com o título “Festa do Mastro de Capela: uma abordagem histórica e afetiva”, a obra faz uma investida sobre as transformações por quais passaram a Festa do Mastro de Capela-SE, entre os anos de 1939 e 2012. Segundo as pesquisadoras, a festa de Capela foi adquirindo características próprias e, por inúmeras circunstâncias, transformou-se na principal manifestação cultural do município.

Após apresentarmos um pouco da dinâmica que constitui a Festa do Mastro do município sergipano de Capela e elencar alguns autores que nos auxiliarão nessa complexa jornada, propomos, na sequência, apontar elementos que nos remetam tanto a uma definição plausível do que é esse festejo, quanto às suas possíveis origens.

2.1. Festividades Ancestrais

O primeiro e grande desafio desta empreitada reside em tentar buscar um conceito que consiga enquadrar algo tão dinâmico e complexo como é a Festa do Mastro. Em grande parte, essa dificuldade deve-se ao fato de que esse tipo de festividade, que traz em sua essência elementos sagrados e profanos, dispõe de características específicas para cada contexto histórico, ou seja, peculiaridades que estão diretamente ligadas tanto ao momento, quanto ao local de sua realização.

Nesse sentido, uma importante tentativa foi feita na obra “Dicionário do Folclore Brasileiro”, de autoria de Luis da Câmara Cascudo (2001). Nela, o pesquisador reserva um verbete para apontar algumas das principais características de festividades pelo Brasil que realizam o erguimento de mastros. De acordo com o historiador e folclorista potiguar:

Em numerosas localidades do Brasil, do Norte, Sul e Centro, há a seguinte tradição: o mastro de São João e o Orago da freguesia são erguidos diante da igreja, com música cantos e foguetes ao iniciar-se a festividade votiva (...) Sobrevive o costume de plantar uma árvore pelos três santos de junho (Santo Antônio, São João e São Pedro) e pendurar-lhe frutos, flores e enfeites de papel ao som de cantos. Em algumas partes, o mastro recebe as mesmas honras votivas. (CASCUDO, 2001, p. 371, grifo nosso)

Para o autor, esse tipo de festividade não se apresenta de forma homogênea no território brasileiro. E mesmo sofrendo transformações por conta de mudanças temporais, geográficas e culturais, alguns temas sempre estão presentes. São eles, o misticismo, envolvendo os aspectos religiosos e a profanidade presente no festejo, ou seja, o sagrado e o profano. Por sagrado, entende-se aquilo que é relativo à religião, que possui natureza divina, que é objeto de culto, e que, por esses motivos, deve ser respeitado por todos os indivíduos (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996). Por outro lado, o profano é tudo aquilo que não é considerado sagrado, ou seja, é o extremo oposto do que é ligado à religiosidade (ELIADE, 1992).

De acordo com Pereira e Gomes (2002), as transformações por quais passam os eventos ligados à cultura popular são reflexos tanto da interferência de fatores internos quanto externos à sociedade que o realiza. Isso significa dizer que, processos que vêm de fora como o da globalização, por exemplo, penetram interferindo na dinâmica social de determinada localidade, alterando os valores dos seus habitantes, criando novas necessidades econômicas e sociais. Esta condição faz com que determinados eventos apresentem modificações de significado e de público, por exemplo. Entretanto, segundo os pesquisadores, esse processo nem sempre pode ser visto como uma grave ameaça à continuidade da festividade, já que a preservação da cultura popular, muitas das vezes, é garantida por meio das constantes reconfigurações de sua dinâmica, ou seja, quase sempre, as alterações sofridas por uma festividade são situações naturais que devem ser reinterpretadas como a influência do popular em outros âmbitos e vice-versa. No fim das contas, a cultura popular tanto sofre, quanto impõem modificações.

No caso da Festa do Mastro, mesmo em meio a séculos de mudanças, há uma essência que resiste ao tempo. Ela consiste na retirada de uma árvore previamente escolhida na mata, seu transporte em cortejo, seguida de sua queima no centro da freguesia. Todavia, conduzir e erguer uma árvore ou mastaréu durante esse tipo de festividade requer um esforço físico que possui objetivos distintos por parte dos participantes: enquanto em algumas ocasiões serve como forma de pedido ou agradecimento por graças alcançadas com o intermédio do santo de devoção (normalmente os do ciclo junino ou o padroeiro da localidade), constituindo as tradicionais promessas⁴, em outros contextos, a árvore é erguida em frente à igreja em troca

⁴De acordo com Câmara Cascudo (2001), as promessas, algo comum em todo interior do Brasil, são as obrigações de praticar ou não praticar determinado ato, cumprindo um infinito número de deveres penitenciais oferecidos no momento de aflição. São exemplos: andar descalço, subir de joelho as escadarias de determinada igreja, conservar cabelo e barba quando homem e cortar o cabelo no caso de mulher.

de proteção, fertilidade e boas colheitas. Tudo realizado com muita cantoria e queima de fogos de artifício (CASCUDO, 2001).

A utilização de árvores/mastros como símbolo principal de festividades, ritos ou cerimônias, não é um costume recente, muito menos uma prática exclusiva de brasileiros. Esse tipo de prática já fazia parte da rotina e rituais de muitos povos, inclusive da Europa e da Austrália há muitos séculos.

Apesar de no Brasil a maioria das Festas do Mastro está associada ao catolicismo popular, não implica afirmar que suas origens estão vinculadas à religião que tem sede política e religiosa no Vaticano. Algumas sociedades utilizavam o mastro para diversas finalidades. Mircea Eliade (1992) argumenta que havia, por exemplo, grupos que o utilizavam para “consagrar” territórios conquistados de adversários, já que acreditavam que o local era habitados por demônios. Por essa razão, quando ocupavam uma nova terra, erguiam um altar ou poste sagrado, como forma de manter a comunicação com os seus deuses. Um rito simbólico de poder, que tornava sagrado o novo espaço invadido.

Para Edelize Couto, outro ritual envolvendo a utilização de mastro estava presente na Oceania. Segundo a autora

Os Achilpa, nômades australianos acreditavam que o deus Numbakula moldou o poste sagrado, e depois de ungi-lo com sangue, subiu por ele e desapareceu no céu. Desde então, cada vez que os Achilpa faziam uma peregrinação, levavam o poste e observavam a sua inclinação para saber qual caminho seguir. Esse povo estava sempre no local sagrado, no “centro do mundo”. Acreditavam, ainda, que se o poste quebrasse, sofreriam uma catástrofe, regressariam ao caos. (COUTO, 2001, p. 63-64)

Esse trecho mostra um pouco da simbologia que um artefato como o mastro tem para certos grupos, e de como a cerimônia que o envolve está vinculada ao cotidiano de alguns indivíduos. Também há registros de rituais semelhantes que eram realizados por alguns povos da Europa. É o que afirma Edelize Couto quando diz que:

Os celtas e os germanos, antes da cristianização, também utilizavam o madeiro sagrado, assim como as colunas romanas simbolizavam o pilar cósmico, eixo da ligação entre o céu, a terra e o mundo de baixo ou dos mortos. A comunicação entre os três níveis pode ser realizada por meio de um pilar, uma coluna, escada, montanha, árvore, etc. (COUTO, 2001, p. 64)

Ainda segundo a pesquisadora, em outras regiões da Europa, também havia a tradição⁵ muito difundida de, no início do mês de maio, comunidades irem ao bosque cortar uma árvore recém florida e carregá-la até o centro da vila. No entorno dela, era costume festejar cantando, dançando e pendurando guirlandas ao seu redor.

⁵ Termo bastante utilizado nas ciências sociais, tradição é um conjunto de costumes e práticas que demonstraram ser eficazes no passado e que, mesmo sofrendo transformações oriundas de novas necessidades, continuam a serem aceitos e atuantes no presente (SILVA; SILVA, 2010).

A partir do século XV, as autoridades cristãs passaram a ficar mais atentas à realização desses eventos, passando a fazer várias intervenções na clara tentativa de moldar o comportamento dos indivíduos envolvidos, sobretudo, dos que compunham as camadas populares. Segundo Peter Burke (2010), as reformas protestante e católica que eclodiram na era moderna não pouparam críticas a esses costumes. Nas palavras do historiador:

As festas eram denunciadas como ocasiões de pecado, mais particularmente de embriaguês, glotoneria e luxúria, estimulando a submissão ao mundo, à carne ao demônio – especialmente à carne. Não escapava aos devotos que o Mastro de Maio era um símbolo fálico. As peças, cantigas e sobretudo as danças eram condenadas por despertar emoções perigosas e incitar a fornicção (...) dando aos participantes oportunidade para “apalpadelas imundas e toques impuros”, e assim funcionando como “uma introdução à prostituição um preparativo para a lascívia, uma provocação à impureza e um introito a todos os tipos de obscenidade” (BURKE, 2010, p. 286. grifo nosso).

Ainda segundo Burke (2010), os religiosos afirmavam que nessa ocasião, as pessoas deixam de ir para as missas, cortavam árvore nos bosques de terceiros, inclusive da própria Igreja, bebiam em demasia, pronunciavam palavrões e entregavam-se à sedução diante de um símbolo fálico.

Dialogando com as ideias de Peter Burke, Edelice Couto (2001) afirma que as autoridades religiosas criticavam algumas práticas festivas por serem reminiscência de festas pagãs e por considerarem momentos propícios aos pecados da embriaguez, luxúria, excesso de comida e violência. Afirmavam ainda que, nessas festividades o demônio participava do divertimento para confundir as hierarquias e atrapalhar a ordem social.

Mesmo diante dessa concepção, o catolicismo não queria acabar definitivamente com as festas, mas buscar meios para “purificá-las”. Logo, os mastros de maio deveriam passar por adaptações. As Constituições, leis eclesiásticas dos séculos XVI e XVII, orientavam os membros do clero a substituir as superstições por procissões, cânticos, preces, hinos e salmos. Era preciso cristianizar a vida e vigiar a conduta da população, separando tudo aquilo que é sagrado do profano. Entretanto, as ações do clero não foram suficientes para eliminar totalmente os elementos do chamado paganismo.

A partir desse momento, por exemplo, era possível perceber, nas práticas festivas de erguer árvores, tanto a influência pagã quanto a cristã ou mesmo a articulação entre ambas. Enquanto nos cultos pagãos as pessoas invocavam os deuses e a natureza para ajudá-los e protegê-los, os católicos mais “disciplinados” faziam seus apelos aos santos. As fogueiras continuaram sendo montadas, bebidas continuaram sendo ingeridas e as árvores de maio foram paulatinamente sendo substituídas pelos mastros dedicados a santos e padroeiros, passando então a ser erguido em frente a templos cristãos (COUTO, 2001).

Diante das informações a respeito de como os cristãos do século XVI viam as festividades que faziam o uso de árvores e de como tentaram modificar essa prática, seria interessante observarmos um pouco da forma como a Festa do Mastro passou a ser realizada, pelo menos em determinada localidade da Europa, onde essa prática milenar continua a ser praticada, a exemplo de Portugal. É o que propomos a seguir.

2.2. Festas do Mastro em Portugal

O caráter festivo do povo português pode ser evidenciado pela quantidade de eventos que ocorre em seu território. Em Portugal, o calendário das festas católicas é marcado por diversas comemorações de dias de santos, formando um ciclo que vai do nascimento de Cristo à sua paixão e morte (MARQUES, 2009).

Tanto no território português como no brasileiro, as festas do mastro incidem em diferentes épocas do ano. Todavia, a nossa intenção é priorizar aquelas que são realizadas durante o período junino, sobretudo as dedicadas a São Pedro⁶, por ocorrerem exatamente no mesmo mês e em homenagem ao mesmo santo do festejo do mastro do município sergipano de Capela.

Neste sentido, em trabalho que se debruçou sobre os primórdios dos festejos juninos tanto no Brasil quanto na Europa, Lúcia Rangel (2002) afirma que as origens de comemorações nessa época do ano (mês de junho) remontam a um período anterior ao surgimento da era cristã. De acordo com a antropóloga, o período do solstício de verão no Hemisfério Norte (21 ou 23 de junho), diz respeito a uma época do ano muito importante, sobretudo, para os agricultores, já que o sol passa a brilhar com mais intensidade, auxiliando no renascimento da vegetação e aumentando a produção de sementes para o consumo e replantio. Durante esse período, diversos povos como os celtas, bretões, sardenhos, egípcios, persas, sírios e sumérios, por exemplo, realizavam rituais de fertilidade com o intuito de agradecer a fartura nas colheitas, o crescimento da vegetação e pedir chuvas para as próximas safras.

⁶ Segundo Rangel (2004), São Pedro, apóstolo de Cristo e pescador, cativa seus devotos pela sua história pessoal. Teria sido encarregado de fundar a Igreja Católica, tendo sido o primeiro papa. É considerado o protetor das viúvas e dos pescadores. Depois de sua morte, segundo a tradição católica, foi nomeado chaveiro do céu. Assim para entrar no céu, é necessário que São Pedro abra as portas. Seria ele ainda o responsável pela chuva. Também é tradição no dia de São Pedro, aqueles que receberam seu nome acender uma fogueira e erguer um mastro em frente à sua residência.

Ainda segundo a pesquisadora, os rituais de fertilidade perduraram através dos tempos. Na era cristã, mesmo que fossem considerados pagãos, já não era mais possível acabar com eles. É por esse motivo que a Igreja Católica, ao invés de condená-los, procura fazer uma adaptação às comemorações do dia de São João, que teria nascido em 24 de junho.

No caso de Portugal, foi incluída a festa de Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua, nascido em 13 de junho. E em seguida, “a tradição cristã completou o ciclo com os festejos de São Pedro e São Paulo, homenageados em 29 de junho” (RANGEL, 2002, p. 21).

Em obra publicada no ano de 2009, e que trouxe como título “O Luso, O Lúdico e o Perene e Outros Ensaios”, Núbia Marques buscou mostrar, através da Festa do Mastro do município de Capela-SE, como rituais milenares (considerados pagãos para as autoridades cristãs) ainda se fazem presentes em manifestações culturais da atualidade. Segundo a estudiosa, dentre os rituais de fertilidade praticados antes do século XVI em Portugal, estão as festas que fazem uso de mastros, muitas das quais permanecem sendo realizadas em diversas localidades do país até os dias atuais.

Com o passar do tempo, essas festividades passaram a sofrer constantes transformações, muitas delas resultantes de influências oriundas das massas anônimas, de elementos da cultura árabe presente em Portugal e do próprio catolicismo praticado no país.

Atualmente, em Penafiel, freguesia de Fonte Arcada, distante 339 km de Lisboa, ocorre anualmente no dia 25 de julho, o Levantamento do Mastro. Para discorrermos sobre esse evento festivo português, recorreremos a uma matéria jornalista elaborada por um canal de televisão do país⁷.

Segundo a matéria, vários participantes, na grande maioria homens, reúnem-se em frente à capela local e, ao som de instrumentos como bumbo e caixa, seguem animados até uma mata próxima à comunidade para a retirada de uma árvore (eucalipto) que fora previamente escolhido pelos participantes.

Ao chegar à floresta, após terem percorrido a pé um trajeto de aproximadamente cinco quilômetros, entra em cena o serrador (sempre o mesmo homem, que só passa a tarefa apenas quando a idade já não permite tais andanças), que faz o favor de cortá-lo, não com o uso de serra, mas sim com o auxílio de um machado.

Ainda segundo informações veiculadas pela reportagem, durante o caminho de volta, homens com mais idade procuram tocar o tronco, um gesto que, por crença local, trar-lhes-á a

⁷ A matéria jornalística foi produzida pelo canal RTP (Rádio e Televisão de Portugal) no ano de 2018. Conteúdo que também foi publicado no site <https://www.portugalnummapa.com/festa-do-mastro/> último acesso em 09/04/2020.

virilidade que os anos começaram a tirar. São horas de caminhada em pleno verão, até a chegada de todos ao Monte de São Domingos. Na figura 1, podemos observar o esforço físico de homens ao transportar o longo tronco de eucalipto em direção ao pequeno templo católico local.

Figura 1: Busca do Mastro na Freguesia de Fonte Arcada - Portugal (2014).



Foto: autor desconhecido. Fonte: <https://www.correiodoportop.pt> Acesso em 06/03/2020

Uma vez em frente à capela, o mastro é deitado, entrando em cena as mulheres da comunidade, as quais, cuidadosamente, vão decorar com flores (hortênsias coloridas) todo o tronco em troca da fertilidade dos campos.

Ao final da tarde, estando o eucalipto coberto de ornamentos, os homens que se encarregaram do seu transporte, com o auxílio de cordas, içam a árvore até que ele fique na posição vertical. E assim, ela é mantida pelos próximos quinze dias, enquanto duram os festejos da localidade.

Ainda segundo a matéria, a Festa do Mastro na freguesia de Fonte Arcada, apesar de ser dedicada a um santo católico, São Tiago, traz consigo um simbolismo milenar que resiste ao tempo e que fica evidente quando os participantes vão em busca de virilidade e da fertilidade dos campos. O fato de apenas se admitirem homens no transporte do eucalipto (de aproximadamente 30 metros), não se deve apenas à força dos braços dos homens ser em média superior ao das mulheres, é possível vislumbrar ritos ancestrais na festividade, onde o homem tem uma prova, um desafio pela frente, o qual deve encarar e vencer.

O gosto por festividades que envolve o erguimento de mastros votivos entre os portugueses pode ser evidenciado pela realização desse festejo em várias outras partes do mapa do país. Segundo Núbia Marques, durante o mês de junho:

Em Portalegre erguem-se mastros em toda parte. Em terras da Maia, no norte do Porto, um poste leva o nome de “Pinheiro de São João”, fincado no chão como tronco decorado, com bandeirola, flores, tendo ao lado os preparos para a fogueira. Na Póvoa de Varzin (Norte de Portugal), era costume o uso de fogueiras, com pinheiro verde alto com remos ornamentais. (...) No sul de Portugal, há os mastros de São João ornamentados com fitas, ponto de convergências das marchas onde cantam e dançam modas de origem portuguesa. Em Laulé, Tavira Alvar, Vila Real de Santo António, Olhão, Desseixe, Alfombra, há notícias de quê na véspera de São João, nas ruas ou em largos, armam-se mastros engrinaldados e revestidos de murta, alecrim e outras verduras. (MARQUES, 2009, p. 58-59. Grifo nosso)

O processo de expansão marítima praticada pelos portugueses, iniciado no século XV, foi um dos grandes responsáveis pelas sistemáticas trocas e imposições culturais junto aos povos colonizados. Muitas das práticas festivas realizadas em Portugal, a exemplo de festas do mastro, difundiram-se por muitos lugares, inclusive pelo Brasil, como observaremos a seguir.

2.3. De Portugal Para o Brasil: a festa a serviço da colonização

Como observamos, as festas do mastro são bem difundidas em Portugal. Segundo Del Priore (1994), a partir do século XVI, por conta do processo de conquista e colonização do atual território brasileiro, grande parte das festividades realizadas no país ibérico passou a ser realizada pelos colonizadores nas novas terras.

Uma vez no “Novo Mundo”, os invasores depararam-se com habitantes que apresentavam valores, formas de trabalho, de culto e de comunicação consideravelmente distintos dos seus.

Silva e Silva (2010), de forma objetiva, procuram definir cultura como um conjunto de práticas, técnicas, símbolos e valores partilhados pelos membros de um determinado grupo, os quais são transmitidos às novas gerações como forma de garantir sua adaptação ao meio social e a comunicação uns com os outros. Diante dessa acepção, percebemos que a chegada do europeu às novas terras pôs frente a frente culturas totalmente diferentes.

As fortes divergências culturais existentes entre os colonizadores e colonizados fizeram com que as festas realizadas na colônia passassem a ter um papel primordial para as pretensões dos europeus. Dentre outras funções, as festividades serviram como instrumento de inserção dos portugueses no novo território, como uma forma de catequização dos índios e

negros, além de tornar menos difícil a vida em um lugar estranho e com um meio ambiente desconhecido e, por vezes, bem hostil (DEL PRIORE, 1994).

Diante desse contexto, a festa torna-se um meio de comunicação entre culturas. Já que desde o início da colonização brasileira, elas serviram como meio importante de “mediação simbólica, constituindo uma linguagem que permitia diferentes povos se comunicarem. Foi ela um dos elementos facilitadores do transplante do modelo europeu para terras tropicais até quase os últimos tempos do período colonial. E isso se deu em virtude da prerrogativa que a participação na festa era obrigatória, não apenas para todos os portugueses cristãos, mas também para os índios e, posteriormente, para os escravos, já que festejar é uma característica importante do judaísmo e um dos mandamentos da lei da Igreja Católica, que determina que todos devem “Guardar domingos e festa de guarda” (AMARAL, 1998).

Ainda segundo Amaral (1998), as festas também devem ter sido um meio de atenuar as inúmeras tensões oriundas da diversidade étnica e social existente na colônia, formada a partir das diferenças culturais, fruto da participação de múltiplos atores anônimos, e do barulhento uso de ritmos e danças praticadas por diferentes grupos no interior de um mesmo espaço.

Junho é o período de inverno no Brasil e coincidia com a realização de alguns dos eventos mais importantes para as comunidades indígenas, pois, estavam ligados à colheita e à preparação para um novo plantio. É a partir de junho, mais precisamente de junho a setembro (segundo o calendário do colonizador) que os habitantes locais derrubavam parte das matas, queimavam ramagens como forma de limpar o terreno, o qual passava a ser adubado com as cinzas que cobrem a superfície do solo, para em seguida começarem o replantio. Essa técnica é conhecida como coivara, muito comum entre os povos do continente americano. Nessa época do ano, roçados anteriores estão em pleno vigor, repletos de mandioca, cará, inhame, batata, banana, abóbora, abacaxi, milho, feijão e amendoim, todos prontos para o consumo. Como forma de comemoração, uma série de rituais festivos congregam indígenas em danças, cantos, rezas e muita comida (RANGEL, 2002).

Diante da necessidade de inserir os aborígenes nos rituais católicos, vários cronistas contam que, durante as festividades, os jesuítas utilizavam de inúmeros artifícios, inclusive fazendo o uso de algo presente nas práticas indígenas, a exemplo de acender fogueiras e tochas, uma forma de atraí-los para a catequização.

Nessa perspectiva, Lúcia Rangel (2002) salienta que a junção entre o propósito católico de atrair os índios ao convívio missionário catequético e os rituais de comemoração indígenas formaram um arranjo que tomou proporções, ganhando espaço no calendário das

festas brasileiras. Para a pesquisadora, “hoje as festas juninas possuem a cor local. De acordo com a região do país, variam os tipos de dança, indumentária e comida. A tônica é a fogueira, o foguetório, o milho, a pinga, o mastro e as rezas dos santos” (RANGEL, 2002, p. 24).

O resultado desse processo é que as festas juninas no Brasil foram ganhando relevância com o decorrer dos séculos. Os eventos, sobretudo os dedicados a Santo Antônio, São João e São Pedro, têm demonstrado muita importância cultural e política tanto para os nortistas quanto para os nordestinos, ultrapassando, inclusive, o Natal, principal festa cristã (AMARAL, 1998).

O mastro também está entre os principais festejos de junho. O momento de sua realização está diretamente ligado a quem se destina o culto, normalmente à Santíssima Trindade, ao Divino Espírito Santo, a São Sebastião, ao Menino Jesus, a São Benedito, aos santos do ciclo junino, além de inúmeros outros padroeiros locais (MARQUES, 1999).

Herança das árvores de maio, as festas do mastro realizadas no território brasileiro passaram a ser praticadas por setores sociais distintos.

Na Bahia, em 1718, por ocasião das celebrações pelo natalício do primogênito do Conde de Vila Verde, determinou-se levantar um mastro “pintado de branco e carmesim e coroadado de uma grinalda dourada de que subia a haste em que tremulava uma bandeira de damasco franjada a ouro. (DEL PRIORE, 1994. p33)

Em Pernambuco, no ano de 1745, é a vez dos pardos da Irmandade do Livramento festejar São Gonçalo com uma solenidade na qual havia o soerguimento de mastro.

Na quarta-feira, trinta e um de agosto (...) com mútuos repiques de todos os templos e bélicos instrumentos se noticiou ao povo dava princípio a novena do dito santo elevando-se em oito mastros de verdes ramos revestidos, outras tantas bandeiras ondeando-se mansamente ao vento. (DEL PRIORE, 1994. p.34)

Após analisar uma gama de documentos históricos, dentre eles, depoimentos de viajantes, atas de câmaras municipais, dentre outras fontes, Mary Del Priore (1994) salienta que em algumas áreas do Brasil, junto com a bandeira que traz a efígie do patrono, ergue-se um mastro no qual se pendurava frutos, flores e enfeites, ao som de cantos.

Para essa historiadora, a Festa do Mastro é um evento carregado de um simbolismo peculiar, o que a torna uma oportunidade de observação das inúmeras crenças dos indivíduos que aqui viviam. Como forma de proteger aves de doenças que provocavam a sua morte, bem como na esperança de contar com uma boa produtividade, seus criadores jogavam ovos no pé do mastro erguido; para evidenciar o ciclo da vida aos presentes na festa, frutos como o milho também eram pendurados no mastro, demonstrando que enquanto uma vegetação morre, outra desabrocha; no momento do soerguimento da árvore, enquanto é socada a terra a sua volta, era também a oportunidade para que os envolvidos no ritual pudessem fazer seus pedidos,

votos, súplicas ou agradecimento. Havia ainda a crença de que os tições, fruto da queima da madeira, serviam para a proteção contra raios e tempestades. E não é só isso, em determinadas localidades, o mastro ainda tinha a função lúdica, já que após o término do evento, transformava-se em pau-de-sebo⁸, garantindo outro tipo de desafio e diversão.

Apesar de hegemônico no Brasil Colônia, o catolicismo não conseguiu se impor plenamente diante do vasto território e da reduzida disponibilidade de pessoal qualificado no evangelho. É bem verdade que ganhou novas características, não conservando as originais oriundas do Vaticano. Diante disso, o catolicismo brasileiro do período apresentou uma dupla face: uma oficial e dependente das diretrizes provenientes das instituições eclesiásticas, bem mais restrita em número de adeptos. E outra religiosidade que permeava a maioria da sociedade brasileira. Esta última, segundo Melo (2009), recebe o nome de “religiosidade popular”, um tipo de catolicismo que conservava certa autonomia em relação às diretrizes da metrópole, bem como repleto de noções básicas e precárias da doutrina católica.

Corroborando com as ideias de Melo (2009), Emiliano Unzer Macedo afirma que:

A religião católica oficial, romana, de fato, aqui no Brasil, nunca se entranhou no caráter e cultura do gentio brasileiro da exata forma como era estruturada na Europa medieval. O povo moldou e conservou sua espiritualidade própria afluída em cerimônias e festas em determinadas datas do ano, como nas festas juninas. (MACEDO, 2008, p. 15)

Ainda conforme Macedo (2008), essa “religiosidade popular” foi uma das formas encontradas pelas pessoas para pensar e expressar seus próprios valores e crenças com certa distância do controle das “instituições oficiais”, através de uma prática sincrética e que tinha como principal característica o culto intenso aos santos, um número excessivo de capelas, a teatralidade da religião e certa irreverência nos costumes religiosos.

Nesse trecho da pesquisa, vimos que as festas, sobretudo, as festas do mastro foram utilizadas como instrumento facilitador da inserção do europeu na cultura ameríndia e vice-versa. É uma festividade cercada de toda uma simbologia que lhe é característica e que eram realizadas em várias capitanias, inclusive na Bahia do século XVIII. Esse tipo de festejo, apesar da passagem dos séculos, ainda continua sendo realizada em algumas localidades daquele estado nordestino. Um ótimo exemplo é a Puxada do Mastro, que ocorre no município de Ilhéus-BA, que no início de sua realização, tinha a função de proteger a

⁸ De acordo com Câmara Cascudo (2001), é uma brincadeira que anima normalmente as festas juninas, principalmente as festas em homenagem a São Pedro. O pau-de-sebo é um mastro de madeira com aproximadamente cinco metros, reto e todo enebado. É um jogo ou prova de agilidade em que o vencedor é aquele que conseguir chegar até o topo, onde se encontra amarrado um prêmio, geralmente dinheiro. A princípio, era um tronco de árvore utilizado em treinamentos militares e só depois passou a ser utilizado como forma de diversão.

comunidade contra os males trazidos por doenças e, com o passar do tempo, tornou-se um importante aglutinador de turistas para a localidade, conforme especificaremos a seguir.

2.4. Do Combate às Doenças ao Incentivo ao Turismo: a Puxada do Mastro em Ilhéus-BA

No Distrito de Olivença, município de Ilhéus, distante 330 quilômetros de Salvador-BA, uma festividade dedicada a São Sebastião vem sendo realizada há séculos, trata-se da tradicional Puxada do Mastro, evento que mobiliza grande parte da comunidade local e atrai inúmeros turistas. Para analisá-la, utilizaremos como base a pesquisa de mestrado da historiadora Edelize Souza Couto, defendida na UNESP, e que posteriormente transformou-se em livro intitulado “A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA)”. Segundo levantamentos da pesquisadora, a Puxada do Mastro, festa que faz parte do calendário de Ilhéus, teve sua origem no século XVIII, quando os jesuítas fundaram o aldeamento indígena no local. A festa é composta por um ciclo que tem início com a escolha da árvore na mata e finda com a queima do mastro do ano anterior na fogueira junina.

Segundo Couto (2001), os preparativos para a festa é de responsabilidade dos moradores de Olivença, principalmente dos descendentes de índios, que se esforçam para garantirem a continuidade do ritual. Com o auxílio da administração pública local, ficam responsáveis por contratar artistas, confeccionar camisetas para os organizadores, enfeitar as ruas, preparar o antigo templo jesuíta para as novenas⁹ (quando há pároco na localidade), ensaiar as apresentações e divulgar a festa através de cartazes, TV e rádios da região.

Ainda segundo a Edelize Couto, na primeira semana do ano, os habitantes vão a uma floresta próxima e escolhem uma árvore de grande porte para o mastro. Enquanto isso, os machadeiros soltam fogos para informar à população de Olivença que a árvore foi encontrada e que a festa está começando. E nesse momento cantam uma música específica:

Ajuê Dão! Ajuê Dan Dão!

Puxa, puxa!

Leva, leva

O mastro de São Sebastião. (COUTO, 2001, p. 133)

⁹ Conforme o Dicionário Escolar organizado por Evanildo Bechara (2011), trata-se de uma série de orações e práticas litúrgicas realizadas durante um período de nove dias para obtenção de alguma graça divina.

A pesquisadora segue afirmando que na véspera da festa, a população do distrito já se encontra animada. No início da noite de sábado, alguns homens se reúnem na porta da igreja católica local e, de lá, percorrem juntos as ruas visando arrecadar donativos para a festividade. Carregando um sino de bronze vão às casas comerciais convidando a população para ir à mata no dia seguinte e a doar um donativo, quase sempre dinheiro ou bebida. Para Couto (2001), quando a administração pública disponibiliza mais recursos, como nos anos de 1996 e 1997, o número de atrações aumenta, pois, além de saírem com o sino, há a apresentação do Terno de Reis, Bumba meu Boi, grupos de dança e capoeira, que se apresentam em um palco montado em frente ao templo católico.

No dia 20 de janeiro ou no segundo domingo do mês, por volta das 5 horas da manhã, acontece a alvorada. Nesse instante, a população é acordada com o som do sino e dos fogos de artifício. Quando há a presença do padre, às 6 horas é realizada uma missa com o intuito de pedir proteção a Nossa Senhora da Escada e a São Sebastião para esse dia de festa. Todavia, Couto (2001) afirma que grande parte da população está mais preocupada com o café da manhã disponibilizado e com a entrega das camisetas do que com o ritual católico.

Machadeiro, zabumbeiros e crianças seguem em direção à mata¹⁰. À medida que seguem tocando e cantando os versos, soltando fogos e badalando o sino, a aglomeração vai aumentando com a chegada de mais pessoas, sejam eles jovens ou idosos alegres em homenagear São Sebastião e na esperança de verem seus pedidos atendidos.

Após algumas horas de caminhada, o grupo chega à floresta. Os machadeiros com seus instrumentos adentram na mata em busca da árvore previamente escolhida. Ao encontrá-la, soltam fogos, batem palmas e cantam. Em seguida, colocam uma bomba¹¹ próxima à raiz da árvore escolhida, que segundo os mais velhos, é uma forma de “acordar a árvore” e avisar a população que o ritual está começando. Em seguida, os machadeiros revezam na tarefa de derrubá-la.

Imediatamente após a derrubada, começam a descascar a madeira para que fique lisa e mais fácil de ser puxada. É um momento propício para a fé. Durante esse ritual, várias pessoas, inclusive de outras regiões, aproveitam para ajudar a preparar o madeiro, fazer orações, cantar louvores, pagar promessas ou fazer novos pedidos ao santo. Todos querem levar um pedaço da casca da madeira para si ou para dividir com parentes. Segundo

¹⁰ Segundo Edilce Couto (2001), até a década de 1970, tanto os machados quanto as cordas eram levados pelos próprios machadeiros. A partir de então, os instrumentos passaram a ser transportado de carro enquanto os participantes seguem a pé todo o trajeto.

¹¹ Artefato explosivo à base de pólvora, geralmente utilizado nas noites juninas tanto por jovens quanto por adultos.

participantes, o pedaço do mastro serve para fazer chá, curar doenças e ser for guardado dentro da carteira, pode evitar a falta de dinheiro (COUTO, 2001).

Ainda de acordo com os levantamentos feitos por Couto (2001), as crianças têm uma participação relevante na festa. Com a ajuda de adultos, retiram uma árvore de menor porte, que também será puxada por elas. Outras trazem sobre a cabeça caixas de isopor contendo refrigerantes, espetinhos de camarão, frutas e picolés para vender, uma forma de conseguir ajudar no sustento da família. Segundo participantes, deixar as crianças fazerem parte da Puxada do Mastro é uma das formas de garantir que as próximas gerações continuem a realizar o festejo.

A retirada do mastro da mata ou da cama, como dizem, é a tarefa mais difícil. O peso e as outras árvores são obstáculos que a fé, as músicas e a bebida ajudam a superar. A retirada da mata é marcada pelo encontro do mastro com o mastaréu, ou seja, do mastro dos adultos, medindo aproximadamente 18 metros, com o mastro das crianças, com média de 8 metros¹².

A saída é marcada pela queima de muitos fogos de artifício. À frente do cortejo vão dois homens que têm a obrigação de levar e tocar o sino. Em seguida, vêm as crianças puxando o seu mastaréu. Os adultos com a peça principal vêm por último. A todo instante são colocadas pequenas toras de madeira em baixo da árvore para fazer com que o mastro deslize mais facilmente.

Por volta das treze horas, o cortejo chega a uma fazenda próxima à praia, é o local marcado para o almoço e o descanso daqueles que desde a madrugada trabalham na organização do festejo. O cansaço provocado pelo esforço ou o exagero no consumo da bebida alcoólica faz com que muitos procurem uma sombra de coqueiro para deitar. Enquanto isso, esperam a chegada do almoço que é fornecido pela administração municipal em parceria com a comunidade, normalmente uma feijoada. Independentemente do tipo de comida, a animação continua, já que os zabumbeiros continuam a tocar. À medida que algum tocador sai para o almoço, outro imediatamente o substitui, mesmo, às vezes, não tendo tanta habilidade com o instrumento. O importante é sempre manter a animação.

A autora continua afirmando que às quinze horas, os machadeiros retomam o cortejo, agora pela praia. O calor do verão e o peso do mastro são amenizados com a brisa e os banhos de mar. Por onde o cortejo passa, vai incorporando jovens, adultos e idosos. A corda de cerca de 200 metros começa a ser insuficiente para tantos participantes, que passam a revezar na

¹² Segundo Couto (2001), em 1996 e 1997, a direção do IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais preocupada com a preservação da Mata Atlântica, forneceu mudas de Pau-brasil para serem plantadas no local da retirada do mastro.

tarefa de conduzir a árvore. Todos querem ajudar a puxar o mastro de São Sebastião, acreditando que com essa atitude estarão livrando-se dos males para o ano recém-iniciado. Porém, não basta puxar a corda, é necessário sentar, tocar para receber a graça do santo. O trajeto pela praia é também um momento de sensualidade, pois, muitos requebram ao som do zabumba, outros improvisam versos e fazem piada com a forma fálica do tronco. Uma oportunidade para paquerar e seduzir.

Ao fim da tarde do domingo, o mastro chega à Praça do Distrito de Olivença em Ilhéus, onde é recebido com muita festa e ao som de “Ajuê Dão! Ajuê Dan Dão! Viva São Sebastião! Viva Nossa Senhora da Escada!” E de muitos fogos de artifício. Os organizadores pedem que cessem as músicas carnavalescas tocadas na praça, já que o momento é de oração, respeito e louvor. Então, dá-se início à missa campal. Na porta da igreja é montado um pequeno altar, onde se encontra a imagem do santo homenageado e são depositadas as cordas utilizadas no evento.

Terminada todas as etapas do ritual, os que preferem se entregam à bebida, à dança e às músicas tocadas no trio elétrico contratado pelo poder público municipal. Para complementar a diversão, normalmente um carro pipa, também contratado pela prefeitura, tem a função de refrescar os participantes com jatos de água. Enquanto isso, o mastro com a bandeira do santo erguidos no ano anterior são retirados e guardados. Em junho, este é queimado na fogueira de São João, dando lugar ao novo. Com isso, chega ao fim o ciclo da Puxada do Mastro (COUTO, 2001).

De acordo com Del Priore (1994), toda festividade traz consigo as concepções de mundo dos indivíduos e grupos que a realizam. Logo, as transformações por quais as festas passam são reflexos de mudanças que a sociedade enfrenta ao longo do tempo.

Durante esses três séculos de realização, a Puxada do Mastro expressou uma concepção de mundo religiosa. Os jesuítas difundiram a fé cristã na comunidade de Olivença e conceberam a festividade como uma forma de disciplinar, mantendo o controle dos grupos indígenas. Missas, promessas, procissões, sacramentos seriam formas de inserir normas de vida do cristianismo, fazendo aumentar a crença em São Sebastião (COUTO, 2001).

Ainda segundo Couto (2001), as guerras, epidemias e miséria foram motivos para que a festa para São Sebastião acontecesse. Trocar o mastro anualmente era uma forma de o mártir garantir proteção à comunidade. Quando em meados do século XIX, as guerras e o perigo da peste não significavam uma ameaça para a população de Olivença, a festa continuou sendo realizada, mas passou, aos poucos, de um caráter predominantemente sacro para uma função de sociabilidade, em que os moradores passam a ver a festa, sobretudo, como um

momento de rever os amigos, beber, comer e descansar do trabalho. Embora na década de 1960 ainda houvesse os que acreditavam que a realização da festa poderia evitar um mal abstrato, ou seja, algo que de ruim pudesse acontecer aos moradores da localidade.

Ainda conforme a historiadora, apesar das muitas transformações sofridas ao longo dos séculos, a Puxada do Mastro ainda mantém alguns traços da cultura indígena. Entre eles estão: o trabalho realizado com a madeira¹³, a música e a dança. Os descendentes de indígenas, muitos dos quais foram expropriados de suas terras, veem a festa como uma forma de reafirmar sua identidade, mantendo o contato com os costumes dos seus antepassados, como é possível ser observado na Figura 2.

Figura 2 - Diferentes Etnias Participando da Puxada do Mastro em Ilhéus-BA (2016)



Autor desconhecido da foto. Fonte: <https://www.ilheus.ba.gov.br/detalhe-da-materia/info/festa-da-puxada-do-mastro/6775> Acesso em: 06/06/2021.

Prova disso, é que tanto alguns objetos utilizados na festa (a exemplo do sino) e algumas tarefas (como as relacionadas ao corte da árvore) permanecem nas mãos e sendo executados pelos herdeiros dos primeiros habitantes locais.

Atualmente, há a preocupação em manter aspectos tradicionais da festa. Por outro lado, a festividade gradativamente passou a ter um caráter econômico. São inúmeras as

¹³ Os machadeiros, além de descascar a árvore, fazem nela a “proa”, contes específicos no local onde a corda é amarrada (COUTO, 2001).

barracas de lanches e bebidas, soma-se a isso a preocupação da administração pública com a atração de turistas, uma forma de garantir uma série de recursos para a localidade.

Esse tipo de festividade não se difundiu somente na região Nordeste. No Brasil, há registros de Festas do Mastro, Puxadas do Mastro ou Erguimento do Mastro em municípios de vários estados. No Pará, esse tipo de festividade é realizada em: Altamira, Curuaçá, Gurupa, Icoaraci, Vila Velha, Ver-o-Peso, Cachoeira do Arari, Campos de Marajó e em Marapim; em São Paulo, há registros delas em Nazaré Paulista e Mogi das Cruzes; em Santa Catarina, ocorre em Itá; no Espírito Santo, em Serra-Vitória; em Alagoas, é realizada em Cururipe; na Bahia (como verificamos), em Ilhéus (MARQUES, 1999).

Percebemos que as festas com a utilização de mastros começaram a ser realizadas no Brasil devido, sobretudo, à ação colonizadora dos jesuítas, os quais utilizavam essas festividades como forma de chamar a atenção de índios para a catequese. Vimos também que essa festa é realizada em várias localidades do nosso país, onde, em cada uma delas, desempenha uma função específica. Um estado da federação no qual a Festa do Mastro é bem difundida é Sergipe. Aqui, além de ser realizada em inúmeros municípios, a festa foi reconhecida, em maio de 2021, como patrimônio cultural imaterial¹⁴ dos sergipanos, após a aprovação da Lei 94/2021. Veremos a seguir, um pouco de como esse tipo de prática festiva ocorria e ainda ocorre em vários locais desse estado.

2.5. Festas do Mastro em Sergipe

A conquista de Sergipe pelos colonizadores portugueses ocorreu em 1590, após batalhas que resultaram em morte e prisão de um grande número de indígenas. Todavia, o interesse dos portugueses em dominar os índios que habitavam o atual território sergipano é bem anterior a essa data, o que fez com que a Coroa Portuguesa tomasse algumas iniciativas visando ao controle das tribos. A mais importante dessas ações foi feita através da religião, quando em 1575, foram enviados a Sergipe Del Rey padres jesuítas que tinham à sua frente Gaspar Lourenço e João Solônio. Por onde passavam, os missionários erguiam igrejas,

¹⁴ Segundo o IPHAN – Instituto Do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares. Ele é transmitido de geração a geração, e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> Acesso em: 01/06/2021.

havendo registros das dedicadas a São Tomé, Santo Inácio e São Paulo. O principal objetivo dos portugueses era “amansar” os nativos por meio da catequese (SANTOS; OLIVA, 1998).

Apesar do papel marcante que tiveram os membros da Companhia de Jesus na tarefa de colonizar, religiosamente, os grupos indígenas que ocupava a capitania de Sergipe Del Rey. Não há, pelo menos até o momento, como afirmar que as festas do mastro que atualmente acontecem em vários municípios do menor estado da federação, tenham sido introduzidas por esse grupo de religiosos. A certeza que temos é de que se trata de um tipo de festa ou ritual que agrada boa parte dos sergipanos.

Nas palavras de Marques (1999), árvore é um dos temas mais comuns e difundidos da cultura brasileira. E em Sergipe, o panorama que se apresenta não é tão diferente do restante do país. Para a autora, uma forte evidência de cultos envolvendo árvores é perceptível em vários municípios sergipanos, onde a festa do mastro foi ou ainda continua sendo realizada.

Apesar de não expor o método utilizado nas entrevistas realizadas com antigos moradores, dentre os quais se encontram alguns dos principais organizadores das festas do mastro de muitos municípios sergipanos, verificamos no trabalho de Núbia Marques (2009), algumas informações relevantes sobre a forma como eram realizadas as referidas festividades em diversas partes do nosso território.

Em São Cristóvão, quarta cidade mais antiga do Brasil (fundada em 1590), e primeira capital sergipana, no dia 21 de dezembro, membros da Irmandade dos Pretos erguiam um mastro em frente à Igreja do Rosário com o intuito de homenagear São Tomé. Repiques de sinos e muitos fogos marcavam a festividade (MARQUES, 2009). Atualmente, o evento é organizado pelos moradores da Rua do Rosário, e estende-se aos vários segmentos da sociedade. Todavia, foi perdendo sua conotação religiosa, mesmo passando a ser realizada na véspera de São João, no dia 23 de junho.

Em Lagarto, entre o Natal e as Festas de Reis (que acontecem na primeira semana de janeiro) havia uma festividade que consistia na retirada de um mastro da mata para substituir outro erguido em frente à Capela de Nossa Senhora do Rosário contendo a estampa do padroeiro São Benedito (SANTOS, 2013). Atualmente, de acordo com informações fornecidas pela prefeitura municipal e que estão disponibilizadas em seu site¹⁵, a festa do mastro lagartense antecede a tradicional *Silibrina*, à qual milhares de pessoas vão, normalmente de motocicleta, ao povoado Limoeiro em busca de uma grande árvore que possa

¹⁵ As informações sobre a realização da Festa do Mastro de Salgado atualmente estão disponíveis em: <https://www.lagarto.se.gov.br/v2/secretarias-2/cultura-juventude-e-esporte/item/2661-prefeitura-de-lagarto-apoia-a-retirada-do-mastro-deste-ano-e-leva-multidao-as-ruas.html> Último acesso em 11/04/2020.

servir de mastro, e que é trazida em cima de um caminhão até uma área de eventos no município, local onde acontecerá a festa que passou a ser realizada no dia 31 de maio em tributo a São José.

Em muitas localidades de Sergipe, durante as noites festivas de junho, havia também o costume de erguer mastros votivos. Sem a envergadura das grandes árvores, estes eram fincados em frente às residências. Em Estância e Aracaju (atual capital de Sergipe), por exemplo, durante as noites de São João e São Pedro do início do século XX, uma pequena árvore era colocada ao lado da fogueira como forma de homenagear São João e São Pedro (MARQUES, 1999).

Assim como em São Cristóvão, no município de Itabaiana, a Festa do Mastro remonta ao século XIX. Neste, diferente de outras localidades, a brincadeira começava com a busca de uma árvore¹⁶ de grande porte na mata que fica localizada próxima à serra que circunda a cidade. Após a derrubada, esta era trazida nos ombros dos brincantes e colocada na praça ao som da caceteira (conjunto de zabumba, caixa e pife). Durante o trajeto, era comum o consumo de muita bebida alcoólica que vinha acompanhada de um refrescante banho de lama. Após o mastro ser erguido no centro do município, havia comes e bebes. Nesse momento, os brincantes consumiam, dentre outros alimentos, os preparados à base de milho e mandioca, a exemplo de mungunzá, bolo de macaxeira e de milho, pamonha, canjica, massa de puba, além de outros pratos regionais. Com o passar do tempo, a festividade foi transformando-se, e o mastro, assim como acontece em Lagarto, passou a ser transportado com a ajuda de um caminhão. Apesar de mobilizar um grande número de pessoas durante a sua realização, a festividade deixou de ser realizada.

Ainda segundo Marques (2009), no município de Poço Verde, sudoeste do estado, na véspera de São João, a dinâmica da festa assemelhava-se a de outros municípios, a diferença estava na forma como o mastro era conduzido até o centro do município: em uma parte do trajeto, a árvore era levada nos ombros dos participantes, em outra, faz-se o uso de um caminhão. Após a chantação¹⁷, o mastro é enfeitado com brindes que serão disputados em meio a uma guerra de busca-pé.

Também há registros de Festa do Mastro em Salgado, município sergipano localizado no centro-sul do estado. Nessa localidade, um grupo de indivíduos parte em direção à mata

¹⁶ Ao entrevistar alguns moradores participantes do evento, Marques (2009), verificou que em Itabaiana não havia o costume de uma escolha prévia, por parte dos participantes, da árvore que seria levada como mastro para o centro do município. Esta era escolhida por forças místicas que levam os participantes a escolherem exatamente a que foi selecionada por poderes ocultos.

¹⁷ Segundo o Dicionário Informal, disponível em <https://www.dicionarioinformal.com.br/chantar>, cantar significa fincar na terra, fixar. Último acesso em: 11/04/2020.

mais próxima para a escolha da árvore que será utilizada no evento. Os critérios adotados para a escolha eram que fosse bonita e frondosa. Mesmo com o peso do tronco, a caminhada era animada, e parte da alegria dos participantes dava-se em virtude do som da caceteira. Após a chegada, o mastro era enfeitado com brindes arrecadados nas casas comerciais, e com a colocação de uma fogueira ao seu redor. Esses brindes serão motivos de disputa e a recompensa dos corajosos que, com agilidade, conseguem retirá-los em meio ao perigo dos fogos de artifício (MARQUES, 2009).

Ainda segundo a autora, há outras localidades em Sergipe em que a Festa do Mastro está ou esteve entre principais comemorações do seu calendário. Dentre elas temos: Muribeca, localizada no agreste sergipano, a sua tradicional Festa do Mastro, que foi copiada do município de Capela-SE, esteve entre os seus principais festejos de junho, até ser extinta pelo poder público municipal.

Por outro lado, existem municípios onde a festa continua viva e a movimentar a rotina de seus moradores. Ao verificar boletins ocorrências no banco de dados da Secretaria de Estado da Segurança Pública de Sergipe – SSP, e buscar aqueles com continham em seu histórico a palavra-chave “Festa do Mastro”, percebemos que, além das localidades já mencionadas anteriormente, existem outros municípios que realizam essa festa, a qual foi citada como “palco” de contendidas. São eles: Santana do São Francisco, no ano de 2012; Indiaroba, em 2007; Japaratuba, em 2013 e Cumbe, em 2015.

Para Marques (2009), enquanto em algumas localidades a festa deixou de ser realizada por falta de incentivo financeiro ou mesmo por questões ambientais, a exemplo de Itabaiana, Poço Verde e Muribeca, nos municípios sergipanos de Maruim e Capela, a Festa do Mastro não apenas se firmou entre os habitantes locais, como vem adquirindo proporções, passando a ser um dos eventos que mais atraem turistas. E é sobre a festa que ocorre município de Capela-SE, que trataremos no próximo capítulo.

3.0. A FESTA DO MASTRO DE CAPELA-SE (1939-2019)

3.1. O Espaço Geográfico e os Indivíduos

Já informamos que este trabalho tem como um dos propósitos disponibilizar aos alunos do ensino fundamental uma revista de história em quadrinhos que possa ser um instrumento a mais na tarefa de auxiliá-los a refletirem historicamente. E que, como pano de fundo para essa HQ, traremos discussões a respeito da Festa do Mastro do município de Capela-SE. A partir da qual tentaremos entrar em contato com alguns conceitos importantes para o ensino de História.

Todavia, antes de entrarmos na discussão sobre essa festividade, faz-se necessário falarmos do cenário onde ela transcorre, o município sergipano de Capela e a microrregião onde ela está localizada, o Vale do Cotinguiba. Para isso, abordaremos um pouco das características histórica e geográfica desse espaço, o que certamente tem influências nas características culturais dos que ali vivem.

A importância do espaço geográfico sobre o comportamento dos indivíduos fica evidente nas palavras do historiador Felipe Fernandez-Armesto, quando diz que: “Transformamos nosso meio ambiente, mas nunca podemos escapar dele. Então, se desprezamos a geografia, no mais amplo sentido da palavra, desprezamos a estrutura de tudo mais que acontece conosco” (ARMESTO, 2010, p. 323). Essas ponderações nos mostram a importância da abordagem do espaço para a compreensão da realidade histórica dos sujeitos pesquisados. Nesse sentido, discorreremos um pouco sobre o espaço da festa.

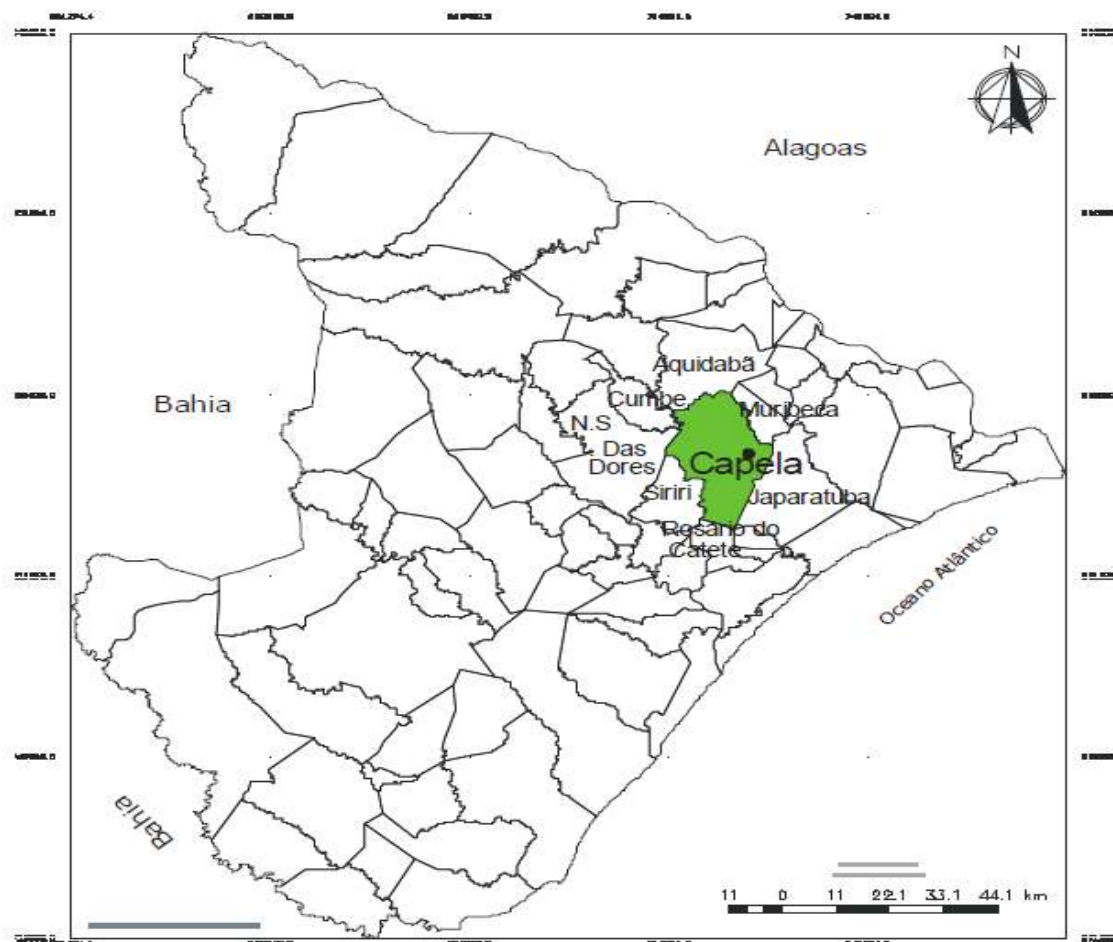
3.1.1. Capela-SE, o Cenário da Festa

Conhecida como a “Rainha dos Tabuleiros¹⁸”, muito por conta da predominância do seu relevo, Capela é um município brasileiro que está situado no leste do estado de Sergipe. Distante 67 quilômetros da capital do estado, Aracaju, faz limites com os municípios de Nossa Senhora das Dores, Siriri, Cumbe, Aquidabã e Muribeca, como é possível verificar no mapa da Figura 3. Pelas dimensões de seu espaço e quantidade de pessoas que habitam seu território, é considerado um município de médio porte para os padrões do estado de Sergipe.

¹⁸ De acordo com Souza (2014), tabuleiros representam formas planas seccionadas por vales abertos com fundo chato, separados eventualmente por vales com vertentes retilíneo e colinas convexas, cujo caimento topográfico orienta-se para o oeste, evidenciado pela vertente do Rio Japaratuba.

De acordo com o último censo realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2010, a população estimada do município de Capela para 2019 é de aproximadamente 34.213 habitantes, os quais estão distribuídos irregularmente por um território de 442.211 quilômetros quadrados.

Figura 3 – Mapa do Estado de Sergipe Localizando o Município de Capela



Fonte: SUPES/SEPLAN 2006.

As terras que hoje compreendem o município de Capela-SE pertenciam à vila de Santo Amaro das Brotas. E o seu início, enquanto povoação, remonta ao século XVIII e esteve ligado a atos vinculados a crenças no catolicismo. Neste caso, uma doação de terras e dinheiro por parte de um casal, Luiz D'Andrade Pacheco e Perpétua de Matos França, para a construção de um pequeno templo católico. É o que confirmam as palavras de Santos (2011), quando diz que:

No dia 9 de janeiro de 1735, o capitão e sua esposa fizeram a escritura do terreno na Vila de Santo Amaro das Brotas, pois judicialmente essas terras pertenciam àquela localidade que era uma das mais antigas e importantes na economia sergipana, devido à expansão dos canaviais. Na ocasião foram doados dinheiro (cem mil réis) para a edificação da capelinha e terras que passaram a fazer parte do patrimônio da igreja... (SANTOS, 2011, p. 23)

Após a construção do templo dedicado a Nossa Senhora da Purificação, o local passou a ser um centro de atração de pessoas por inúmeros motivos: enquanto algumas delas aproveitavam a localidade como ponto de descanso de suas extenuantes viagens, normalmente a cavalo, outras, oriundas de regiões mais próximas, vêm em busca de receber os sacramentos e participar dos eventos ligados ao catolicismo. Esses indivíduos passam a construir suas casas, tanto ao redor da capelinha quanto em suas imediações (SANTOS, 2011).

Dom Marcos Antônio de Souza, vigário de Pé do Banco (atual município de Siriri) e um bom conhecedor da região, citado por Santos (2011) afirma que:

No ano de 1701 o termo de Santo Amaro com 2.336 almas, mas hoje se contam 20.000 pessoas e só no contorno da Capela da Purificação habitam 4.000 pessoas, as quais sentem notável detrimento em recorrer a sua vila, que fica distante oito léguas dez e mais e também a matriz do Pé do Banco, da qual alguns estão remotos sete, nove e mais léguas. (SOUZA, 1808, Apud SANTOS, 2011, p. 26)

Por meio das palavras do religioso podemos perceber o quanto a população que vivia no entorno da Capela de Nossa Senhora da Purificação começou a crescer na primeira década do século XIX. Para Santos (2011), a prosperidade econômica e a significativa atração de pessoas que passariam a viver no local deu-se em decorrência de uma série de fatores. Dentre eles, podemos destacar a pecuária, o cultivo do algodão, a produção de farinha e outros produtos de subsistência, mas o destaque é o plantio da cana-de-açúcar.

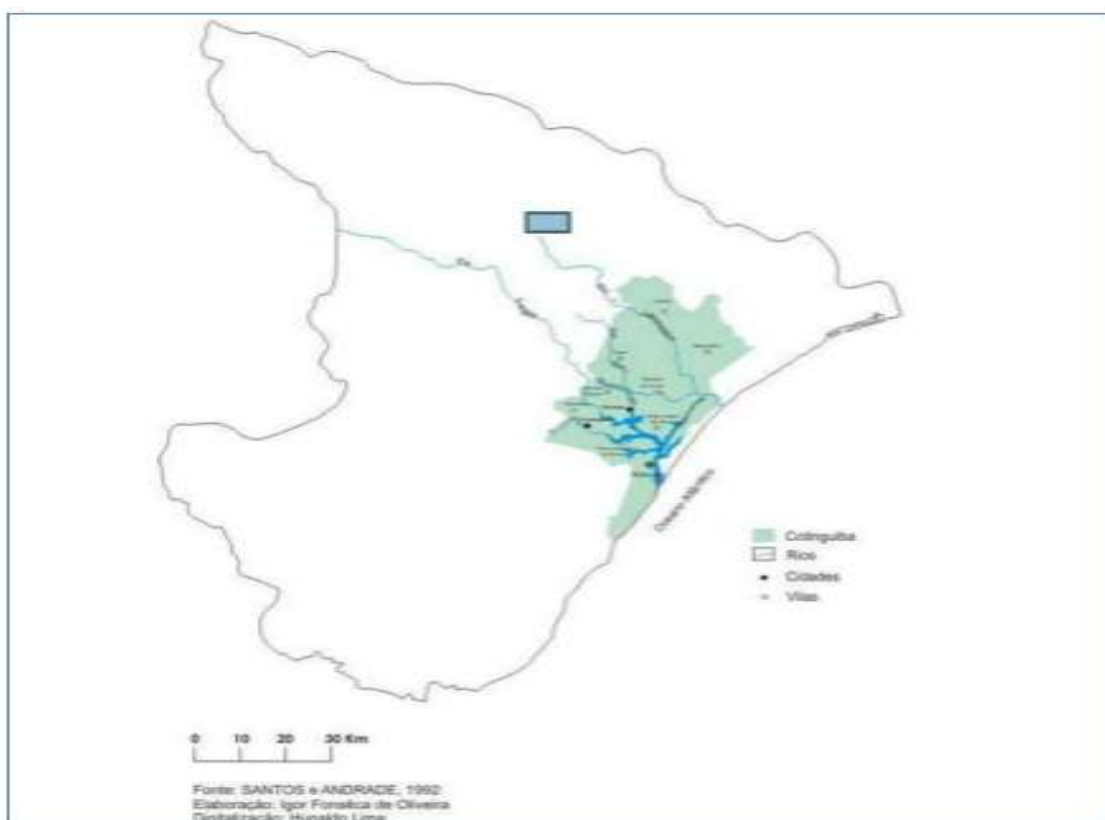
Conflitos internacionais trataram de mudar essa quase que bucólica realidade. De acordo com Amaral (2007), a revolta escrava, iniciada no ano de 1791 em São Domingos, atual Haiti, retirou de cena um grande concorrente do açúcar brasileiro que era exportado para a Europa. O resultado dessa tensão foi a valorização do produto e a consequente expansão da produção canavieira para áreas do Brasil que até então se dedicavam ao abastecimento de engenhos, como o Recôncavo Baiano e algumas áreas de Sergipe Del Rey, como o Vale do Cotinguiba.

Por outro lado, somente o aumento nos preços do açúcar provocado pelo contexto internacional não seria suficiente para garantir uma produção significativa. Capela está situada na microrregião do Vale do Cotinguiba¹⁹ e sua localização geográfica será determinante nesse sentido. Nessa área, o solo massapé, argiloso, escuro e pesado era o preferido para o plantio da cana-de-açúcar. A Figura 4 nos faz perceber que o transporte de

¹⁹ O estado de Sergipe possui 72 municípios, dos quais 10 formam o Vale do Cotinguiba. São eles: os municípios de Capela, Nossa Senhora do Socorro, Santo Amaro das Brotas, Rosário do Catete, Divina Pastora, Siriri, Riachuelo, Maruim, Japarutuba e Laranjeiras. Esta região compreende a área central e litorânea do território sergipano e é entrecortada por rios, inclusive o que lhe atribui nome, o Cotinguiba. Encontra-se ainda, na região, o Jacarecica, Ganhemoraba, Siriri, Japarutuba, Sergipe, Poxim, além de outros pequenos rios que alimentam as bacias, a exemplo do Rio Lagartixo (AMARAL, 2012).

peças e mercadorias era facilitado pela presença de rios e seus afluentes, boa parte deles navegáveis, muito importantes, sobretudo, em uma época em que as estradas eram perigosas e bem precárias. O clima tropical quente e úmido com chuvas regulares facilitou a adaptação da exigente planta que é oriunda da Ásia. A união desses três elementos (solo, vias fluviais e clima) fez com que o Vale do Cotinguiba se tornasse o principal núcleo de produção de açúcar em Sergipe a partir do século XIX (AMARAL, 2007).

Figura 4 - Região do Cotinguiba com Principais Rios e Vilas Durante o Século XIX.



Fonte: OLIVEIRA (2010)

Ainda segundo Amaral (2007), o auge da economia açucareira na região ocorrerá por volta de 1855, período que coincide com a alta no preço do açúcar. Por esta época, vários núcleos urbanos começaram a se destacar, tornando o Vale do Cotinguiba a região mais próspera da província de Sergipe Del Rey. Laranjeiras, Maruim, Rosário do Catete e Capela eram os núcleos urbanos de maior importância. Pelos portos de Laranjeira e Maruim era escoado basicamente todo o açúcar produzido na região, além da entrada e saída de outras mercadorias.

O favorecimento geográfico e a ampliação da demanda internacional pelo produto refletem significativamente no número de estabelecimentos responsáveis pela produção do

açúcar na região. Esse contexto fica mais nítido quando observamos o número de unidades produtoras de açúcar disponível na obra “Vida Patriarcal de Sergipe”, de Orlando Dantas (1980). Nela, o pesquisador sergipano contabilizou em Capela, no ano de 1859, 101 engenhos²⁰, a exemplo do Engenho Resende, Tapuio, Flor do Rio, Formigueiro e Quendera.

A produção do açúcar não era uma tarefa fácil e, em regra, a vida da maioria dos envolvidos não era mansa. Ao descrever as atividades e a rotina de dois engenhos localizados no Vale do Continguiaba, o engenho Vassouras (Divina Pastora) e o engenho Recurso (Capela), Orlando Dantas sinaliza que após a montagem do engenho, “Era a hora do desmatamento, da coivara, das cercas, da abertura da terra com o arado “pai Adão” para o plantio de cana, entremeado de milho e feijão” (DANTAS, 1980, p. 29).

Montada a estrutura, a fabricação do açúcar tinha início com a colheita da cana, que normalmente era transportada para o engenho com a ajuda de animais de carga, a exemplo do boi ou do cavalo. Esse transporte deveria ser rápido, pois, em um ou dois dias a cana secava ou azedava. A produção era maior quanto menor fosse o tempo entre a colheita e a moagem. Após esta, o caldo era fervido até chegar ao ponto do açúcar, algo difícil de determinar e que era feito por um trabalhador especialista, o mestre do açúcar. Chegando ao ponto, esse caldo era transposto para formas de barro que apresentavam o formato de cone, era onde se dava o clareamento. Em seguida, o açúcar era posto para secar, batido e acondicionado em caixas, para ser vendido (AMARAL, 2007).

Como salientamos, o trabalho era pesado e os membros das elites não estavam a fim de fazê-lo. Ao discutir sobre aqueles que seriam os encarregados de executar as tarefas mais árduas dentro do processo de produção do açúcar no Brasil, Jaime Pinsky (2006) afirma que:

Havia um problema real, a ausência de mão-de-obra em escala suficiente, obediente e de baixo custo operacional, para que o projeto da grande lavoura se estabelecesse adequadamente. Se essa mão-de-obra fosse uma mercadoria em cima da qual os mercadores pudessem ganhar, comprando barato e vendendo caro, melhor ainda. O negro foi, portanto, trazido para exercer o papel de força de trabalho compulsório numa estrutura que estava se organizando em função da grande lavoura (PINSKY, 2006, p. 2006).

O apogeu da produção açucareira em Sergipe, no século XIX, implicou na exigência de um número significativo de escravos para os engenhos, sobretudo, para o Vale do Cotinguiaba. Segundo dados apresentados em sua tese de doutoramento, Amaral (2007) aponta que no ano de 1851, Sergipe possuía uma população de aproximadamente 222.990 habitantes, dos quais 56.564 estavam na condição de escravo, ou seja, naquele momento 25,4 % dos

²⁰ Na verdade, o autor, membro da Academia Sergipana de Letras, registrou em sua obra 106 unidades produtoras de açúcar. No entanto, há um equívoco em sua contagem, já que do número 75, o mesmo passa para o 81, alterando, com isso, a soma final das unidades.

sujeitos viviam como cativos. No que diz respeito ao vale do Cotinguiba, a pesquisadora indica uma porcentagem ainda mais elevada do número de escravos. Segundo ela, viviam na região aproximadamente 62.837, sendo que 22.214 eram escravos, o que equivale a 35,4% da população.

Mesmo com um trabalho de fôlego referente à escravidão e a busca pela liberdade no Vale do Cotinguiba oitocentista, Sharyse Piroupo do Amaral (2007) deparou-se com dificuldades em apontar estimativas que fizessem a relação entre o número de homens livres e escravizados de acordo com as vilas da região. Por outro lado, dados populacionais dessas vilas do Cotinguiba foram disponibilizados pelo antropólogo Wellington de Jesus Bomfim (2014). Em trabalho que analisou aspectos da Dança de São Gonçalo praticada na zona rural de Laranjeiras (Povoado Mussuca), Bomfim (2014) utilizou números que foram levantados por Subrinho (2000), os quais apontam que, em 1854, Capela possuía a quantidade de 6.133 pessoas livres, em detrimento de 4.728 que estavam na condição de escravizados, uma elevada taxa de 43.5%.

Conforme Santos (2011), o crescimento econômico e populacional, a autonomia religiosa adquirida em 1813, foram alguns dos ingredientes que fizeram com que a pequena freguesia também alcançasse a emancipação política, fato que ocorreu em 18 de agosto do ano de 1833, e que foi descrito da seguinte maneira por Maria Thétis Nunes:

Ocupando, em 1833, interinamente a presidência da Província, José Pinto de Carvalho Resende, fundamentando-se em disposições do Código do Processo Penal baixados no ano anterior, desmembrou uma área territorial da Villa de Santo Amaro para criar a Villa de Capela. (NUNES, 1992, p. 127)

É importante ressaltar que a sociedade que se formou em torno da produção de açúcar em Capela não se diferenciou muito do contexto regional, muito menos nacional. As relações escravistas desencadearam um arranjo social extremamente complexo e conflituoso, forjado a ferro e sangue, repleto de sucessos e fracassos. E isso se deve ao fato de que

A escravidão se caracteriza por sujeitar um homem ao outro de forma completa: o escravo não é apenas propriedade do senhor, mas também sua vontade está sujeita à autoridade do dono e seu trabalho pode ser obtido até pela força... Na escravidão, transforma-se um ser humano em propriedade do outro, a ponto de ser anulado seu próprio poder deliberativo: o escravo pode ter vontades, mas não pode realizá-las. (PINSKY, 2006, p.11, grifo nosso)

Uma vez no cativeiro, o escravo busca vários meios de resistir às péssimas condições e aos maus tratos que, em regra, lhes são oferecidos pelos seus senhores. Em Capela, os castigos eram comuns, assim como fugas e assassinatos. Amaral (2007) traz uma situação emblemática e, até certo ponto, corriqueira em uma sociedade de base escravocrata. Foi o caso de uma perseguição policial empreendida pelo comandante do destacamento da Vila de

Capela a escravos fugidos pertencentes a senhores de engenho da região, ocorrida no dia 31 de julho de 1866, e que foi registrada em uma carta endereçada ao Dr. Antero Cícero de Assis, chefe de polícia.

Reuniram-se ele, o capitão e a força policial às oito horas da noite e após longas e inúteis buscas, resolveram ir até as matas entre os engenhos Passagem e Lagoa Real. Chegando lá já dia, entre as 7 e 8 horas, encontraram um rancho com três escravos: Jacinto, do referido capitão Antônio Cunha; Sérgio, de José Vieira, senhor do engenho Môco, de Divina Pastora; e Ângelo, pertencente ao capitão Manoel Gomes da Cunha, senhor do engenho Passagem, onde ficava a mata (termo da vila de Capela). (...)

Contou Sérgio que ele havia fugido de seu senhor desde setembro de 1865, e que durante este tempo estivera no engenho Toque e também no engenho Matta, vindo para o Passagem no mês de abril. Mas o que o delegado queria mesmo saber era se Sérgio estava informado de que havia sido assassinado um “homem que fora pegar um escravo fugido”, se sabia quais os escravos praticaram o crime e como dele soube. O capitão-do-mato assassinado se chamava José Croado e seu ajudante, que saiu ferido da peleja, se chamava João Jerônimo. Respondeu Sérgio que soubera pelos outros escravos com quem fora preso, Jacinto e Ângelo, que José Croado teria sido morto pelos escravos Malaquias, do engenho Salobro, e Frutuoso. E que o crime fora cometido com a foice de Ângelo, tomada emprestada por Frutuoso. (AMARAL, 2007, pp.119-120, grifo nosso)

Essas relações que colocavam o homem na condição de mercadoria, sem ter liberdade de escolha para que decida sobre questões ligadas à sua própria existência, mesmo encerradas legalmente, trouxeram consequências graves para o atual funcionamento das relações entre os indivíduos. De acordo com Jaime Pinsky (2006), a escravidão não é um simples fato do passado. A herança escravista continua mediando significativamente as relações sociais, alimentando o preconceito e a discriminação racial. Sendo papel do historiador discutir essas questões, já que esconder o problema é uma das formas de não resolvê-lo. Nesse sentido, consideramos que abordar alguns elementos da trajetória do município sergipano de Capela pode ser uma tarefa imprescindível na busca por tentar compreender aspectos do nosso cotidiano, à medida que alguns conflitos, arranjos e articulações foram sendo transmitidos culturalmente através de gerações.

Nas primeiras décadas do século XX, a modernização na produção do açúcar introduzida pelas usinas provocaram transformações importantes tanto na região, quanto em Capela. A maior produtividade oferecida por essas indústrias gerou uma forte concorrência que forçou a reestruturação dos engenhos. Enquanto algumas unidades se modernizaram, comprando maquinário e transformando-se também em usinas, pequenas unidades (normalmente de proprietários menos capitalizados) acabaram encerrando suas atividades e passando à condição de “fogo morto”. Outros engenhos, por sua vez, limitaram-se a fornecer cana de açúcar às usinas (DANTAS, 1980).

Mesmo com essas transformações, a cana de açúcar e o comércio permaneceram entre as principais fontes de recursos para o município e opções de trabalho para os moradores locais. Mas a concentração fundiária e a exploração da massa trabalhadora estavam entre as principais marcas do ramo açucareiro no Brasil e em Capela nas primeiras décadas do século XX. Essa triste realidade não escapou às duras críticas proferidas pelo jornalista sergipano Zózimo Lima. Em matéria sobre a economia de Capela, publicada no jornal *Correio de Aracaju* em 29/01/1941, Lima afirmava que:

No sentido industrial houve, não há de negar qualquer aperfeiçoamento, isto na aparelhagem mecânica das usinas, porém com prejuízo de sensível maioria de trabalhadores dada a absorção de numerosas pequenas propriedades. Cerca de oitenta fazendas passaram para as mãos de menos de meia dúzia de cidadãos que se preocupam mais em preparar o dote das mimosas filhas, com a exploração do trabalhador braçal.

Verificou-se em pouco tempo o êxodo incrível de numerosas famílias para a capital e outros pontos do país. Daí o desaparecimento das mais importantes casas comerciais de Capela, centro, outrora, abastecedor do sertão baiano, através das estradas de Boca da Mata (LIMA, 2003, p. 74).

A formação de uma elite de proprietários e a presença de inúmeros estabelecimentos comerciais em sua sede deram certa visibilidade regional a Capela. Esse foi um dos motivos que, segundo Zózimo Lima (2003), fizeram com que o cangaço passasse a fazer parte da história local, já que a possibilidade de conseguir uma boa quantia em dinheiro fez com que Lampião e seu bando invadissem, por duas vezes, o município. Em matéria publicada no jornal *Correio de Aracaju* em 29/11/1929, o jornalista capelense Zózimo Lima fala sobre o primeiro saque que o bando realizou na “Rainha dos Tabuleiros”.

Segundo Lima (2003), em 25/11/1929 às 19 horas e 40 minutos, chegava à casa do coronel Antônio Correa, intendente municipal, um comerciante de Nossa Senhora das Dores que trazia a notícia de que havia sido sequestrado por Lampião e seu grupo e que o mesmo estava, com sua horda, na entrada da cidade aguardando a sua presença. Após certificar-se de que o frágil destacamento policial, composto por quatro homens, não iria fazer o trabalho ostensivo, enfrentando inutilmente o bando, o prefeito foi ao encontro dos cangaceiros.

Lampião garantiu-lhe que não faria depredação, e que queria apenas angariar alguns cobres. De automóvel, na companhia da autoridade local e preocupado com um possível pedido de socorro, o fora da lei dirigiu-se ao telégrafo, onde fora informado que o funcionário estava no cinema, atrás do qual rumaram. Apesar do susto dos presentes com a visita inesperada, não houve violência, o cangaceiro avisou ao telegrafista das graves consequências de qualquer tentativa de enviar alguma mensagem com pedido de apoio policial (LIMA, 2003).

Ainda segundo Lima (2003), após tranquilizar a todos, Lampião pediu que o intendente fizesse uma lista com o nome de os comerciantes e usineiros que deveriam dar o dinheiro. Foram recolhidos pouco mais de cinco contos de réis. Muito à vontade na cidade e acompanhado de algumas autoridades, Lampião também foi a algumas lojas (onde comprou joias, duas armas e bebidas) bem como visitou o local de trabalho das meretrizes. Reunindo o grupo com seu apito às três horas da manhã, o bando deixa o município sem enfrentar qualquer tipo de resistência.

Ter sido palco de ataques do grupo de cangaceiros mais temido do Brasil, além de outras peculiaridades, como abrigar uma sociedade patriarcal que se formou entorno de uma economia açucareira baseada no trabalho escravo, podem refletir no comportamento dos indivíduos e, consequentemente, nas festividades locais.

3.2. A Festa do Mastro de Capela-SE

A dura rotina do trabalho na roça, nos canaviais, no comércio, dentre tantos outros afazeres realizados pelos indivíduos que habitavam Capela desde suas origens, não foram obstáculos que pudessem inviabilizar a realização de algumas festividades. Aliás, esses momentos poderiam ser, para alguns, um intervalo valioso para um dia a dia sacrificante. Homenagear a padroeira Nossa Senhora da Purificação no dia 02 de fevereiro estava entre as principais comemorações realizadas pelos capelenses, seguida dos festejos de junho e do nascimento de Cristo, quando se celebra o Natal. Como já salientamos, daremos atenção às festas juninas, pois são delas que faz parte a Festa do Mastro.

De acordo com Câmara Cascudo (2001), as festas juninas, (incluindo as Festas de São Pedro), estão entre as mais populares do Brasil, em especial, do Nordeste. É considerado um momento de reencontro de amigos e parentes. Fogueiras e fogos de artifício iluminam a noite e animam a população com casamentos caipiras, quadrilhas juninas, leituras de sorte, acompanhado de muitas bebidas e comidas típicas. Nas ruas, nas casas, nos engenhos e nas escolas, São João é muito festejado.

Um fato que ajuda a compreender a importância das festas do mês de junho está relacionado à forma de sociabilidade que lhe é característica. Do período colonial à grande parte do século XX, o grupo familiar brasileiro era composto basicamente por pais, filhos,

tios, primos, avós e sogros. Estas relações foram complementadas pelo compadrio²¹, que servia para integrar outras pessoas à família, estreitando os laços entre vizinhos, patrões e empregados e até mesmo entre senhor de terra e escravo. Esses laços mostram-se muito importantes, pois, os padrinhos substituem os pais na sua ausência ou na sua morte. Isso faz com que o grupo de cooperação no trabalho, principalmente o agrícola, aumente. O compadrio ainda vigora, mas o processo de urbanização tem enfraquecido significativamente essa instituição (RANGEL, 2002).

Descrevendo os festejos juninos que ocorriam em Capela entre o final do século XIX e início do século XX, Orlando Dantas (1980), com uma visão nitidamente influenciada pela obra “Casa Grande e Senzala”, mostra a força e a importância desses festejos na mobilização da sociedade na época.

Os festejos juninos e natalinos sempre foram comemorados em Capela pela sociedade local sem exclusão de classe. Todo mundo participava com prazer e alegria como forma de revelar-se comunicativo. Homens e mulheres moços e velhos, meninos e meninas, ninguém pode fugir a esse prazer. (...) As fogueiras crepitando nas portas das casas residenciais. A cidade cheia com a presença das famílias vindas dos engenhos. Ninguém falhava. Os carros-de-bois, coberto de esteiras transportavam as sinhazinhas com os filhos e suas empregadas. Os senhores de engenhos viajavam em belos cavalos de sela bem arreados demonstrativos de gosto e distinção (...). As figuras mais destacadas da sociedade, com fogueira queimando à suas portas o milho assado disputado entre os membros da família, parentes e amigos, os “casamentos” e os “compadrios”, realizados ao calor da fogueira, constituíam compromisso de fato entre jovens que se estimavam e, dessa forma, tornavam uma realidade aquilo que desejavam, e que em outras ocasiões não eram viável. (DANTAS, 1980, pp. 99-100, grifo nosso).

Da mesma forma, Lima (2003) descreve o mês de junho em Capela como um “mês barulhento”. Para ele, no dia 23 de junho enchiam-se as ruas de mastros e fogueiras, soltavam-se fogos de artifícios de toda qualidade a exemplo de busca pé, bacamarte, balões e pistolas. Enquanto que nas casas eram consumidos alimentos à base de milho, além de bebidas, a exemplo do licor de jenipapo.

Como observamos, as festas juninas deixavam a rotina de grande parte da população de Capela bem animada. Da mesma forma como ocorria nos municípios de Estância e Aracaju, percebemos que já havia o costume de colocar uma pequena árvore (um mastro) ao lado da fogueira, algo muito comum até o final da década de 1990, fato que já foi presenciado, inclusive, pelo autor deste trabalho.

Por sua vez, em 1939, o mês de junho em Capela passou a contar com a realização de um festejo que, como já observamos, era comum em outros municípios do estado e que

²¹ Conforme Rangel (2002), há duas formas principais de tornar-se compadre e comadre, padrinho e madrinha. Isso pode acontecer tanto pelo batismo, quanto pela fogueira. Nesta última, os futuros compadres e comadres, de mãos dadas, saltam a fogueira, dizendo: São João Dormiu, São Pedro acordou. Nós vamos ser compadres, que São João mandou.

movimentará ainda mais a vida de seus moradores durante esse período, a Festa do Mastro. Uma manifestação caracterizada por conjugar a adoração e o entretenimento, satisfeito por meio do consumo de bebidas, comidas típicas, apresentação de folguedos e cantoria, que evoca em sua dinâmica, tanto traços regionais quanto universais. Um evento realizado em 29 de junho, dia de São Pedro, e que, a cada ano de realização, caía no gosto popular, até que octogésima edição passou a ser considerado patrimônio cultural dos capelenses. É sobre esse festejo que discurremos a seguir.

3.3. O Ciclo da Festa: da Mata do Junco à guerra de busca pés²²

3.3.1. Preparando a Festa

Em Capela-SE, os festejos têm início entre o final do mês de maio e os primeiros dias de junho, com a nomeação, pela administração pública, de uma comissão que tem entre suas atribuições, planejar a realização dos folguedos, comprar os fogos de artifício e divulgar o evento. Com o objetivo de atrair cada vez mais participantes, as atrações e a programação da festividade são noticiadas em sites, redes sociais, emissoras de rádios, de TV e cartazes.

Os cartazes impressos, segundo Santos e Santos (2014), estavam entre os principais meios de divulgação entre as décadas de 80 e final da década de 1990, período que vai do momento em que a Festa do Mastro passou a ser organizada pela prefeitura até a difusão de inúmeros outros meios de comunicação. Até então, o boca a boca era a principal forma de propagar a referida festividade. Nas Figuras 5 e 6, temos exemplos desses importantes instrumentos de propaganda. Nesses casos específicos, podemos verificar que na edição de número 50 da festa (1989), os organizadores buscavam não só evidenciar o mastro sendo carregado pela multidão de participantes, como também enaltecer a figura dos fundadores da mesma no município. É possível perceber ainda a preocupação da prefeitura em buscar apoio, inclusive junto ao governo do estado, para auxiliar na sua realização.

²² Essa parte do capítulo está baseada em minha visão enquanto participante assíduo da Festa do Mastro e na condição de pesquisador a partir de 2019. Além da análise de algumas obras e documentos que tratam dos festejos juninos de Capela-SE.

Figuras 5 e 6 - Cartazes de Divulgação da Festa do Mastro de 1989 e 1990 Respectivamente



Fotografias de Denilsa Oliveira Santos. Fonte: acervo pessoal da pesquisadora, 2014

Com a ajuda de uma equipe contratada pela prefeitura, a estética da cidade é modificada de forma significativa, a fim de transmitir aos moradores e turista, que começam a chegar, a imagem de um imenso “arraiá”. As praças e as principais ruas são ornamentadas. Nelas são produzidas e colocadas milhares de bandeirolas coloridas, lâmpadas, além de inúmeros quadros pintados à mão pelos próprios capelenses e que retratam cenas passadas, casais dançando forró, santos juninos, ritos e personagens da Festa do Mastro em diversos momentos, como é possível ser visto na Figura 7.

Figura 7 - Confecção de Ornamentos Para as Praças



Fotografia de José Valtene dos Santos. Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Capela-SE, 2004.

No Brasil, boa parte dos registros existentes sobre as festas realizadas durante o período Colonial coloca os espaços públicos do cenário urbano, a exemplo das ruas e praças, como locais privilegiados para as festividades. Mary Del Priore (1994), por exemplo, fala-nos do cuidado que se tinha com o embelezamento da cidade durante o período festivo. Segundo a historiadora, era comum as Câmaras municipais recomendarem à população que caiassem suas casas e ornassem as portas e janelas, tanto em dias de procissão, quanto em festas profanas. Evidenciando que todo esse cuidado com a estética do cenário festivo nos dias atuais não é um costume tão recente.

A iluminação era outro recurso importante na ornamentação do local da festa. Para tanto, os moradores das vilas já participavam acendendo dentro e fora de seus domicílios as estivas luminárias, algumas delas pequenas painéis de barro contendo azeite de mamona e um pavio de algodão retorcido, que eram acesos em épocas de festas e procissões. Sobre o ritual de iluminação, Del Priore lembra que:

O importante era iluminar a qualquer custo, uma vez que a luz consagrava as noites de festa: todos os moradores da cidade que se compõe de mais de quatro mil quinhentos fogos, ainda o mais pobre não deixou de pôr meia dúzia de luminárias, não falando em cônegos, homens de negócios e pessoas nobres e ricas que cada um cuidou em mais lustrar tão real festejo (DEL PRIORE, 1994, p. 37).

A Festa do Mastro de Capela é também um momento que muitos utilizam para complementar a sua renda. Quanto maior a popularidade dos artistas a se apresentarem, tanto na Busca do Mastro, quanto na Praça de Shows, maior será o público espectador. Conforme Santos e Santos (2014), de 1939 ao início da década de 1980, eram montados alguns arraiais²³ nos quais se apresentavam artistas locais. No início dos anos 80, nessas estruturas que ficavam espalhadas pela Praça Adroaldo Campos (Praça do Amparo) Dário, Roberto Alves, Josa e vários trios “pés de serra” animavam as noites juninas. A partir de 1989, a administração pública municipal fez com que esses shows fossem concentrados em um único palco montado na Praça Cônego José da Mota Cabral (atual Praça da Matriz), ao lado de barracas que vendiam, sobretudo, comidas típicas. Esse palco, que substituiu os antigos arraiais, passou a ser ocupado, também, por artistas de expressão regional e até mesmo nacional, a exemplo de Sarajane, Zé Ramalho, Chico Queiroga e Antônio Rogério.

Até então, os festejos juninos capelenses contavam com apenas três dias festa. A partir de 2010, os shows passaram por transformações significativas. A primeira delas diz respeito à

²³ De acordo com o site Dicionário Informal, arraial é um imenso quiosque coberto por lona ou palha de coqueiro usado para festas populares, a exemplo do São João e São Pedro no Nordeste. Ver: <https://www.dicionarioinformal.com.br/diferenca-entre/arraial/C3%A1/arraial/> Acesso em 04/12/2020.

quantidade de dias de apresentação dos artistas. Nesse ano, foram quatro dias de show, no ano seguinte (2011), cinco dias.

A escolha dos artistas como atração para a Festa do Mastro, quase sempre está ligada à sua popularidade no momento da contratação, mesmo que, em alguns casos, não adotem, em seu repertório, o forró como ritmo principal. Na gestão do prefeito Manoel Messias Sukita (2005-2012), por exemplo, apresentaram-se artistas como Luan Santana, Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, Silvano Sales, Asas Morenas, Adelmário Coelho, Michel Teló, dentre tantos outros (SANTOS; SANTOS, 2014). O resultado das escolhas, muitas das vezes é perceptível na quantidade de expectadores presentes na praça de shows, como nos mostra a Figura 8.

Figura 8 – Multidão na Praça do Adroaldo Campos Aguardando o Início dos Shows



Fotografia de Ângelo Henrique M. dos Santos. Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Capela, 2005.

A presença de turistas²⁴ é frequente, fazendo com que muitos interessados em permanecer do início ao fim da festa busquem um lugar para se hospedar. Dispondo de apenas um pequeno hotel e poucas pousadas, uma prática que se tornou comum foi a procura por residências que possam ser locadas durante o período de realização do evento. Na Figura 9 é possível observar que alguns habitantes do município de Capela, com o intuito de adquirir uma renda extra para si ou para sua família, procuram alugar casas para turistas interessados nas coisas que a Festa do Mastro pode proporcionar.

²⁴ Uma das informações contidas nos boletins de ocorrência é o endereço da suposta vítima. Ao observar esses documentos registrados na Delegacia de Capela-SE, durante o período de realização da Festa do Mastro, pudemos observar a presença de turista de vários municípios de Sergipe como: Nossa Senhora do Socorro, Rosário do Catete, Nossa Senhora das Dores, Siriri, Muribeca, Japaratuba e Cumbe e uma grande maioria oriunda de Aracaju. E de fora do estado: Salvador-BA, Maceió-AL e Natal-RN.

Figura 9 - Faixa Divulgando o Aluguel de Casas para a Festa do São Pedro



Fotografia de Mônica dos Santos Macedo. Fonte: acervo pessoal da fotógrafa, 2019.

Alternativa disponível para o turista é o cadastro de residências disponíveis para aluguel, elaborado pela prefeitura por meio da Secretaria Municipal de Cultura. Neste, consta o endereço, a quantidade de cômodos, localização, valor do aluguel, telefone do proprietário do imóvel, dentre outras informações. Outra opção muito utilizada é recorrer a algum corretor que faça o intermédio entre o proprietário e o interessado na locação.

No entanto, nem a ação da prefeitura de Capela-SE em tentar organizar essa demanda, muito menos o contato antecipado entre clientes e corretor conseguem evitar alguns desentendimentos. De acordo com o boletim de ocorrência de número 2011/06536.0-000244 registrado em junho de 2011 na Delegacia de Polícia de Capela, um turista, que se coloca na condição de vítima, alegou que todos os anos frequenta a Festa do São Pedro do município e que, para isso, aluga uma casa na cidade para passar os dias do evento. Foi quando decidiu procurar um corretor de imóveis para fazer a negociação. No entanto, uma

(...) senhora (...) alugou a sua própria casa ao noticiante, localizada na Trav. Adroaldo Campos, (...) e que o valor do aluguel para a festa do São Pedro seria de R\$ 2,500,00 (dois mil e quinhentos reais); que a `senhora (...)` exigiu que o noticiante desse uma entrada no valor de R\$ 500,00 (quinhentos reais), e assim foi feito; que no dia seguinte, o noticiante efetuou o depósito do valor em comento, na conta do filho da `senhora (...)` que no início do mês de maio deste ano, a `senhora (...)` desistiu do aluguel, alegando que estaria recebendo a enteada que estava vindo do estado de Santa Catarina; que por conta da quebra do acordo verbal, o noticiante pediu de volta o dinheiro da entrada, que foi na ordem de R\$ 500,00, mas a `senhora (...)`, até hoje se recusa a devolvê-lo, alegando que teria gasto com remédios; que salienta, ainda, o noticiante que ficou surpreso ao descobrir que a senhora (...) alugou a casa para outras pessoas. (Fonte SSP. Grifo nosso)

Apesar da negociação, normalmente, envolver apenas um locador e um locatário, as despesas com o aluguel, em regra, são rateadas por grupos de amigos ou parentes que decidem, juntos, dividir os custos da estadia durante a Festa do Mastro. Empolgados com o desenrolar dos festejos, alguns acabam tornando-se vítimas de furto à residência. O delito frequentemente acontece enquanto os inquilinos se deslocam para prestigiar os eventos, e que só percebem o ocorrido quando retornam.

O boletim de ocorrência de número 2007/06536.0-000171 registrado em 30 de junho de 2007 na mesma Delegacia de Capela-SE, traz o relato de um indivíduo que

(...) saiu para as festividades de São Pedro, ressaltando que há vários hóspedes em sua casa, e que quando retornaram, começaram a perceber que vários objetos haviam desaparecido: 2 malas com todas as roupas e objetos que estavam dentro; R\$100,00 (cem reais), e dois aparelhos de telefone celular, sendo que um deles é da marca Motorola (...) sendo que desconhece a marca e modelo, bem como o número do outro aparelho. Que não houve arrombamento, percebendo, porém que a porta dos fundos estava destrancada. Pelo exposto, solicita as providências cabíveis. (Fonte SSP. Grifo nosso)

Logo, percebemos que a festa, além de oferecer a diversão para os participantes, pode servir também para dar uma incrementada na renda não só de proprietários de residência, que decidem alugá-las, mas também para alguns poucos que se aproveitam do momento para se apropriarem das coisas alheias.

3.3.2. A Sarandaia

A Festa do Mastro em Capela começou a ser praticada no final da década de 1930, daí em diante, uma série de eventos foram sendo incorporados à sua dinâmica. Atualmente, ela é constituída por um conjunto de folguedos. O primeiro da sequência é conhecido como Sarandaia²⁵, festividade que tem início por volta das 23 horas e 30 minutos do dia 31 de maio. Nela, centenas de pessoas saem da Praça Manoel Cardoso Souza em direção à Praça Anderson de Melo²⁶, antiga Praça do São Pedro, para realizar o hasteamento do estandarte que traz estampada a imagem do Santo. Segundo Santos e Santos (2014), erguer a bandeira do santo católico, idealizada em 1993 por autoridades ligadas à Prefeitura Municipal de Capela, foi uma forma encontrada para trazer um pouco mais de religiosidade ao evento. Apesar do grande número de participantes, esse momento de elevar a imagem do santo, em regra, é

²⁵ Apesar de ser realizada desde a década de 1960, a Sarandaia só passou, oficialmente, a fazer parte da abertura da Festa do Mastro de Capela-SE em 1983, quando a festa perde o seu caráter privado e passa a ser gerida pelo governo municipal (SANTOS; SANTOS, 2014).

²⁶ Anderson de Melo foi um dos quatro irmãos que ajudaram a “trazer” a Festa do Mastro para Capela-SE.

protagonizado pelas autoridades políticas e membros da família Melo (responsáveis por “trazer” a Festa do Mastro para Capela), como é possível observar na Figura 10.

Figura 10 - Cortejo da Sarandaia



Fotografia de Maria da Conceição Souza. Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Capela, 2000.

Com o objetivo de arrecadar prêmios que serão pendurados no mastro, o grupo de pessoas que compõe a Sarandaia sai animado por algumas ruas da cidade ao som do grupo de pífanos e em meio a vários disparos de bacamarte²⁷, ao mesmo tempo em que cantam um hino específico da festividade:

Ô seu fulano,
Abra a porta que eu quero beber (bis)
Hoje é primeiro de São João
Traga cachaça pra nós beber
Se não tiver, traga dinheiro
Para pagar o zabumbeiro (...)

De acordo com Santos e Santos (2014), o evento foi copiado do município de Japaratuba no final da década de 1960, por Ary Cabral, filho de um usineiro local. No primeiro ano de realização, a brincadeira representou apenas uma diversão para poucos participantes (alguns amigos), que saíram pedindo bebidas nas casas de amigos e conhecidos para serem ingeridas naquela noite mesmo, atitude sem vinculação direta com a Festa do

²⁷Segundo Amaral (1998), os bacamartes são, em sua maior parte, cópias de antigas granadeiras usadas pelas tropas sertanejas que lutaram na Guerra do Paraguai. Para os bacamarteiros, os bacamartes não são armas. São como se fossem bichos de estimação, recebendo nome como pessoas.

Mastro. É somente a partir do segundo ano que o evento ganhou esse título e seus organizadores decidiram aproveitar a oportunidade para arrecadar prêmios para serem colocados no mastro.

Para as autoras, das primeiras edições até meados dos anos 80, uma das principais características da Sarandaia era a pouca presença feminina em sua realização. Esse comportamento pouco participativo das mulheres em determinado tipo de eventos é, segundo Del Priore (2011), resquícios de as tradições cristãs que existem no Brasil desde os tempos de Colônia e que tendia a associar a imagem das mulheres que participavam de festividades profanas à prostituição. Estas que se deixassem conduzir por excessos e guiar por suas necessidades, torna-se um péssimo exemplo para as esposas, um perigo à honra das famílias. Nesse sentido, as mulheres eram obrigadas a ostentar valores ligados à castidade e à pureza, identificadas pelo comportamento recatado e passivo. Serão as transformações econômicas, demográficas e culturais da década de 1990 que passam a mudar gradativamente essa realidade, ampliando sua participação, não só na Sarandaia, mas também em outras festividades.

A partir do ano de 1990, a Sarandaia teve seu público ampliado. A contratação de um carro de som, por parte da prefeitura, significou muito mais que a inserção da tecnologia no festejo. Por ser um folguedo que acontece à meia noite e dispor apenas de uma banda de pífano para a animação dos envolvidos, não contava com uma participação expressiva da população. Para Santos e Santos (2014), fazia-se necessário um som mais potente, que chegasse até o público, animando-o, contagiando-o e fazendo a alegria de todos. A tecnologia aliada à tradição trazida pelos pífanos deu mais visibilidade ao evento, fortalecendo gradativamente essa brincadeira.

A cada ano de realização, o folguedo cresce e ganha mais notoriedade. A popularidade entre os capelenses fez com que no ano de 2001, por meio da Lei Municipal nº 90/2001, a Sarandaia fosse reconhecida como uma manifestação popular dos capelenses. De acordo com o Artigo Primeiro da referida normativa, “Fica reconhecida a “Sarandaia” Festa Popular do Município de Capela, Estado de Sergipe”. Enquanto o Artigo Segundo “Determina Feriado Municipal o dia 1º de junho alusivo à “referida manifestação””.

Diante disso, verificamos que o público, o objetivo e o seu papel da Sarandaia dentro da Festa do Mastro transformaram-se ao longo do tempo. Todavia, permanecendo como uma forma de diversão que consiste em pedir brindes (quase sempre bebidas) a moradores e comerciantes na madrugada de primeiro de junho.

3.3.3. A Marcação do Mastro

Toda festa tem o momento mais aguardado pelos seus participantes. O auge da Festa do Mastro é o cortejo em que os brincantes fazem a busca da árvore na mata e a leva para o Centro da cidade para ser queimada em praça pública. Todavia, no município de Capela, antes desse momento, é feita a marcação da árvore, ou seja, a escolha do elemento que se transformará no principal símbolo da festa.

Segundo Santos e Santos (2014), desde a primeira edição da Festa do Mastro de Capela que havia a prévia seleção da árvore. Entretanto, esse ato ao longo do tempo não se deu da mesma maneira. Nos primeiros anos, tudo era feito de forma bem mais simples que atualmente: um dos irmãos Melo, mais ou menos duas semanas antes do dia vinte e nove de junho, saía a cavalo para escolher a árvore. Fazendo uso da enxada e da foice, limpava o local a sua volta para a saída desta no dia da busca.

Com o passar dos anos, o grupo responsável por esse ato foi aumentando. Os irmãos Melo juntamente com alguns amigos começaram a participar levando consigo fogos de artifício e bebidas. Gradativamente o folguedo passa a ganhar dimensão, elevando o número de participantes e a notoriedade, sobretudo, quando o poder público assume a realização da festa a partir do ano de 1983.

Ainda de acordo com Santos e Santos (2014), foi durante a administração do prefeito Manoel Cardoso Souza Filho, conhecido na cidade como “Manuca”, que no ano de 1992, procurou-se estabelecer um momento fixo para realizar a marcação. O dia escolhido foi o feriado de Corpus Christi, como afirmou em entrevista a então secretária de educação Zuleide Moura.

Nós acertamos para marcar o Mastro no dia de Corpus Christie. Na primeira administração de Manuca nós acertamos isso. E ficou assim, todo ano se marca (nesse dia). Que antes dizia: gente, vai marcar quando esse Mastro? E agora não, dia de Corpus Christie cai numa quinta feira. (MOURA, 2011, Apud. SANTOS, 2014)

A preocupação com o meio ambiente por parte do poder público municipal residia no fato de apenas comunicar, via ofício, a retirada da árvore ao órgão responsável pela gestão do meio ambiente, o IBAMA.

Apesar de o mastro ser dedicado a São Pedro e das orações que são realizadas no dia da marcação da árvore, a escolha do feriado cristão para a realização da marcação ocorreu não por motivos religiosos, mas como forma de se estipular uma data fixa que facilitasse a

organização do evento e a participação daqueles que estavam impossibilitados por conta do trabalho ou de outros afazeres, ampliando, com isso, o número de participantes.

Às sete horas do feriado mencionado, começa a se formar uma aglomeração em frente ao prédio da prefeitura, localizado no centro da cidade. São vendedores ambulantes de inúmeros produtos, a exemplo de refrigerante, cerveja, água e amendoim. Também se fazem presentes membros de uma banda de pífanos, que ajudam a fazer a animação durante o trajeto, que será feito a pé. Um foguetório seguido de uma salva de tiros efetuados por uma média de trinta bacamarteiros²⁸ dão um ar diferente e, até certo ponto, assustador para aqueles que conhecem a festa pela primeira vez (ver Figura 11). É o sinal que a folia vai começar. Em sua maioria, caracterizam-se como cangaceiros, remetendo-nos aos saques que Lampião e seu bando fizeram ao município. Esses participantes usam os bacamartes para fazer disparos durante todo o trajeto da festa, os quais começam a ser feitos em frente aos prédios da Prefeitura de Capela e do prédio do antigo cinema, atual Secretaria Municipal de Cultura.

Figura 11 - Salva de Tiros de Bacamarte Durante a Marcação do Mastro



Fotografia de Edmilson Damasceno. Fonte: acervo pessoal do fotógrafo, 2018.

O emprego do bacamarte durante a Festa do Mastro de Capela remete ao ano de 1964, durante a administração do então prefeito Antônio Arimatéia, quando grupos de bacamarteiros foram trazidos de alguns povoados como Miranda, Terra Dura e Barracas para se apresentarem na cidade (SANTOS; SANTOS, 2014). A intenção de valorizar a história e a

²⁸ De acordo com Amaral (1998), por ter em suas origens raízes militares, os bacamarteiros se apresentam divididos em batalhões.

cultura do município por parte da maioria dos integrantes dos grupos é perceptível com a preocupação na escolha das vestimentas e indumentárias, como pode ser visto na figura 12.

Figura12: Batalhão de Bacamarteiros em Formação



Fotografia de Alessandro do Nascimento Macedo. Fonte: acervo do próprio autor, 2019.

Às oito horas, muitos adultos, crianças e idosos partem em direção à Mata do Junco para selecionar a árvore que será o símbolo da festa. No ano de 2019, por exemplo, a quantidade de pessoas presente nesse folguedo foi visivelmente bem maior que o habitual, fazendo com que pais, mães, filhos e filhas seguissem em uma manhã ensolarada para mais um ano de Marcação do Mastro, como é possível visualizar na Figura 13.

Figura 13 - Multidão Seguindo para a Marcação do Mastro



Fotografia de Gabriel Nascimento Santos. Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Capela, 2019.

Nesse ano, o governo municipal disponibilizou, pela primeira vez, um trio elétrico para comemorar os oitenta anos da Festa do Mastro. Era possível perceber a empolgação e a alegria naqueles que estavam ali para se divertir e um olhar mais apreensivo e repleto de seriedade daqueles que estavam a trabalho, como vendedores, seguranças, membros da organização e até mesmo crianças, como nos mostra a Figura 14.

Figura 14 - Chegada à Mata para a Marcação do Mastro



Fotografia de Mônica dos Santos Macedo. Fonte: acervo da própria fotógrafa. 2019.

Normalmente, o cortejo chega ao destino por volta das dez horas da manhã. O acesso à mata é restrito por um grupo de seguranças privados contratados pela prefeitura. Enquanto os brincantes aguardam na rodovia SE-226, membros da comissão organizadora da festa, integrantes do Conselho do Meio Ambiente, pesquisadores e políticos adentram ao RVSMJ e fazem uma oração ao redor da planta escolhida, evidenciando como elementos sagrados fazem parte deste momento da festa, como é possível verificar na Figura 15.

Figura 15 – Momento da Escolha da Árvore



Fotografia de Alessandro do Nascimento Macedo. Fonte: acervo do próprio autor. 2019.

De acordo com Marques (2009), desde os primeiros anos de realização, entre os principais critérios para a escolha da árvore estão: ela não pode ser muito grande, a ponto de dificultar o transporte (feito nos ombros por mais ou menos sete quilômetros) e a queima; e deve ter galhos que formem uma boa copa, para que possa suportar os inúmeros presentes que serão pendurados. Após a seleção, tiros de bacamarte e fogos de artifício são disparados, avisando a população que a escolha foi feita²⁹. É então que aqueles que adentraram na mata realizam orações em torno da árvore escolhida, marcam o seu tronco com o machado, tiram fotografias e buscam amenizar os impactos ambientais fazendo o plantio de mudas nas proximidades da árvore retirada.

Ressalto que a inovação trazida no ano de 2019 (80 anos da festa), proporcionada pela inclusão do trio elétrico durante o trajeto, seguido de um show gratuito em via pública, (ambos financiados com recursos públicos da Prefeitura Municipal de Capela), não resultou na substituição da banda de pífanos, já que esta se fez presente durante todo o evento. Todavia, foi um artifício, até então, empregado apenas durante a Busca do Mastro.

²⁹ Desde 2007 que os bacamarteiros não entram na mata para evitar que o som dos disparos assustem os animais. Desde então, eles aguardam tanto durante a marcação como a retirada da árvore a uma distância de aproximadamente quatrocentos metros do local.

3.3.4. Entre o Sagrado e o Profano: o Baile da Rainha do São Pedro e a Missa do Fogueteiro

Um evento que passou a fazer parte da Festa do Mastro em Capela e que se encaixa como um folguedo de caráter profano é o Baile da Rainha do São Pedro. Neste, anualmente é escolhida com a ajuda de jurados, uma jovem que será coroada a rainha do São Pedro de Capela.

O baile foi criado pelo poder público municipal em 1991 e, nas primeiras edições, a competição era realizada no Clube do Rio Branco, localizado na Praça Manoel Cardozo Souza (Antiga Praça 15 de Novembro), e contava com a participação de candidatas que representavam escolas (municipais, estaduais e da rede privada), além de instituições comerciais e financeiras. Segundo Santos e Santos (2014), a inclusão do baile no calendário dos festejos juninos de Capela-SE foi feita para divulgar a Festa do Mastro nas redondezas, já que algumas das candidatas eram oriundas e representavam instituições comerciais de municípios próximos, como o de Nossa Senhora das Dores, por exemplo. O destino dos recursos arrecadados com o evento tem mudado ao longo de sua trajetória. Nos dois primeiros anos, a arrecadação tinha como destino famílias carentes do município. A partir de então, os valores com a venda de mesas e ingressos individuais passaram a servir para custear as próprias despesas do evento, a exemplo do aluguel do espaço e da banda que anima o baile.

Com o passar do tempo, tanto as casas comerciais, quanto as instituições financeiras foram deixando de participar do baile, restando apenas as unidades escolares localizadas no município. O alto custo com penteado, maquiagem, vestido e ensaios ameaçaram a continuidade do concurso. Uma alternativa encontrada foi repassar as mesas e ingressos individuais para os diretores de escola que os vendiam na esperança de arrecadar o suficiente para auxiliar nos gastos com as candidatas. Em 2019, além desses recursos, também contaram com uma ajuda de custo em dinheiro fornecida pela prefeitura, já que o que se consegue com a venda das mesas não é suficiente para os gastos.

Para Santos e Santos (2014), participar e vencer o concurso é um verdadeiro sonho para muitas jovens capelenses. Na Figura 16, podemos perceber, a partir do registro fotográfico, a relevância atribuída ao baile pela administração pública municipal, sobretudo, por meio da presença e entrega da premiação à vencedora por parte do então prefeito Manoel Cardoso Souza Filho, além das indumentárias juninas utilizadas pela candidata.

Figura 16 - Baile da Rainha do São Pedro



Foto: autor desconhecido³⁰. Fonte: acervo particular de Fabrícia Silva Santos, 1999.

Durante a realização do evento no ginásio de esportes, há uma divisão entre os espectadores. Dentro da quadra ficam sentados em cadeira aqueles que podem ou querem pagar para assistir ao desfile das alunas e ao show que acontece na sequência. Nas arquibancadas, permanecem os que não têm condições ou preferem não gastar seus recursos para assistir ao desfile.

O que fica evidente durante a realização desse evento é uma imensa divisão social, a qual põe em lados opostos as chamadas elites locais, composta de políticos, empresários e, principalmente, de funcionários públicos, e do outro, as camadas mais simples da sociedade capelense. Essa separação fica ainda mais nítida por conta da rede, (tela), de proteção que faz parte da estrutura do ginásio, e que separa a arquibancada da quadra, como também é possível ser vislumbrado na Figura 17.

³⁰ A fotografia pertence a Fabrícia Silva Santos, vencedora do baile da Rainha do São Pedro do ano de 1999. Segundo esta, o registro lhe foi doado alguns dias após o evento por uma fotógrafa conhecida como Lena “fotógrafa”. Todavia, quando procurada, Lena afirmou não ter como lembrar se foi, de fato, a autora do registro, já que fazia centenas deles todos os anos.

Figura 17 - Plateia Acompanhando a Apresentação de uma Candidata Durante o Baile da Rainha do São Pedro



Fotografia de Mônica dos Santos Macedo. Fonte: acervo da própria fotógrafa. 2019.

Durante a competição, os jurados escolhidos pela organização do evento analisam, dentre outros atributos, a beleza e a desenvoltura das candidatas ao dançarem a música tema da Festa do Mastro, “Balão Dourado” da banda baiana Chiclete com Banana (1987).

Os principais eventos da Festa do Mastro capelense, incluindo os shows musicais, acontecem normalmente em três dias, (sexta, sábado e domingo). Nessa festividade, a religiosidade (católica) encontra seu ápice na Missa do Fogueteiro. Na última sexta-feira do mês de junho, às 19 horas e 30 minutos, uma pequena parcela da população participa desse momento de religiosidade que acontece na Igreja Matriz de Capela-SE.

Para a solenidade, a Igreja Matriz é preparada tanto interna quanto externamente. No primeiro caso, um altar improvisado traz, além da imagem de São Pedro, outros elementos ligados à festa, como o chapéu de cangaceiro utilizado pelos bacamarteiros, por exemplo. (ver Figura 18).

Figura 18 - Altar Improvisado para a Missa do Fogueteiro



Fotografia de João Bosco Araújo Macedo Junior. Fonte: acervo do próprio fotógrafo, 2020³¹.

Da mesma forma, três bandeiras vermelhas contendo a imagens de Santo Antônio, São João e São Pedro, principais santos juninos, são colocadas nas janelas frontais do templo, indicando à população a peculiaridade do ritual, o que nos mostra a Figura 19.

Figura 19 - Vista Frontal da Igreja Matriz Durante o Período Junino



Fotografia de João Bosco Araújo Macedo Junior. Fonte: acervo do próprio fotógrafo, 2019.

³¹ Por conta do isolamento social resultado do combate ao Novo Corona Vírus, a Missa do Fogueteiro neste ano (2020) foi realizada sem a presença do público.

Na plateia, a população local assiste atentamente a tudo que acontece. Apesar de não haver nenhuma determinação específica da Igreja, é possível perceber que nos bancos próximos ao altar, sentam-se políticos locais, alguns empresários e a Rainha do São Pedro. Já os demais participantes, acomodam-se nos assentos que restam.

Na missa de 2019, por exemplo, durante a realização do sermão, quando não tratou de assuntos de cunho político, o padre buscava enfatizar a importância do cuidado dos participantes da festa com relação aos “exageros”, o respeito a si próprio e a terceiros durante a realização dos folguedos. No momento do ofertório, alguns dos ocupantes dos primeiros bancos são selecionados para levarem até o altar, além dos tradicionais símbolos católicos, elementos ligados à festa como fogos de artifício, o bacamarte, comidas típicas e uma pequena réplica do mastro. A Figura 20 demonstra como a Festa do Mastro de Capela mantém fortes ligações com o catolicismo.

Figura 20 - Momento do Ofertório durante a Missa do Fogueteiro



Fotografia de Alessandro do Nascimento Macedo. Fonte: acervo do próprio autor. 2019.

Criada em 1993, a Missa do Fogueteiro tinha como objetivo pedir proteção para que a festa transcorresse em paz. A preocupação se dá, principalmente, em decorrência do perigo enfrentado pelos bacamarteiros, fabricantes de fogos de artifícios, além dos que enfrentam as batalhas dos busca-pés durante a Queima do Mastro. Nos primeiros anos de sua realização, os cânticos religiosos eram executados em ritmo de forró, estratégia que animava bastantes os que participavam dela o que, infelizmente, não mais acontece (SANTOS; SANTOS, 2014).

Em conversa informal com um ministro de eucaristia e atual presidente do grupo Apostolado da Oração, percebemos o quão a Festa do Mastro de Capela é importante para o catolicismo local. Segundo ele: a importância da festa

É a devoção a São Pedro. A Festa do Mastro enaltece o nome de São Pedro, leva à devoção a São Pedro. Festejar o mastro, aquela árvore frondosa, que representa a vida, a criação, a natureza. São Pedro é essa figura viva que seguiu Jesus Cristo, era pescador e que largou tudo para seguir Jesus (...) Pedro foi o primeiro papa, primeiro pontífice, ele é uma das “colunas” da Igreja. Embora celebremos no mesmo dia São Pedro e São Paulo, Pedro é mais reverenciado no Nordeste por ser aquele que envia chuva, por ser o chaveiro do céu, devido a passagem bíblica que Jesus diz a Pedro que “o que ele ligasse na terra, seria ligado no céu, o que desligasse na terra, seria desligado no céu”. Ele é o fundador da Igreja, o nome dele era Simão, mas Jesus disse: “seu nome é Pedro e sobre esta pedra, edificarei a minha igreja”. Então festejar São Pedro é festejar a Igreja Católica. (MACEDO JUNIOR, 2020)

Todavia, o culto a São Pedro ou a qualquer outro santo do catolicismo não é visto com bons olhos por uma parte dos moradores de Capela. Dialogando com um presbítero da igreja protestante “Assembleia de Deus”, localizada no município, percebemos a discordância do líder religioso local com a realização da festa. Tomando por base trechos do livro sagrado do cristianismo, afirma que “a Festa de São Pedro de Capela nada mais é do que uma forma de culto a Pedro, e na Bíblia não se encontra, em lugar algum, nem Pedro, nem João, nem nenhum dos discípulos de Jesus pedindo adoração para si” (FAUSTO, 2020). E segue afirmando que “durante o período festivo, recomendo a todos, seja evangélico ou não, que se afastem de todas as festas de adoração e idolatria que não seja direcionada ao Deus único, pois, fere os princípios de nossa religião.” (FAUSTO, 2020).

Por outro lado, há aqueles que não observam qualquer tipo de religiosidade durante a realização da referida festa. Com 19 anos de prática de candomblé, um “pai de santo” de um terreiro localizado no município de Capela e frequente participante da Festa do Mastro afirma que respeita todas as práticas religiosas, todavia, não consegue enxergar a Festa do Mastro local como um evento religioso.

Se você for em uma igreja evangélica, você não vai ver homossexualismo, você não vai ver lesbianismo, você não vai ver cachaçada e não vai ver a destruição do patrimônio chamado família. A festa de Capela dos anos que eu acompanho, de 2007 pra cá, só tem isso. (...) Esquecendo do padroeiro da festa. Eu nunca vi alguém exaltando São Pedro. (...) Você vê facada, tiro, mas não vê ninguém colocando São Pedro em primeiro lugar. Então, não é uma festa religiosa da cidade. (...) O mastro, que deveria ser uma caminhada até lá para trazer uma tora de madeira, e junto com essa tora de madeira, o São Pedro. Não é. Vem uma tora de madeira, todo mundo sujo, que significa o pecado, e quando chega em certos lugares, tem um trio elétrico esperando para começar a festa mundana. E o santo, fica na onde? Em lugar nenhum. (...) É o que acontece em Capela. (JUNIOR, 2020)

O candomblecista, baseado em outros eventos de caráter religioso, acaba não percebendo a mescla sagrado/profano que há na constituição do mencionado festejo. Trata-se

de um posicionamento até certo ponto comum. De acordo Eliade (1992), nem todas as pessoas conseguem perceber ou não reconhecem a sacralidade atribuída, por exemplo, à determinada situação ou objeto. Para o historiador,

O homem ocidental moderno experimenta um certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos o sagrado pode manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas (...) não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedras ou como árvores, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam algo que não é nem pedra nem árvore, mas o sagrado (...)” (ELIADE, 1992, p. 13, grifo nosso)

Tanto para o candomblecista quanto para o evangélico, a importância da festa, hoje, está atrelada à economia do município, pois, a vinda de turista de todo o país para prestigiar o festejo, movimenta bastante o comércio, fazendo com que, segundo eles, os vendedores tenham lucros.

Após apresentarmos algumas especificidades do Baile da Rainha do São Pedro de Capela e da Missa do Fogueteiro, dois folguedos que compõem a Festa do Mastro capelense, e de verificamos também um pouco da percepção que alguns seguimentos religiosos têm a respeito do festejo, propomo-nos a apontar alguns elementos de um dos folguedos que mais chamam a atenção dos participantes e que, assim como a Sarandaia, é responsável por arrecadar os brindes que enfeitarão a árvore símbolo do evento, a Baiana.

3.3.5. A Baiana

No dia anterior à busca do mastro, ou seja, no sábado, mais precisamente às quinze horas, uma multidão passa, novamente, a concentrar-se em frente à prefeitura. É de lá que sai um homem travestido de baiana, o seu vestido é branco, usa sapatos de salto alto, brincos e portanto um sexto em sua cabeça. Ao seu redor, a banda de pífano anima os presentes e dita o ritmo da caminhada. O animado cortejo, feito pelas ruas da cidade, passa por muitas casas comerciais e algumas residências pedindo prêmios que serão pendurados, no dia seguinte, na árvore mastro.

A cada rua em que passa a Baiana, aumenta o número de participantes. Muitos turistas e moradores fazem questão de tirar uma fotografia com o exótico personagem. Enquanto isso, o consumo de bebida alcoólica, água e de refrigerante ajuda não só a refrescar o calor dos foliões, mas também auxilia a complementar a renda dos vendedores ambulantes, que aproveitam a ocasião para tentar prover o sustento de suas famílias.

A Baiana está entre os folguedos mais antigos da Festa do Mastro e, em Sergipe, só ocorre no município de Capela. Conforme Santos e Santos (2014), a brincadeira foi criada em 1940, ou seja, um ano após a primeira edição da Festa do Mastro. Não se sabe ao certo de quem foi a ideia de criar o folgado, no entanto, o primeiro a travestir-se do personagem foi um cidadão conhecido por Zé Continha.

Ainda segundo as pesquisadoras, no primeiro ano de realização, a baiana foi às ruas da cidade acompanhada apenas por alguns membros da Família Melo e amigos, ou seja, um público bem restrito se comparado aos dias atuais. No ano seguinte (1941), o grupo cresceu, pois, já passou a contar com a participação de uma banda de pífano financiada com recursos que foram rateados entre os organizadores da festa. O objetivo era garantir a diversão dos participantes durante o trajeto.

A partir da década de 1980, o folgado passou por transformações significativas, sobretudo, relacionadas ao público participante. Em 1989, quando a Festa do Mastro já estava sob a organização e financiamento da prefeitura de Capela, houve uma maior participação popular. Um dos motivos foi a transferência da Festa do Mastro para os finais de semana. A Baiana sempre foi realizada na tarde anterior à Busca do Mastro, e quando esta era realizada exatamente no dia vinte e nove de junho, dificultava a participação das pessoas que trabalhavam ou que moravam fora de Capela, justamente porque o dia vinte e oito não se trata de feriado e dificilmente coincidia com os finais de semana (SANTOS; SANTOS, 2014).

Ainda segundo as pesquisadoras, inovações adotadas no evento durante a década de 1980 também tiveram influências sobre os participantes, a exemplo do carro de som. Essa inovação, aliada à banda de pífano, animavam ainda mais os foliões durante o cortejo, o que por sua vez, atraía gradativamente mais participantes. Outro motivo importante foi a presença carismática de Antônio Fernando Vieira travestido no personagem de baiana. Sua indumentária incluía a colocação de argolas nas orelhas, colares e maquiagem. Na Figura 21, já é possível perceber a presença de um público bastante significativo, composto por homens, mulheres e crianças durante o folgado.

Figura 21 - A Baiana Desfilando pelas Ruas de Capela



Fotografia de José Valtene dos Santos. Fonte: acervo da Prefeitura Municipal de Capela. 2003.

Enquanto a Baiana desfila pelas ruas de Capela, os participantes dançam, brincam e cantam músicas de roda. A mais cantada é: “Ô quebra quebra gobiraba. Quero ver quebrar. Quebra lá que eu quebro cá. Quero ver quebrar...”

No ano de 2009, algo inusitado ocorreu durante a Festa do Mastro: a realização de dois folguedos da Baiana. Neste ano, a cidade contou com um evento organizado pela casa de shows Augusto's, às dezesseis horas do sábado, dia em que é realizada a Baiana. A alternativa encontrada pelo então prefeito, Manoel Messias Sukita, foi alterar o horário do cortejo da Baiana para as oito horas da manhã do sábado, algo que nunca havia acontecido até então. Indignados com o que seria “quebra da tradição”, membros da família Melo, auxiliados por amigos trataram de organizar outro cortejo, que ocorreu às quinze horas do sábado, como de hábito (SANTOS; SANTOS, 2014).

O ritual da baiana lembra muito alguns rituais que são praticados em Portugal, como o peditório das maias, por exemplo. Segundo Marques (1990), em várias partes daquele país, a exemplo da Provença, grupos dançam pelas ruas pedindo esmolas ou presentes, em outras, um rapaz todo vestido de giesta florida e acompanhado de outros rapazes e moças saem cantando e pedindo prêmios. Evidenciando como elementos milenares ainda persistem nas manifestações culturais atuais.

Vimos um pouco de um dos folguedos que mais atraem o público durante a Festa do Mastro de Capela-SE, o qual também é responsável por arrecadar prêmios para serem colocados na árvore e disputados em meio aos busca-pés, a Baiana. Na sequência, discorreremos também sobre o auge da festividade no município, a Busca e a Queima do Mastro.

3.3.6. Da Mata à Fogueira: a Busca e a Queima do Mastro

O ápice da festa, o momento mais aguardado de todo o festejo, tem início na manhã do último domingo de junho³². Às oito horas da manhã, a população acorda mais uma vez ao som de tiros de bacamarte e com a queima de muitos fogos de artifício. Discorrendo sobre festas no Brasil colonial, Del Priore (1994) afirma que o uso destes artefatos foi uma tradição que aos poucos ganhou dimensão de propaganda governamental durante os eventos. Segundo a historiadora, trata-se de uma mídia eficiente e um instrumento eficaz de poder. Quanto maior for a importância do evento para determinada comunidade, maior será a queima de fogos antes, durante e depois. A pesquisadora salienta ainda que, quando usado à noite, por exemplo, gerando estampido, luz e calor, os fogos relacionavam-se ao desejo barroco de alterar a natureza, ou seja, vencer as forças hostis e a escuridão com os artifícios produzidos pela inteligência humana.

Os estouros dos fogos e os disparos de bacamarte são os “despertadores” daqueles que, há poucas horas, chegaram dos shows artísticos realizados na Praça Adroaldo Campos, localizada no Centro da cidade, e que tentaram um rápido descanso. A cada minuto que passa, aumenta a concentração de pessoas que, dentro de alguns instantes, seguirão em um cortejo a pé para buscar a árvore na mata e trazê-la para ser queimada em praça pública.

Uma das características mais marcantes da Festa do Mastro de Capela, e que faz com que ela se diferencie de outras que acontecem em outras localidades, sem dúvida, diz respeito ao famoso banho de lama, do qual poucos conseguem se esquivar durante esse folguedo. Enquanto alguns mergulham na lama voluntariamente, outros tentam resistir, mas trata-se de um esforço praticamente sem sucesso.

³² Segundo Santos e Santos (2014), até 1989 a Festa do Mastro culminava no dia 29 de junho, dia de São Pedro. A partir desse ano, com o intuito de ampliar o número de participantes, a administração municipal muda a data da Festa do Mastro para coincidir com o final de semana. Todavia, encontramos um cartaz de divulgação da festa do ano de 1990 que apontava o dia 29 de junho como o dia da Busca do Mastro daquele ano.

Uma poça d'água e uma porção de barro em meio ao trajeto representam uma oportunidade tanto de sujar alguém, quanto de ser sujo. Uma diversão a que os participantes mais experientes já estão acostumados e que é possível ser observada na Figura 22.

Figura 22 - Banho de Lama na Busca do Mastro



Fotografia de Antônio Luiz Nascimento Santos. Fonte: acervo da Manu's Color. 2015.

A brincadeira do mela-mela já começa nos jardins da Praça Manoel Cardoso Souza (antiga Praça 15 de Novembro), próxima à sede da prefeitura, onde aqueles que participam pela primeira vez passam pelo ritual do “batismo”, ou seja, são levados, às vezes contra a própria vontade, até uma poça d'água, são deitados e completamente cobertos de lama. E não adianta reclamar, é a Festa do Mastro de Capela-SE.

Outra característica típica da Busca do Mastro diz respeito ao costume de rasgar a camisa dos brincantes do sexo masculino. Isso significa que a Busca do Mastro é um evento em que é recomendável que os homens participem sem camisa. Quando algum deles é avistado vestindo o mencionado traje, uma coisa é certa: restarão apenas pedaços do tecido, “verdadeiros troféus” que serão amarrados nos braços e cabeças dos participantes (ver Figura 23). Todavia, por ser considerado falta de respeito, as mulheres estão livres desse tipo de “brincadeira”. Diante disso, os participantes procuram ir sem camisa ou preparados com roupas mais desgastadas, aquelas que se perdem por conta da lama ou dos rasgos, não farão tanta falta ao seu proprietário.

Figura 23 - Participante da Busca do Mastro Tendo sua Camisa Rasgada



Fotografia de Maria da Conceição Souza. Fonte: acervo da própria fotógrafa. Década de 1990.

Segundo Santos e Santos (2014), nos primeiros anos da festa, os participantes iam buscar a árvore na mata, mas não havia a brincadeira intencional de atirar lama um nos outros, bem como o costume de rasgar as camisas, como podemos vislumbrar na Figura 24, a qual retrata participantes na Busca do Mastro usando camisas, bem como alguns expectadores observando a passagem do cortejo vestindo roupas brancas, algo praticamente impossível de se ver após a década de 1960. Até então, o banho de lama que ocorria se dava naturalmente, devido às chuvas e ao terreno alagado que os participantes tinham que superar para ter acesso à Mata do Curralinho, local de onde foi retirada a árvore por mais de 20 anos.

Figura 24 - Busca do Mastro na Década de 1960



Fotografia de Lucival Vieira de Moura. Fonte: acervo de Rosemary Santos Melo. Década de 1960.

Sobre essa “guerra de lama” durante o trajeto, Núbia Marques (1999, p. 89) afirma que:

Muitos correm, outros se escondem, mas os brincadores são implacáveis. Não respeitam câmaras fotográficas nem vídeos de TV. Os que resistem ao assédio da lama, dois ou mais brincadores pegam-nos a força e os colocam de corpo inteiro na lama. O número de participantes é incontável e são, na maioria homens. As poucas mulheres que acompanham a rumaria na busca do mastro também não são poupadas.

Por meio de entrevistas realizadas com antigos participantes e organizares, as pesquisadoras obtiveram a informação de que essa prática teve início na década de 1960, quando foliões pegaram o então prefeito Manoel C. Souza e o sujaram intencionalmente de lama e em seguida rasgaram sua camisa. Tornando essas práticas em um comportamento comum no evento até os dias atuais.

Sem dúvida, esse momento é o mais democrático e, para muitos, o mais divertido do evento. Na Busca do Mastro, não é preciso adquirir nenhum tipo de *abadá*, a exemplo dos carnavais de Salvador-BA. Participam quem tem e quem não tem condições financeiras. Todos se misturam, ficando praticamente imperceptível as diferenças de classe social, idade, cor, etc. dos participantes (Ver a Figura 25).

Figura 25 – Diversão na Busca do Mastro



Fotografia de Gênisson Meneses Santos. Fonte: acervo de Alessandro do N. Macedo. 2011.

Essa característica do evento é evidenciada na fala de muitos capelenses. Em entrevista concedida à pesquisadora Jisélia Marques Santos, Eduardo dos Santos, morador de Capela-SE, fala sobre a Busca do Mastro. O que, segundo ele:

(...) É onde todos se encontram, é onde ninguém se desconhece, todos se misturam e fazem parte de uma caminhada muito bonita, que apesar da distância fica muito pequena diante da empolgação de todos. Na Busca do Mastro não há distinção de classe social. Lá nos encontramos desde o pobre, aquele que está lá sem condição financeira, ao cidadão mais rico da nossa sociedade (...) (SANTOS, Apud. SANTOS e SANTOS, 2014, p. 115).

O mês de junho normalmente coincide com o período das chuvas no estado de Sergipe. Esse fato facilitava a formação de inúmeras poças de lama no trajeto em direção à mata, onde se banham voluntaria ou involuntariamente os participantes da festa, um dos fatores que garantem a peculiaridade do evento. Todavia, a inauguração, em janeiro de 2013, da rodovia SE- 226 (Rodovia Carlos Alberto Vasconcelos) que liga Capela-SE à BR-101, mesmo sendo reconhecidamente uma obra importante para o município, trouxe uma preocupação com relação a possível alteração da essência da Festa do Mastro, em virtude da possível falta de lama.

A alternativa encontrada pela organização da festa para o ano de 2014, foi modificar o trajeto da Busca do Mastro para um trecho paralelo à rodovia e que ainda não havia passado por obras de pavimentação, conhecido como “Saco do Leitão”. Não faltaram reclamações. As

principais recaíam sobre a mudança do trajeto e pela falta de espaço desse trecho alternativo para acomodar tantas pessoas.

Para evitar críticas e que os brincantes voltassem “limpos” da festa, a partir de 2016, o governo municipal retomou o trajeto pela rodovia SE-226, porém, utilizando a tática de espalhar montes de barro em locais estratégicos, os quais molhados pela chuva e com a ajuda de caminhões pipas e do próprio Corpo de Bombeiros de Sergipe, formava a lama que garantia a folia.

No que diz respeito à diversão, até o fim da década de 1980, o som que animava a Busca do Mastro provinha apenas dos instrumentos da banda de pífano, como podemos notar na Figura 26. A partir de então, a inserção do carro de som modificou a dinâmica e trouxe algo a mais para caracterizar a Festa de São Pedro do município. Foi por meio desse instrumento de comunicação que os organizadores orientavam os participantes a não jogar lama nos espectadores, bem como a não rasgar roupa de mulheres, por exemplo. Mas o que marcou, de fato, a sua participação foi a inclusão do ritmo que se tornaria o hino da festa, a música “Balão Dourado”³³. A melodia é utilizada pelas candidatas no Baile da Rainha do São Pedro, no trajeto da Busca do Mastro e em todas as escolas situadas no município, quando estão escolhendo suas respectivas “rainhas do milho” no período junino (SANTOS; SANTOS, 2014).

Figura 26 – Banda de Pífano em meio aos Participantes da Festa do Mastro



Fotografia de Lucival Vieira de Moura. Fonte: acervo de Rosemary Santos Melo. Década de 1960.

³³Composta por Wadinho Marques, a música faz parte do álbum “Grito de Guerra”, da banda Chiclete com Banana, o qual foi gravado no ano de 1987, junto à gravadora Warner Music Brasil. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chiclete-com-banana/discografia/gritos-de-guerra-1987/> Acesso em: 27/06/2020.

Qualquer capelense ao ouvir essa música, de autoria de Wadinho Marques e gravada em 1987 pela banda baiana Chiclete com Banana, seja lá onde estiver ou em qualquer época do ano, dificilmente não remeterá à Festa do Mastro.

Sonhei que eu era um balão dourado
E debruçado no manto
Estrelado do céu
Eu via
Povo
Cantando embalado
Como na ginga
De um carrossel
No sonho eu via a sanfona
E a zabumba
Batendo tão forte
Parecendo um coração
No ting-ling do triângulo
A poeira que sai do chão
Mais um licor
Pra embebedar o coração
Pois nesse passo
Ao som do arrasta-pé
Até o amanhecer seja lá o que Deus quiser
Voei... Voei...(...) (CHICLETE COM BANANA, 1987)

O século XXI trouxe mais inovações à Busca do Mastro. Mesmo contando com a banda de pífano e com o carro de som, no ano de 2005, o evento ficou marcado pela inserção do trio elétrico. Junto com ele, uma banda trazia ainda mais animação. Essa estratégia atraía um número maior de participantes e ocasionou, no primeiro ano, um fato inusitado. Por conta, principalmente do tamanho, o trio elétrico não foi conduzido até a mata, ficando acerca de três quilômetros de onde a árvore é retirada (Praça Odília Fausto do Sacramento). Os participantes da festa se dividiram. Enquanto o primeiro grupo foi retirar a árvore na mata, o segundo ficou com o trio elétrico e esperando a banda Seeway que chegou atrasada para fazer o “arrastão”. O resultado foi um grupo na frente, conduzindo o mastro, e o outro bem atrás, só passando cerca de uma hora depois, causando um burburinho entre aqueles que aguardavam o cortejo nas praças e em frente às suas residências (SANTOS; SANTOS, 2014).

Os casos de embriaguez são constantes durante a festa, e esse costume de ingerir bebidas alcoólicas durante eventos festivos não é uma prática recente em nosso país. De acordo com Del Priore (1994), tudo indica que a embriaguez já era tolerada em período de festas desde a época de Colônia, até mesmo em festejos que envolvessem religiosidade. Para a historiadora, o fausto dos eventos se sobrepunha ao controle do consumo da bebida alcoólica. Era comum, inclusive, autoridades distribuírem comida e bebida por conta da realização das festividades.

É o que ainda ocorre em Capela. Na Busca do Mastro, por exemplo, até mesmo aqueles participantes com poucas condições financeiras ou mesmo os que preferem não levar dinheiro consigo para o “meio da lama”, mas que queiram fazer ingestão dessa substância, não encontrará dificuldades para acessá-la. Isso porque a Prefeitura, fazendo uso de recursos públicos, disponibiliza gratuitamente dezenas de litro de batida³⁴ para serem consumidos durante todo trajeto da festa. A distribuição é feita com o auxílio do “Carro da Batida”, um caminhão pipa adaptado para transportar a bebida.

O acesso fácil à bebida, somado ao exagero por parte de alguns participantes, resulta em casos, até certo ponto, curiosos. De acordo o B.O. de número 2013/06536.0-000290 registrado em junho de 2013 na Delegacia de Polícia de Capela, uma turista “informa que o colega (...) desapareceu durante a festa do mastro, que está preocupada porque o amigo gosta de se embriagar e ainda não deu notícias”.

As festas também são ótimas ocasiões para (re)encontrar amigos e, até mesmo, uma oportunidade de encontrar um namorado ou namorada, tornando-se um momento importante de descontração. Por outro lado, a mistura entre a dança, bebidas e brincadeiras, desde as primeiras festividades realizadas no Brasil, formavam panos de fundo propícios à violência. A dificuldade em identificar o infrator é outro potencializador de crimes, conflitos e acertos de conta, que em algumas situações chegam a interromper o evento (DEL PRIORE, 1994).

Em Capela, durante a Busca do Mastro de 2017, um homem foi espancado a ponto de regredir a óbito. É o que foi registrado no B.O. de número 2017/06536.0-000482 por uma parente da vítima. Segundo a noticiante, quando chegou à residência da vítima a encontrou

(...) na cama aonde dormia, sem vida. Que o citado senhor foi a óbito provavelmente por conta das lesões internas, visto que se queixava de forte dor na cabeça e também quando urinava (...) Que com relação ao espancamento sofrido por seu cunhado, esta não obteve informações dos fatos que motivaram tão fato e tão pouco a sua autoria, soube apenas que ele tinha sido espancado por populares na festa do mastro. (Fonte: SSP/SE, grifo nosso)

Os boletins de ocorrências são fontes relevantes para compreender um pouco do comportamento dos indivíduos de determinada localidade. Mesmo ciente de que algumas pessoas preferem não levar até ao conhecimento das autoridades policiais determinadas situações, (evitando números mais precisos), e que esse documento registra apenas uma versão dos fatos, encontramos neles informações importantes no que dizem respeito ao local, horário da ocorrência, o endereço, a cor, estado civil, à formação da vítima, bem como um resumo da ocorrência.

³⁴ Batida é uma bebida preparada à base de aguardente de cana misturada a suco de frutas, a exemplo de maracujá e jenipapo.

Ao verificarmos esses registros oficiais, pudemos verificar que mesmo com a contratação de seguranças particulares, com a solicitação de reforço à Polícia Militar e ao Corpo de Bombeiros³⁵, no município capelense a média de ocorrências registradas durante os dias de festas são bem maiores que nos demais dias do mês de junho, como é possível observar na tabela 1. A principal ocorrência é o furto, quando criminosos aproveitam-se da aglomeração para subtrair de participantes da festa, principalmente, carteira porta cédula e aparelhos celulares.

Tabela 1 - Ocorrências registradas no mês de junho entre os anos 2007 e 2017.

Ano	Total de ocorrências no mês de Junho ³⁶	Ocorrências registradas nos dias da Festa/Porcentagem com relação ao mês. ³⁷	Ocorrências diretamente ligadas à Festa/ Porcentagem com relação ao dia ³⁸ .	Ocorrência mais frequente.
2007	49 ocorrências	24 / 48,9%	17/ 70,8%	Furto
2008	27 ocorrências	06/ 22,2%	01/ 16,6%	Furto
2009	43 ocorrências	22/ 51,1%	20/ 90,9%	Furto
2010	62 ocorrências	28/ 45,1%	22/ 78,5%	Furto
2011	77 ocorrências	35/ 45,4%	22/ 62,8%	Furto
2012	50 ocorrências	15/ 30%	11/ 73,3%	Furto
2013	61 ocorrências	14/ 22,9%	10/ 71%	Furto
2014	54 ocorrências	03/ 5,5%	02/ 66,6%	Furto
2015	79 ocorrências	13/ 16,4%	13/ 100%	Furto
2016	100 ocorrências	22/ 22%	19/ 86,3%	Furto
2017	89 ocorrências	19//21,3%	14/ 73,6%	Furto

Fonte: SSP/SE

Após algumas horas de caminhada, o grupo chega ao destino. Enquanto um trio elétrico mantém o público animado, os machadeiros juntamente com a comissão organizadora entram em busca da árvore previamente escolhida. Durante o tempo em que um grupo reveza na derrubada, outro prepara o terreno para a passagem do mastro. Após a queda, imediatamente os galhos são retirados do caule, permanecendo apenas os da copa. Lentamente, surge o mastro na rodovia ao som de fogos e tiros de bacamarte e gritos de “viva o mastro” e “viva São Pedro!” O movimento é intenso próximo à árvore. Enquanto alguns buscam pegar galhos e plantas menores para levarem durante o trajeto, outros se organizam,

³⁵ A solicitação de reforço na segurança do evento pode ser observado nas palavras da então prefeita no ano de 2018, como está publicado no site: <https://infonet.com.br/noticias/cultura/desembargador-autoriza-sao-pedro-de-capela/> Acesso em 25/06/2020.

³⁶ Em alguns anos, como em 2015, 2016, e 2017, a festa ultrapassou o mês de junho. Nesses casos, contabilizamos os dados até o último dia de festejo.

³⁷ Consideramos como dias festivos: a Sarandaia, O Baile da Rainha do São Pedro, A Missa do Fogueteiro (que ocorre à noite no primeiro dia dos shows), a Marcação do Mastro, a Baiana, a Busca e Queima do Mastro e os shows realizados à noite.

³⁸ Relacionamos com a festa ou por causa dela, as ocorrências que mencionam isso no seu histórico, bem como aquelas que, mesmo sem fazer essa menção, apontam como endereço da ocorrência a praça de eventos e o horário de realização dos shows.

colocando toras de madeira por baixo da árvore escolhida para facilitar a condução até o Centro do município. Com esforço conjunto, principalmente de homens, o mastro vai sendo carregado. Um trabalho difícil e cansativo que exige muita sagacidade. Só mesmo a bebida, a música e o clima de festividade para animar os carregadores. Na figura 27, por exemplo, é possível perceber o esforço, principalmente de homens, na condução da árvore.

Figura 27 - Cortejo do Mastro em 2019



Fotografia de José Teles de Araújo. Fonte: <https://ajunews.com.br/economia/sem-festa-do-mastro-sete-mil-empregos-sao-perdidos-e-receita-de-capela-e-comprometida/>. Acesso em: 12/07/2019.

O cortejo segue por algumas ruas da cidade até chegar à Praça do São Pedro, localizada no Centro do município. Em meio à animação, a caminhada é interrompida. A todo o momento, os homens precisam parar para colocar “levas” ou suportes de madeira por baixo da árvore, seja para garantir o descanso ou mesmo para evitar que o mastro se distancie muito do trio elétrico.

Aqueles ou aquelas que não querem cair diretamente na folia ficam na porta de suas casas, alguns gentilmente disponibilizando mangueiras de água, ajudando os participantes a se refrescarem do calor ou para tirarem a lama dos olhos. Banho refrescante que também é garantido por os caminhões do Corpo de Bombeiros, que posicionado em locais estratégicos, deixam a brincadeira ainda mais divertida com os jatos de água.

Após percorrer um longo trajeto, como é possível ver na Figura 28, o mastro chega, por volta das 13 horas, à Praça do São Pedro, localizada no Centro da cidade.

Figura 28 - Percurso Habitual do Cortejo do Mastro



Trajeto elaborado pelo autor com auxílio do aplicativo Google Maps

É nesse momento que membros da comissão organizadora amarram à copa da árvore os brindes arrecadados durante a Sarandaia e a Baiana. Erguê-lo é um momento de tensão e apreensão, pois, nem todos tem essa habilidade. Algo que é corroborado nas palavras de Núbia Marques, quando diz que:

Há especialistas em chantá-lo. Não é fácil erguer uma árvore com mais de 10 metros. Isso se realiza com o esforço de muitos brincantes entre foguetórios e o esquentamuié (grupo de pífanos). Homens com esforço, levantam o mastro, ajudados por forquilhas e cordas. É tarefa difícil, mas o espírito da festa mantém a turma dos brincadores incansáveis na labuta. (MARQUES, 2009, pp. 89-90)

Depois de erguido, o mastro é destinado à queima, pois, uma enorme fogueira começa a ser montada à sua volta. Por volta das 19 horas, esse material é aceso (ver Figura 29). Um grupo de corajosos espera a noite inteira até o momento da queda da árvore. O desafio maior está em conseguir pegar pelo menos um dos brindes pendurados na árvore em meio a uma arriscada guerra dos busca-pés. Estes artefatos, não raro, conseguem deixar algumas marcas de queimaduras em foliões descuidados. Todavia, nada que impossibilite a sua presença na brincadeira.

Figura 29 – Início da Queima do Mastro



Fotografia de Maria da Conceição Souza. Fonte: acervo da própria fotógrafa. Década de 1990.

Ao falar sobre a Festa do Mastro de Capela, do seu perigo e das estratégias adotadas pelos participantes, Orlando Dantas afirma que:

Atualmente, decorridas tantas décadas, as comemorações se repetem todos os anos com o mastro erguido na praça do São Pedro, da cidade de Capela, tendo em torno os presentes colhidos na Sarandaia da noite de 31 para 1º de junho. Na hora dos festejos, busca-pés são lançados em torno do mastro, onde circulam os jovens que dispõem de coragem para enfrentar a saraivada de fogos e conquistar os presentes. Geralmente esses jovens saem queimados, alguns em grau para não escapar à morte. Há, contudo, aqueles que entram na batalha dos busca-pés e saem ilesos. São experientes e se preparam com roupas molhadas, defesa que garante a posse de quase todos os presentes. (DANTAS, 1980, p.99)

Para Dantas (1980), a Festa do Mastro de Capela é um evento muito perigoso, devido, sobretudo, aos fogos de artifício, o que, segundo ele, revela a força e agilidade do povo capelense. Mesmo ciente do exagero do autor e de sua fala determinista, sabemos que o risco existe, como fica manifesto quando observarmos o boletim de ocorrência de número 2007/06536.0-000187 de 2007, que traz o relato de uma turista que resolveu passar com o seu veículo próximo ao local da Queima do Mastro. Segundo ela:

(...) ao passar na pista de rolamento (...) só escutou um estouro dentro do veículo causado por um fogo de artifício conhecido por "limalha" ou "busca-pé" o qual ao bater no vidro traseiro do veículo espatifou-o e com o impacto ateou fogo em um colchão que estava próximo ao vidro causando pânico nos tripulantes do veículo, os quais foram socorridos por populares que estavam no local(...) (fonte SSP/SE, grifo nosso)

Na década de 1930, os membros de uma família capelense, por conta do emprego de exator do patriarca, precisaram viajar para residir no município sergipano de Salgado. Lá, não

só entraram em contato com a festa do mastro local, realizada no dia de São Pedro, como ajudavam a realizá-la. Ao retornar em 1939 para Capela, os Irmãos Melo, (Nelson, Anderson, Napoleão e Wilsom), decidiram tentar implementá-la na “Rainha dos Tabuleiros”. A princípio, participavam da diversão apenas os membros da família e alguns poucos amigos. Com o passar dos anos, mais pessoas passaram ajudar, inclusive incluído alguns folguedos, como a Baiana e a Sarandaia (SANTOS; SANTOS, 2014).

De acordo com Santos e Santos (2014), a Festa do Mastro era apenas mais um momento de diversão, de reencontrar os amigos e beber durante as festas juninas do município capelense. Será a partir da década de 1980, que a festa passou a tomar um novo rumo. Com isso, os irmãos deixaram de ser a figura central, já que ela foi incorporada oficialmente aos festejos juninos municipal, transformando-se no principal evento local. É nesse contexto que a festividade perde seu caráter particular e sua simplicidade, sobretudo, com a criação de shows artísticos em praça pública, a transferência da festa para os finais de semana, a criação do Baile da Rainha do São Pedro e a Missa do Fogueteiro. Os anos se passam e a Festa do Mastro torna-se gradativamente um evento que alavanca, cada vez mais, a economia e o nome do município.

Ainda segundo Santos e Santos (2014), de todos os ritos, a Busca do Mastro no domingo pela manhã é o folguedo que atrai o maior público, sendo esse o ponto alto dos festejos juninos do município. A lama consegue deixar, pelo menos durante esse evento, homens, mulheres, crianças, ricos, pobres, negros e brancos todos na mesma condição.

Enquanto participante, vejo a Festa do Mastro como uma oportunidade ímpar de se livrar, pelo menos por alguns momentos, das vestimentas de trabalho e de estudo, exigidas o ano inteiro. É uma ocasião “para voltar a ser criança”, de brincar na chuva e na lama, de encontrar os amigos, familiares, colegas de trabalho, alunos (as) e ex-alunos (as), quebrando qualquer tipo de formalidade ou hierarquia que por ventura tenha sido construída durante o ano.

A festa é também um momento de beber, comer, dançar, de abraçar, inclusive pessoas desconhecidas e, no fim das contas, chegar em casa completamente sujo de lama e, ao invés de ser recebido, (pela mãe/pai/esposa), com broncas ou qualquer tipo de crítica por conta da sujeira e das roupas rasgadas, encontrar sorrisos. Talvez seja por essas e outras que a Festa do Mastro de Capela seja tão marcante para quem dela participa.

3.4. A Festa do Mastro e a Mata Atlântica

A Festa do Mastro está entre os eventos mais aguardados pelos capelenses. Além de a festa principal organizada e mantida pelo poder executivo municipal, havia ainda as tradicionais festas do mastro organizadas pelos moradores de determinadas ruas, a exemplo da Festa do Mastro da Rua do Riacho, o Mastro do Lá Vem Um e o Mastro do Campo do Avião, que não concorriam com a festa principal, mas que em dias alternados ajudavam a movimentar a cidade durante todo o ciclo junino. Entretanto, a partir do início da década de 2000, a construção de praças públicas pela prefeitura nos espaços onde antes eram realizadas a queima dessas árvores, bem como a contratação de artistas a nível nacional para realizarem o cortejo do mastro nos moldes dos “arrastões” do carnaval da Bahia, contribuíram para o encerramento dessa prática, fazendo com que na zona urbana, a partir daquele momento, houvesse apenas um festejo nesses moldes.

O município sergipano de Capela possui 42 povoados. Nesse caso, residir na zona rural não é empecilho para que muitos dos seus moradores participem da referida festa. Além de terem acesso ao festejo principal, em muitos povoados também são realizadas, de forma similar, a sua própria Festa do Mastro. Dentre as comunidades que ainda permanecem realizando essa prática festiva, estão: povoado Barracas, Povoado Pirunga, Povoado Pedras, Povoado Terra Dura, Povoado Cuminho e Povoado Boa Vista. As datas de realização são escolhidas por seus organizadores, quase sempre variando entre os meses de junho e julho.

De acordo com Santos e Santos (2014), na primeira edição do evento principal, que foi realizado na Rua da Palmeira³⁹, os organizadores buscaram retirar a árvore em uma propriedade particular não muito distante (aproximadamente 3 quilômetros), conhecido como Riacho do Curralinho. No ano seguinte, mudanças foram feitas, a começar pelo local onde o mastro seria erguido, passando para a Praça 15 de Novembro, e anos depois, para a Praça do São Pedro. Na década de 1960, a Marcação do Mastro e, conseqüentemente, a Busca do Mastro passaram a ser feitos em uma localidade que apresentava maior disponibilidade de árvores, a Mata do Junco. Um dos poucos remanescentes de Mata Atlântica do Estado de Sergipe e do qual trataremos na sequência.

³⁹ Na primeira edição, a festa foi organizada na Rua da Palmeira, em frente à casa de um dos irmãos organizadores, Napoleão.

3.4.1. A Mata Atlântica

Quando os portugueses desembarcaram nas terras que hoje compreendem o território brasileiro, a Mata Atlântica era uma exuberante barreira litoral que se estendia de norte a sul, com cerca de aproximadamente 1.000.000 de quilômetros quadrados. Atualmente, essa área resume-se a apenas 7% do original, distribuídos em espaços isolados dos quais apenas 2% estão protegidos em unidades de conservação oficial. A grande ameaça a esse bioma é fruto principalmente do desmatamento proveniente da ação imobiliária, expansão da agricultura e pastagens. E mesmo com a devastação que a agroindústria do açúcar provocou através da plantação dos canaviais, do uso da madeira para lenha e para a embalagem do produto, a floresta Atlântica ainda possui extrema beleza e importância, contribuindo para que o Brasil seja considerado um dos países de maior diversidade biológica do planeta (SOUZA, 2014).

De acordo com a Fundação SOS Mata Atlântica (2019), mesmo reduzida e muito fragmentada, a Mata Atlântica ainda abriga mais de 20 mil espécies de planta, das quais 8 mil são endêmicas, ou seja, espécies que não existem em nenhum outro bioma. Se comparada à Floresta Amazônica, a Mata Atlântica, proporcionalmente, apresenta maior diversidade biológica. As estimativas dão conta de que nesta última existam 1,6 milhões de espécies de animais, incluído os insetos. No que se refere aos mamíferos, foram registradas 269 espécies na Mata Atlântica, das quais 73 são endêmicas, contra 353 espécies já registradas na Amazônia, apesar desta ser quatro vezes maior que a área original da primeira. Existem 894 espécies de aves, das quais 181 são endêmicas, os anfíbios somam 372 espécies, sendo 253 endêmicas, enquanto os répteis chegam a 197 espécies, das quais 60 são endêmicas.

Diante desse cenário atual de devastação da Mata Atlântica, percebemos que preservar as espécies, sobretudo, as endêmicas, torna-se uma tarefa importante, já que mesmo que algumas não possuam suas populações reduzidas a um número crítico, merecem toda a nossa atenção para continuarem a existir no futuro.

Todavia, preservar esse bioma vai muito além de proteger a sua beleza cênica e os animais que o habitam. É o que fica evidente nas palavras de Souza (2014, p. 33), quando diz que a:

(...) existência da cobertura florestal verificam-se na proteção das nascentes e rios, dos solos, morros e encostas, do ar, na presença da diversidade genética de espécies de vegetais e animais, no equilíbrio ambiental, e no bem estar social, protegendo as áreas rurais e urbanas, principalmente aquelas sujeitas a deslizamento, promovendo assim a harmonização e embelezamento das paisagens.

Souza (2014) segue afirmando que a devastação da Mata Atlântica produz alterações climáticas, pois, devido à industrialização, há uma poluição maior do ar e da água, vindo a afetar o estado físico das populações.

Influenciado pelo contexto internacional de preservação do meio ambiente, o Brasil gradativamente começa a editar meios legais que, de alguma forma, buscam proteger algumas áreas consideradas importantes. Em 2000 foi aprovada a Lei nº 9.985/00 instituindo um Sistema de Unidade de Conservação - SNUC. Ainda segundo Souza (2014), o SNUC divide-se em dois grupos com as seguintes categorias de manejo: Unidade de Proteção Integral e Unidade de Uso Sustentável. As Unidades de Proteção Integral não podem ser habitadas pelo homem, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais em atividades como pesquisa científica ou turismo ecológico, por exemplo. Já as unidades de conservação de uso sustentável admitem a presença de moradores e tem o objetivo de compatibilizar a conservação da natureza⁴⁰, sobretudo do meio ambiente, por meio do uso sustentável de seus recursos.

Quadro 1: Categorias de Unidades de Conservação

Unidade de Proteção Integral	Unidades de Uso Sustentável
Estação Ecológica	Área de Proteção Ambiental
Reserva Biológica	Área de Proteção Estadual
Parque Nacional	Área Relevante de Interesse Ecológico
Manutenção Natural	Floresta Nacional
Parque Estadual	Reserva Extrativista
Refúgio de Vida Silvestre	Reserva de Fauna
	Reserva de Desenvolvimento Sustentável
	Reserva de Patrimônio Natural

Fonte: Eloisa Tais Rodrigues de Souza (2014)

⁴⁰ De acordo com Ribeiro e Cavassan (2013), natureza é um conceito histórico, uma entidade real factível de ser percebida. Trata-se de uma realidade oferecida ao conhecimento e passível de pensamento, mas que dele independe. Já o ambiente refere-se à natureza pensada ou representada pela mente humana, isto é, a realidade apreendida e historicamente construída e faz alusão ao conjunto dos meios ambientes conhecidos pelo homem. Já o meio ambiente, diz respeito aos elementos que envolvem ou cercam uma espécie ou indivíduo em particular e que para eles são relevantes. É onde os elementos naturais e sociais estão em relações dinâmicas e interação. Essas relações implicam processos de criação cultural e tecnológica e processos históricos e sociais de transformação tanto do meio natural quanto do construído.

A importância, sobretudo, ecológica do remanescente de Mata Atlântica de Capela-SE, fez com que no ano de 2007, por meio do decreto estadual nº 24944 de 26 de dezembro de 2007, a Mata do Junco passasse à condição de Unidade de Proteção Integral, incluída na categoria de Refúgio de Vida Silvestre, ganhando, a partir de então, o título de RVSMJ - Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco. Fazendo com que ações direcionadas a essa reserva tenham que passar por uma avaliação de órgãos ambientais do estado, vinculados à Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos - SEMARH.

De acordo com o Instituto Sócio Ambiental (2015), refúgio de vida silvestre (RVS) é uma unidade de conservação que tem por objetivo a proteção de ambientes naturais para garantir as condições de existência ou reprodução de espécies ou comunidades da flora da localidade e da fauna residente ou migratória. Ele é instituído por um ato do poder público (federal, estadual ou municipal), mediante prévios estudos ambientais e consultas públicas.

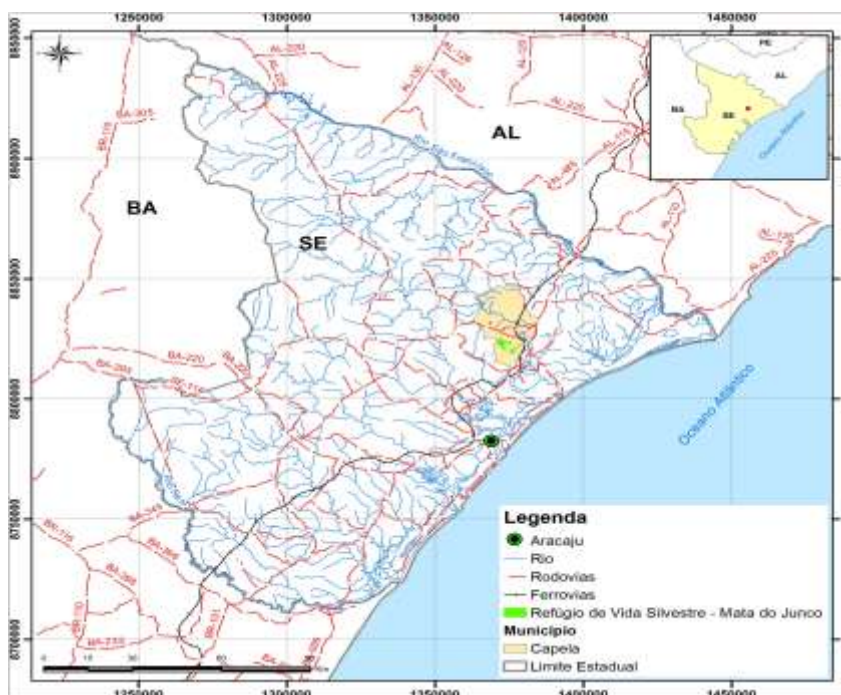
A visitação pública a essas áreas está sujeita às condições e restrições estabelecidas no seu plano de manejo e às normas estabelecidas pelo órgão ambiental responsável (Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, no caso do RVSMJ). As pesquisas científicas desenvolvidas na unidade, por exemplo, dependem de autorização prévia e, assim como a visitação, está sujeita às restrições da unidade.

De acordo com Santos (2007), o RVSMJ, maior reserva de Mata Atlântica do estado de Sergipe, está localizado na parte centro oriental do estado, pertencente à Mesorregião Leste Sergipana e Microrregião Sergipana do Vale do Cotinguiaba (ver o mapa da Figura 30). Abrange parte do município de Capela, com uma área de aproximadamente 894,76 hectares.

Ainda segundo Santos (2007), o RVSMJ é um fragmento constituído de manchas, que possuem extratos arbóreos distintos em virtude da ação humana decorrente da exploração intensiva da madeira⁴¹ e da monocultura da cana-de-açúcar. A destruição ou fragmentação de um ambiente natural como esse, resultam na perda da biodiversidade, causando instabilidades das populações, comunidades e ecossistemas, pois a vegetação é uma das características do meio mais importante para a manutenção dos animais.

⁴¹ A Mata do Junco está localizada na antiga Usina Santa Clara, estabelecimento de 4. 250 hectares e que até 1991 explorou a terra com o cultivo da cana e fabricação de açúcar. Nesse ano, encerrou suas atividades devido, principalmente, ao fim do PROÁLCOOL (Programa Nacional do Alcool). Após a ocupação de 800 trabalhadores rurais ligados ao MST (Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra) no ano 1996, a área foi destinada, pelo governo federal, para fins de Reforma Agrária. A partir de então, os trabalhadores rurais passam a reestruturar o espaço. Todavia, nem mesmo o termo de ajustamento de conduta firmado entre IBAMA, INCRA e MST foi suficiente para impedir que a degradação, fruto da caça e da retirada de madeira se intensificasse (SANTOS, 2007).

Figura 30 - Localização do RVSMJ no Estado de Sergipe e no Município de Capela



Fonte: Plano de Manejo do RVSMJ (2007)

No RVSMJ, encontra-se uma variedade de plantas e animais, sendo ainda o local da nascente do Rio Lagartixo, afluente do Rio Japarutuba e um dos refúgios do macaco Guigó (*Callicebus coimbrai*), espécie endêmica e ameaçada de extinção, o que torna o fragmento florestal de suma importância para o município e para o contexto social global (SOUZA, 2014).

O sistema de abastecimento de água do município de Capela-SE vem enfrentando problemas de escassez desde meados da década de 2000. Este é de responsabilidade do SAAE – Serviço Autônomo de Água e Esgoto, que faz a captação e o tratamento da água retirada de as nascentes do Rio Lagartixo, as quais estão localizadas dentro da unidade de conservação RVSMJ. O que faz com que a preservação desta área extrapole o âmbito ambiental e alcance a qualidade de vida dos capelenses.

A transformação da Mata do Junco em refúgio de vida silvestre exigiu maiores cuidados com relação às ações que a envolvem. Nesse caso, a Festa do Mastro se relaciona de forma contraditória aos objetivos da Unidade de Conservação, já que é feita a retirada de árvores da unidade, como podemos ver na Figura 31.

Figura 31 – Retirada da Árvore da Mata pelos Participantes da Festa do Mastro



Fotografia: Alex França. Fonte: acervo do Próprio fotógrafo, 2013.

Com o intuito de minimizar esse conflito, foi feito um acordo entre os moradores participantes do evento, o poder público, (representado pela Prefeitura Municipal de Capela), e a gestão do RVSMJ, (que incluem um conselho consultivo e membros da SEMARH). Ficou estabelecido que, para a realização da festa (a partir de 2008) fosse cumprido algumas exigências: o replantio⁴² de, no mínimo, 100 espécimes nativas para cada exemplar retirado; a árvore extraída deve ser de espécie pioneira, que esteja próxima de clareiras ou bordas e que possua um diâmetro igual ou inferior a 60 centímetros e não pode ser de nenhuma espécie ameaçada de extinção (SILVA, 2016).

Mesmo com o avanço obtido com a criação da unidade de conservação, a presença de um conselho gestor e de atividades de educação ambiental realizadas, sobretudo, nas escolas, o desmatamento e a captura de animais não foram erradicados.

Segundo Souza (2014), apesar da redução, vários setores da sociedade continuam promovendo impactos ao fazer uso no seu cotidiano dos recursos da UC. É preciso evitar a crença negativa de que com o simples fato da criação do RVSMJ já estamos protegendo, e que o resto do planeta pode ser destruído. Infelizmente, ao se retirar uma árvore para a Festa do Mastro, por exemplo, não se trata apenas de uma planta que é retirada do meio ambiente.

⁴² Durante o replantio das mudas, que ocorre durante a Marcação do Mastro, algumas autoridades aproveitam a oportunidade para fazerem registros fotográficos durante o ato. As plantas que sobram são replantadas por funcionários do RVSMJ.

Outras menores e que estão à sua volta são sacrificadas para que se facilite a retirada da mata daquela que será o mastro do evento, algo que podemos observar na Figura 31. Sem contar que muitos foliões também retiram plantas menores ou galhos para levarem nos ombros em direção ao Centro do município. E isso é algo que deve ser levado em conta durante a realização do evento.

Figura 32 – Mata do Junco Após a Retirada do Mastro



Fotografia: Alessandro do N. Macedo. Fonte: acervo do próprio autor, 2019.

O impacto causado pela retirada de uma árvore de 10, 15 ou 20 anos durante a festa principal pode ser amenizado com o replantio de mudas. Situação que faz surgir outra questão: que medidas estão sendo tomadas para abrandar o impacto decorrente da retirada das árvores nas festas realizadas nos povoados ou nas situações já mencionadas? Independente do caso, é mister partirmos para ações sustentáveis, que para Santos (2007), corresponde a um desenvolvimento que procura satisfazer a necessidade do presente, mas de forma que não comprometa a capacidade das futuras gerações satisfazerem as suas, o que requer, sem dúvida, ações conscientes e bem mais planejadas por parte dos organizadores do evento, bem como dos demais participantes.

A realização da Festa do Mastro consegue afetar, de alguma forma, a rotina da maioria dos capelenses. Ela constituiu-se historicamente como um forte elemento que reflete o modo de vida de seus moradores. Envolve amores e tensões, o lazer e o trabalho. Ela faz com que o nome do município seja mais divulgado, o que pode mexer com a autoestima dos seus moradores, evidenciando a importância da sua realização.

Todavia, também é importante percebermos que a Mata Atlântica é um bioma de grande importância tanto para o capelense quanto para qualquer cidadão do mundo. Mas que essa sua relevância não é suficiente para que a sua histórica depredação ocorra. Devemos evitar que erros cometidos no passado venham a se repetir, comprometendo a existência desta e de futuras gerações. Obviamente, a melhor forma de preservação do meio ambiente consiste no seu uso de forma consciente, independente da finalidade e do contexto. Isso torna cada vez mais relevantes ações pedagógicas e materiais didáticos que proporcionem, de alguma forma, uma educação ambiental, como é o caso da nossa proposta de história em quadrinhos. Diante disso, reservamos o próximo capítulo para tratarmos da importância de se valer do uso da HQ em sala de aula.

4.0. É POSSÍVEL O USO PEDAGÓGICO DE UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS QUE ABORDA HISTÓRIA LOCAL?

Desde o momento em que decidi estudar a Festa do Mastro e levá-la aos meus alunos, fiquei bem indeciso com relação a que tipo de produto pedagógico seria produzido a partir desta. O principal critério para a escolha era que fosse algo que possa servir como um suporte a mais em sala de aula. A princípio, pensei em algo tecnológico, que possibilitasse aos alunos uma interação virtual, a exemplo de um site. Todavia, logo percebi que teria bastante dificuldade, já que boa parte dos meus alunos não dispõem de aparelhos com sistema *android*, nem a escola disponibiliza, a estes, laboratório de informática e acesso livre à internet, inviabilizando completamente essa opção. A nossa segunda ideia foi propor uma sequência didática que, de alguma forma, envolvesse história oral. Permaneci com essa proposta em mente até que em uma reunião de orientação me foi sugerida a produção de um HQ.

A resposta foi imediata. A possibilidade de criar algo que pudesse ser articulado ao livro didático e outras fontes nos fez aceitar a sugestão. Desde criança que gosto de ler histórias em quadrinhos. Elas estavam entre os principais presentes que uma tia, residente em Aracaju - SE, trazia quando vinha nos visitar em Capela-SE. Trabalhando na recepção de uma empresa, sempre que chegavam revistas novas, ela tratava de guardar as mais desgastadas para os sobrinhos. As aventuras do Tio Patinhas, por exemplo, estavam entre as minhas preferidas. Inconscientemente, a atitude dela acabava estimulando o nosso gosto pela leitura. Por isso, acreditamos que a nossa proposta de HQ possa ter resultado semelhante com os nossos alunos.

Todavia, antes de qualquer coisa, faz-se necessário observar o que dizem alguns especialistas na linguagem dos quadrinhos sobre o seu emprego na educação e, em especial nas aulas de História.

4.1. O Emprego da HQ na Sala de Aula: uma revisão necessária

A empreitada de elaborar uma história em quadrinhos que sirva como recurso didático em aulas de História, e que possibilite aos alunos observar as continuidades e rupturas entre passado e presente na Festa do Mastro, requer a importante tarefa de observarmos, antecipadamente, um pouco daquilo que se tem produzido academicamente sobre a temática,

ou seja, sobre os trabalhos publicados que têm como foco as relações teóricas e práticas voltadas à HQ e sua utilização no ensino de História. Estas leituras servem para que tenhamos uma direção mais clara dos limites e vantagens do uso da “arte sequencial” no processo ensino aprendizagem, pautados em conhecimento empírico ocorrido no ambiente escolar.

A princípio, tentamos mapear em diversos lócus, como livros, artigos e dissertações que discorressem sobre HQ e sua utilização para fins pedagógicos. O resultado nos impressionou bastante, sobretudo, pela quantidade de materiais produzidos ligados a essa temática. E isso pode ser algo positivo, sobretudo, no momento de buscarmos subsídios para a nossa pesquisa, e muito desafiador, quando procurarmos trazer novas contribuições.

Nesse sentido, a abundância de produções, bem como as dimensões da pesquisa em tela nos deixa longe de esgotar todas as publicações e visões que tratam do tema. Após um prévio levantamento dos textos e uma observação não sistematizada destes, adotaremos dois critérios para a seleção dos materiais a serem analisados, o primeiro deles é o seu poder de influência (os mais citados entre os trabalhos acadêmicos que tínhamos visitado), o outro, diz respeito às possíveis contribuições que podem trazer para a nossa pesquisa.

A nossa observação tem início com Waldomiro Vergueiro, um dos pioneiros nos estudos da incorporação dos quadrinhos às práticas pedagógicas no Brasil e que, sem dúvida, está entre os mais citados em pesquisas do gênero. No texto intitulado “Uso dos HQs no Ensino” do ano de 2018, o autor inicia afirmando que a HQ é um meio de comunicação de grande penetração popular que se difundiu por praticamente todos os países. Todavia, sua popularidade, principalmente, entre os jovens não impediu que o seu uso fosse alvo de muitas críticas por parte de muitos intelectuais, inclusive americanos, fazendo com que o seu uso nas escolas brasileiras, por exemplo, só fosse possível nas últimas décadas do século XX.

Algumas das condenações residiam na ideia de que os quadrinhos impediavam o gosto por “coisas sérias”, ou seja, evitavam que crianças e jovens despertassem a vontade de estudar, além de afetar negativamente a índole dos leitores, os conduzindo, em alguns casos, ao homossexualismo caso persistissem na leitura de quadrinhos como os de Batman, por exemplo. Algo que posteriormente passou a ser questionado e desmentido por estudiosos ligados aos estudos culturais e às ciências da comunicação, removendo, gradativamente, as principais barreiras que dificultavam a aproximação entre os HQs e as práticas pedagógicas escolares (VERGUEIRO, 2018).

Foi somente no final do século XX, que alguns países passaram a inserir a linguagem dos quadrinhos nos currículos escolares. No caso do Brasil, o emprego no ensino formal foi reconhecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), e pelos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCN). “Isso sem dúvida abria as portas do ensino para as histórias em quadrinhos, como também para as outras linguagens e manifestações artísticas”. (VERGUEIRO, 2019, p. 10)

Ainda conforme Vergueiro (2018), a inserção dos quadrinhos pode trazer inúmeros benefícios educacionais quando bem utilizados. Segundo o autor, as HQs não são objetos de rejeição por parte dos alunos; a articulação entre texto e imagem ensina de forma mais eficiente do que quando usados separadamente; os quadrinhos trazem consigo inúmeros temas, os quais podem ser abordados pelo professor durante as aulas; com eles, os alunos podem ampliar suas formas de comunicação; o contato com as revistas estimula o hábito de leitura, levando ao enriquecimento do vocabulário do leitor; as cenas presentes nas HQs estimulam a imaginação e o raciocínio lógico; o caráter globalizador da produção dos quadrinhos põe os alunos em contatos com outras formas de cultura; é uma ferramenta que pode ser utilizada em qualquer nível escolar, além de ser acessíveis e de baixo custo, se comparados a outros recursos didáticos.

No que diz respeito às formas de emprego dos gibis em sala de aula, Vergueiro é bem direto ao afirmar que não existem regras estabelecidas para a sua utilização. “Caberá ao professor, quando do planejamento e desenvolvimento de atividades na escola, em qualquer disciplina, estabelecer as estratégias mais adequadas às suas necessidades e às características de faixa etária, nível de conhecimento e capacidade de compreensão dos alunos” (VERGUEIRO, 2018, p. 26). Em outras palavras, as ações devem estar atreladas à realidade onde os trabalhos serão realizados.

Por fim, o autor nos revela que não devemos supervalorizar os quadrinhos a ponto de achar que eles conseguem resolver todos os problemas do processo de ensino. É de fundamental importância que o professor conheça um pouco do seu processo de produção, os principais elementos de sua linguagem, suas características como meio de comunicação, além de considerar, é claro, os objetivos educacionais. Ao dominar adequadamente esses elementos, o docente estaria apto a incorporar as HQs de forma positiva em suas aulas.

Outra pesquisa bastante citada entre as que tratam do uso dos quadrinhos nas aulas de História, diz respeito à produzida por Túlio Vilela, coautor de alguns trabalhos importantes, a exemplo de “Como Usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula”, que, sem dúvida, traz relevantes reflexões acerca do uso pedagógico das HQs. Para o autor, os quadrinhos ainda permanecem sendo utilizados de maneira muito tímida nas aulas de História. Mesmo diante de produções que já na década de 1980 traziam, de forma didática e bem humorada, um conhecimento crítico e reflexivo aos leitores, a exemplo de “Cai o Império: República vou

ver”, da série “Redescobrimos o Brasil”, escrita pela historiadora Lilia Moritz Schwarcz e ilustrada pelo cartunista Angeli.

Segundo Vilela (2018), as HQs não devem ser vistas como uma “receita milagrosa”, todavia, se bem utilizados são ótimas ferramentas para discutir com os alunos conceitos importantes como os de tempo e suas dimensões (sucessão, duração e simultaneidade), de memória, anacronismo, verossimilhança etc. Durante as aulas, as HQs podem ser usadas de diferentes maneiras. Uma delas é ilustrando ou fornecendo ideias de aspectos da vida social de grupos do passado. “Nesse caso seriam utilizados os quadrinhos considerados “históricos”, isto é, ambientados em épocas muito anteriores àquela em que foram criados” (VILELA, 2018, p. 109). Também podem ser estudados como registros de uma época, dos quais os alunos (orientados pelo professor) extraem informações, facilitando a compreensão do contexto de sua produção.

Vilela aponta possibilidades do uso dos quadrinhos durante as aulas de História. Uma delas é como forma de avaliação. O pesquisador sugere que o aluno(a) produza sua própria HQ, baseada em algum tema ou conteúdo discutido nas aulas. “Esse tipo de atividade, além de permitir a interdisciplinaridade entre a História, Língua Portuguesa e Artes, pode estimular os estudantes a desenvolverem a competência de representar e comunicar” (VILELA, 2018, p. 128). De leitura agradável e objetiva, uma HQ bem utilizada poderá ampliar “horizontes”, abrindo os caminhos que, provavelmente, resultarão em encontros educacionais mais prazerosos e dinâmicos entre professores e alunos.

Discussões relevantes relacionadas ao uso dos quadrinhos nas aulas de História também estão presentes em muitos artigos. Dentre eles, destacamos o publicado pelo historiador Luis Fernando Cerri em 2006, intitulado “O Ensino da História e as Histórias em Quadrinhos: algumas considerações”. Nesse trabalho, Cerri analisou alguns quadrinhos que circulavam no Brasil desde a década de 1960. A sua pesquisa revela duas dimensões dos quadrinhos em sala de aula. Na primeira, a HQ pode ser utilizada como fonte documental, ou seja, trazendo informações implícitas do momento em que foi produzido. No segundo, funciona como recurso didático, a forma como é mais utilizada nas escolas.

Ao analisar produções que se pautaram em temas da História do Brasil, Cerri (2006) inicia pela coleção “Grandes Figuras em Quadrinhos”, revista produzida na década de 1960. Trata-se de um material ligado ao regime militar e que trazia, por meio de uma linguagem conservadora, temas e personagens carregados de patriotismo e ufanismo. A principal estratégia era aproximar jovens leitores de uma versão nacionalista da história. A coleção

busca ainda representar os fatos como aconteceram, privilegiando em suas páginas, o texto em detrimento da imagem, a qual aparece apenas como ilustração.

Cerri (2006), também analisa a HQ produzida em 2001, de título “Subversivos: a luta contra a ditadura militar”. Apesar de não ser necessariamente um trabalho destinado à educação, a produção traz elementos históricos entorno da luta armada contra a ditadura, além de uma preocupação didática junto aos leitores. A revista traz, por exemplo, um glossário explicando termos pertinentes à obra, além de usar documentos históricos, como trechos do AI5. A produção também chama a atenção por trazer uma narrativa integradora, além de recursos de luz e sombra. Para o autor, essa HQ traz uma vertente que visa superar a história oficial, ajudando ao leitor a desenvolver um senso crítico com relação ao passado, já que a narrativa não traz o ponto de vista do governo, mas o dos subversivos.

Além da preocupação comercial, as duas revistas mencionadas buscam convencer o leitor sobre uma determinada visão da História. Apresentam heróis e vilões que se enfrentam, mas que mudam de posição de um quadrinho para o outro, buscando apresentar ao leitor exemplos irrepreensíveis de moral e conduta. Nesse sentido, Cerri (2006) afirma que as HQs independentes de serem voltadas ou não para a educação tem participação relevante no processo de interpretação, elaboração e reconstrução do conhecimento histórico.

Sobre a coleção “Você Sabia?”, de Maurício de Souza, sucesso editorial que gerou uma tiragem de 3,5 milhões de exemplares, Cerri (2006) afirma que nela são abordados temas da história do Brasil de forma bem leve e lúdica, já que os “grandes” personagens da história do Brasil são representados pelos conhecidos Cascão, Cebolinha, Mônica, etc. E que apesar de ser muito apreciada por alunos e professores e produzida em um dos melhores estúdios do Brasil, a obra de Maurício reflete uma história tradicional baseada em datas como o “13 de maio”, o “7 de setembro”, por exemplo, e que não abordam os sujeitos comuns da sociedade. Característica que não inviabiliza a sua utilização durante as aulas de História, mas que faz com que os professores fiquem atentos a elas.

Outro trabalho importante que trata os quadrinhos como uma ferramenta didática relevante nas aulas de História, diz respeito à “História em Quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de História”, é o de autoria de Marjory Palhares, publicado em 2008.

Nitidamente influenciada pelas ideias de Waldomiro Vergueiro, a autora busca romper com a metodologia que põe o livro didático no centro das atenções ou como única fonte de informação e reflexão nas aulas de História, tornando o processo mais prazeroso, tanto para o aluno, quanto para o próprio professor. Para isso, a autora realizou um projeto que analisou o

alcance da utilização de HQs em duas turmas da quinta série do ensino fundamental de uma escola pública do Paraná.

Palhares (2008) inicia seu texto discorrendo sobre a linguagem expressas nos quadrinhos, que, segundo ela, é a união entre as linguagens verbal (textos) e não verbal (imagens), que unidas formam uma de grande potencial comunicativo, expressando conceitos carregados de significado e de ideologia, cuja interpretação depende da formação social, histórica e cultural do sujeito que a ler. A mensagem linguística compreende o balão, símbolos, sinais de pontuação e onomatopeias, que apresentam, normalmente, um formato linear, direto, tentando imitar a língua falada. Os ruídos são mais visuais que sonoros, pois, os desenhistas exploram as cores, espessura, a forma dos fonemas e as onomatopeias como forma de facilitar a comunicação. No plano visual, temos as imagens distribuídas em planos e espaços. Já os cenários podem servir apenas para preencher os espaços ou ir além, reconstituindo lugares históricos, monumentos, etc.

Ciente do potencial das HQs e da grande quantidade de informações que podem trazer em seus enredos, a autora nos alerta que:

Os quadrinhos são, inegavelmente, um poderoso veículo de comunicação, capaz de atingir com eficácia um grande número de consumidores dos mais diversos setores sociais e, portanto, capazes de divulgar valores e questões culturais que não devem ser simplesmente assimilados, mas avaliados e criticados. (PALHARES, 2008, p. 11)

No que diz respeito ao ensino de História, a pesquisadora também salienta que as HQs podem ter uma dupla função. Uma delas é como fonte de pesquisa histórica, a outra é na qualidade de recurso pedagógico de interpretação do passado. Sendo que nesta segunda opção, elas têm papel importante de oferecer novas formas de facilitar a compreensão e ordenação do passado, o que não é uma tarefa simples para muitas pessoas, sobretudo, para os mais jovens. Palhares afirma ainda que não há regras predeterminadas para a utilização dessa ferramenta durante as aulas, o limite é a criatividade do professor.

A partir de seus experimentos, Palhares (2008) afirma que para obtermos melhores resultados durante as aulas de História com o uso dos HQs é fundamental que o professor mantenha o controle do desenvolvimento das atividades e tenha claro quais as possíveis dificuldades de interpretação/compreensão que alguns alunos apresentem para que possa auxiliá-los nos momentos oportunos. Durante o decorrer do processo, o material, (revista em quadrinhos), tanto pode ser disponibilizado aos alunos na sua íntegra, ou seja, completo, ou ser apresentado de forma cadenciada, em trechos, o que vai depender da tecnologia disponível e dos objetivos do professor.

Após verificarmos alguns livros e artigos que relacionam os quadrinhos a práticas pedagógicas ligadas ao conhecimento histórico, passamos a levantar, no banco nacional de dissertações do ProfHistória, trabalhos que seguiram essa mesma linha de pesquisa. Dentre alguns que visitamos, destacamos um que foi defendido por Fábio Aquino de Almeida em 2017, na UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina, de título “Para Ler a Mônica: reflexões sobre quadrinhos, indústria cultural e ensino de História” justamente por aproximar-se bastante das nossas intenções de pesquisa.

Uma das motivações que deu início à pesquisa de Fábio Aquino foi a constatação de que os seus alunos, na faixa entre os 16 e 20 anos, possuíam muitas dificuldades em problematizar as informações midiáticas que chegavam até eles. Surgindo, com isso, a ideia de elaborar um produto pedagógico que problematizasse teórica e conceitualmente o universo informativo do seu alunado. O material produzido diz respeito a uma HQ que estimula reflexões a partir de seu meio de produção, a indústria cultural.

Com isso, o pesquisador procurava dar um passo colaborativo no processo de formação de consciência histórica crítica instrumental dos seus estudantes do ensino médio, possibilitando uma leitura de mundo a partir de seu universo informativo (ALMEIDA, 2017).

O autor buscou, por meio do seu quadrinho, implementar uma educação emancipadora, articulada a um ensino crítico. Para isso, propôs um diálogo entre as ideias de Paulo Freire e Adorno, criando um debate entre autonomia intelectual e consciência crítica por meio do processo de ensino/aprendizagem. Essa educação emancipadora e crítica, por sua vez, são aproximadas da consciência histórica proposta por Jörn Rüsen.

O resultado da pesquisa foi a produção de uma HQ que apontasse a ideologia existente por traz da massificação produzida pela indústria cultural que, em parte, é trazida pelos próprios quadrinhos, ou seja, é uma HQ que traz em seu enredo críticas à ideologia trazida pelas próprias HQs. Para Almeida, esse tipo de material traria aos jovens uma boa dose de desencanto, sobretudo, quando passasse a desconstruir os valores culturais propostos pelas revistas e suas intenções mercadológicas. Algo um pouco doloroso, mas que para o autor: “é necessário para que o estudante possa quebrar um pouco a lente ideológica que desce sobre si por via da massificação da indústria cultural, ou mesmo saber da existência dessa lente quando esta é historicizada” (ALMEIDA, 2017, p. 173). Seria a partir dessas experiências de desconstrução que os alunos perceberiam como os autores constroem os discursos de acordo com suas visões de mundo.

Por fim, Almeida traz uma reflexão sobre o uso dos quadrinhos em sala de aula que, de certa forma, contesta as visões de Waldomiro Vergueiro e de Túlio Vilela quando tratam

da pouca utilização dos quadrinhos nas escolas. De acordo o autor, tanto Vergueiro quanto Vilela afirmam ser o preconceito um dos principais motivos da pouca utilização dos HQs nas salas de aula, o que não considera um fato verídico, já que nunca presenciou nenhum tipo de comentário “anti-quadrinhos” proferido por professores. “O que não é possível para docentes é deixar que as demandas escolares cedam à pressões editoriais” (ALMEIDA, 2017, p. 197).

Outro trabalho que nos chamou bastante atenção foi defendido em 2018 por Luciano Ferreira no ProfHistória da UFS, intitulado “Caminhos e Descaminhos de Uma Escrava da África a Sergipe”. Nela, o autor baseado em: teses de doutorado, livros didáticos e outras fontes, elabora uma HQ que traz uma história ficcional envolvendo uma jovem que é capturada como escrava no continente africano e, devido ao tráfico negreiro, acaba sendo conduzida até o Vale do Cotinguiba, região canavieira do estado de Sergipe. Durante esse trajeto, em uma linguagem clara e objetiva, o autor vai discutindo questões inerentes ao tráfico, ao transporte, à compra, à rotina e às angústias de uma escrava na busca por conquistar a sonhada liberdade. Ao fim, o autor também disponibiliza uma série de tirinhas, onde é possível, por exemplo, levantar discussões relativas à reserva de cotas nas universidades, à afirmação étnica racial, à forma como a abolição foi feita no Brasil, além do preconceito contra a população negra existente em nossa sociedade. Um trabalho que certamente contribui bastante para a formação do sujeito atento às desigualdades, sobretudo raciais, tão frequentes em nosso país.

Diante do que foi exposto, percebe-se que todos os trabalhos citados convergem para a ideia de que há um ganho interpretativo e conceitual dos estudantes por conta da utilização das HQs nas escolas. Mesmo com os obstáculos que se apresentam, há uma avaliação positiva para o uso desse tipo de material nas de aulas de História.

E é baseado nesses pressupostos que também procuramos produzir uma história em quadrinhos que possa ser usada em sala de aula. Para isso, tentamos inovar ao trazer algo que percebemos faltar nos trabalhos mencionados: uma HQ que possibilite uma reflexão histórica acerca da Festa do Mastro de Capela-SE, por meio de um trabalho que preze pela interdisciplinaridade, termo que, segundo Selva Fonseca (2003, p.106), “pressupõe a integração entre os conteúdos e as metodologias de disciplinas diferentes que se propõe a trabalhar conjuntamente determinados temas.”

A necessidade e o interesse em conhecer os aspectos da realidade concreta exigem essa estratégia, já que dificilmente os fatos ligados a Festa do Mastro se explicam totalmente pela abordagem de conteúdos e práticas de um único componente curricular trabalhado de

forma isolada. Por isso, é muito importante a união entre diferentes frentes que se complementam para a análise desse importante festejo.

4.2. Uma HQ que Discute História Local Frente a Alguns Documentos Legais

Ao propor disponibilizar para os nossos alunos capelenses uma HQ que traz uma versão da história da Festa do Mastro, como salientamos, significa fazer uso da História Local. E sobre o emprego desta em sala de aula, a legislação brasileira que versa sobre a educação e que vinha contando com significativos avanços nas últimas décadas, passou por um momento de ruptura após a aprovação da Base Nacional Comum Curricular. Desde o final do ano de 2017, para o ensino fundamental, e de 2018, para o ensino médio, que a educação básica conta com esse documento normativo que traz consigo um conjunto de aprendizagens que os estudantes de escolas públicas e privadas devem adquirir durante essa etapa de ensino. A norma determina um conjunto de habilidades e competências⁴³ que devem ser desenvolvidas em todos os estudantes, independentemente do local do Brasil onde residam, ou seja, os conteúdos trabalhados nas escolas da região Sudeste devem ser basicamente os mesmos aplicados nas escolas da região Nordeste.

A aprovação da BNCC por meio da lei N°13.415/2017 trouxe consigo novos desafios para os professores da Educação Básica e, conseqüentemente, para os do componente curricular História. Apesar de já está prevista no artigo 210 da Constituição Federal, que estabelece que “Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar uma formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (BRASIL, 1988), bem como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, artigo 9º, inciso IV, que afirma ser função da união “estabelecer, em colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, competências e diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que nortearão os currículos e seus conteúdos mínimos, de modo a assegurar formação básica comum” (BRASIL, 1996), não foram poucas as críticas dirigidas à BNCC, sobretudo, por sua intenção de dar unidade aos conteúdos de todas as disciplinas lecionadas em ambiente escolar por meio de um processo obrigatório. Nesse

⁴³Na BNCC (2019), as habilidades indicam o que aprendemos a fazer e que, normalmente, estão associadas a verbos de ação, como identificar, classificar, descrever, planejar, etc. Já a competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e sócio emocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

sentido, por ter um caráter nacional, a BNCC prescreve “objetos de conhecimento” ligados à História Geral e do Brasil, ficando sob responsabilidade dos estados e municípios complementá-la com a parte diversificada e suas especificidades regionais e locais.

Uma grande dificuldade que nos deparamos, diz respeito ao fato de que o município de Capela-SE, até o momento (junho de 2021), não dispõe de um currículo elaborado que traga, de forma articulada à BNCC, elementos da política, economia, religiosidade, História e cultura local, para serem levados aos alunos durante o processo de ensino e aprendizagem. Diante dessa imensa lacuna, os professores que lecionam nesse município lançam mão do Currículo Sergipano, documento que foi aprovado no ano de 2018.

Elaborado a partir da interação entre órgãos como o MEC - Ministério da Educação e Cultura, o CONSED – Conselho Nacional dos Secretários de Educação, UNDIME – União Nacional dos Dirigentes Municipais em Educação e contando com a participação de alguns seguimentos da sociedade, além de gestores e professores das redes municipais e estadual sergipana, o Currículo de Sergipe traz todas as competências e habilidades prescritas na BNCC. Todavia, apresenta alguns desdobramentos de certas temáticas da História Geral e do Brasil em Sergipe, a exemplo da Segunda Guerra Mundial (SOUZA; SILVEIRA, 2018). Todavia, as especificidades sergipanas presentes no currículo não contemplam muitas peculiaridades ligadas à história de alguns municípios, principalmente no que diz respeito às festividades que acontecem pelo estado.

O modelo proposto pela BNCC e, é claro, pelos seus complementos estaduais e municipais, a exemplo do Currículo de Sergipe, se contrapõe às propostas educacionais elaboradas na segunda metade da década de 1990, quando foram instituídos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que tinham entre as principais funções contribuir com as políticas educacionais fornecendo subsídios para a construção de conteúdos escolares. Era uma proposta aberta e bem mais flexível que a BNCC, a qual traz o quase que impositivo termo “aprendizagens essenciais” (BRASIL, 2018, p. 7).

Maria Auxiliadora Schmidt (2007) afirma que nos PCNs, a História Local foi tomada como eixo temático para os anos iniciais do ensino fundamental e como perspectiva metodológica para todas as demais séries da Educação Básica, o objetivo do seu emprego era o de construir a noção de pertencimento do aluno a determinado grupo social e cultural.

Desde o Regime Militar (1964-1985) que a História e seus conteúdos têm sofrido bastante controle governamental. E as possibilidades que o ensino de História promove junto ao alunado, o auxiliando a reconhecer as mazelas políticas, econômicas e sociais que os cercam (estado e município), levam as autoridades, seja a nível federal, estadual ou municipal,

a obrigar, através da legislação, o aluno a conhecer muito mais assuntos ligados à temática nacional ou global do que aquilo que está ao seu redor, ou seja, a prioridade é apreciar aquilo que está bem mais distante da realidade do estudante. O esvaziamento do ensino de História Local também é sentido no ensino médio, sobretudo, por conta do ingresso dos alunos ao ensino superior, já que a História Geral e do Brasil são cobradas durante a realização do ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio, avaliação que se tornou a “porta de entrada” para quase todas as universidades públicas e privadas do Brasil (DA COSTA NETO; NASCIMENTO, 2017).

Ainda segundo Da Costa Neto e Nascimento (2017), manter a História Local pouco ensinada nas escolas pode assegurar a manutenção do *status quo* em determinada localidade, ou seja, garante ações pouco preocupadas com o meio ambiente e conserva práticas políticas que beneficiam apenas grupos dominantes, etc. Para os autores, os membros das elites, em regra, não têm o interesse em promover o engajamento dos alunos quanto aos problemas do seu município ou do seu estado. Aulas de Histórias direcionadas a tais questões podem transformar o cenário rapidamente, enfraquecendo ou ajudando a substituir esse grupo predominante. E quando o professor de História apenas repassa os fatos históricos presentes nos livros didáticos e de forma linear, dificilmente o estudante conseguirá estabelecer uma relação com o seu cotidiano. Essa prática acaba produzindo sujeitos totalmente desconectados dos problemas que os aflige.

Diante desse panorama pouco favorável junto à BNCC, observaremos na Lei nº 9.394/1996, pontos que possam auxiliar no uso da História Local em sala de aula. A LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, documento que regula o funcionamento educacional brasileiro, proporciona alguns artigos que permitem determinada exploração de conteúdos da História Local. Em seu artigo 26, a referida norma estabelece que:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996)

Pelo que está expresso no artigo, todas as etapas da educação básica devem seguir uma base nacional comum, a qual será acrescida de uma parte diversificada que atenda às características de cada localidade. Diante disso, percebemos a prioridade dada à História do Brasil ou Geral, ficando em segundo plano o debate sobre algo próximo à realidade do aluno. No que diz respeito a essa parte diversificada exposta no artigo 26, o parágrafo 1º do artigo 35-A, que trata do ensino médio, diz que “A parte diversificada dos currículos de que trata o

caput do art. 26, definida em cada sistema de ensino, deverá estar harmonizada à Base Nacional Comum Curricular e ser articulada a partir do contexto histórico, econômico, social, ambiental e cultural” (BRASIL, 1996).

Pelo que está mencionado no parágrafo, o pouco que resta dos conteúdos a serem trabalhados na sala de aula devem ser complementados por estados e municípios, desde que envolva elementos históricos, sociais, econômicos, ambientais e que os mesmos estejam em perfeita harmonia com o que prega a BNCC.

Mesmo com pouco espaço disponível em boa parte dos diplomas legais, a proposta de abordar a Festa do Mastro por meio de uma história em quadrinhos contida neste trabalho, ou seja, de fazer uso da História local, não se ancora na simples ideia trazer o “conteúdo pelo conteúdo”, mas sim na possibilidade de fazer uma importante articulação entre aquilo que faz parte da vivência dos nossos alunos e alguns objetos de conhecimento trazidos pela BNCC, visando, com isso, a estabelecer discussões que possam desenvolver nos estudantes habilidades e competências, algo importante para a vida social e para o mundo do trabalho.

Diante disso, estamos convencidos de que podem haver vantagens significativas com a utilização pedagógica da HQ, que ao articular as linguagens verbal e não verbal, aumenta a motivação e a curiosidade dos estudantes, além de possibilitar-lhes um importante ganho interpretativo. Algo significativo quando se quer discutir temas complexos com o alunado, a exemplo das questões religiosas, ambientais, econômicas, políticas, geográficas e históricas ligadas à Festa do Mastro. Outra vantagem para professor e aluno é o emprego da História local, que permite a estes compreender as discussões com mais facilidade, além de ficar atento àquilo que acontece à sua volta, colocando-os na condição de sujeitos históricos. Mesmo ciente do desafio de encontrarmos brechas diante da BNCC que possibilitem a sua utilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É essencial para o processo educacional articular um diálogo entre os saberes apontados pela BNCC, e as experiências vividas pelos estudantes. Essa estratégia auxilia na compreensão das práticas festivas, das tradições, das músicas, das manifestações religiosas e dos trabalhos que são desenvolvidos por aqueles que fazem parte da sua comunidade. É uma estratégia que pode evitar generalizações e até mesmo a impressão de existir hierarquias entre objetos de estudo. Com isso, a sala de aula torna-se um ambiente mais atraente para os alunos que conseguem entrar em contato com aquilo que faz parte de sua vida, sem deixar de lado a organização curricular oficial, tornando a educação um processo permanente de construção social.

Buscamos auxiliar os estudantes dos anos finais do ensino fundamental a compreenderem a Festa do Mastro de Capela-SE, como resultado de uma construção histórica por meio de uma análise interdisciplinar. Tal proposta nos fez enveredar por caminhos diferentes, mas que nos levaram a conhecer um pouco mais sobre esse festejo. As leituras, o diálogo que mantivemos com lideranças religiosas, a observação dos boletins de ocorrência, a análise dos registros fotográficos e o levantamento de informações em sites da internet nos mostraram o quanto os moradores de vários municípios de Sergipe, sobretudo os de Capela, conectam-se com esse ritual, seja trabalhando, rezando ou mesmo se divertindo. Também foi possível observar que é uma festividade que possui uma longa trajetória, que tem origens na Europa medieval e que, com o decorrer do tempo, passou a ser realizada em várias localidades, não se restringindo a esse município sergipano.

Esse percurso nos proporcionou contextualizar histórica e geograficamente essa festa, pontuando suas origens, transformações e continuidades. Verificamos que há diferença e semelhanças entre a Festa do Mastro de Capela-SE, e a que é realizada em Ilhéus-BA, por exemplo. No município capelense, conhecemos a dinâmica dos seus folguedos e de como os aspectos geográficos, religiosos, culturais, políticos, econômicos e ambientais influenciam em sua realização.

Sendo assim, o ensino de História ao proporcionar o estudo de temas como esse, que envolve o universo do estudante, certamente contribuirá não só para a compreensão dos conteúdos e conceitos, mas também para fazer com que ele deixe de ser mero espectador de uma História distante tanto no espaço quanto no tempo e passe a ter outro entendimento de sua realidade, acarretando o reconhecimento de que é integrante da comunidade em que vive e passando a posicionar-se como agente transformador do seu meio.

Do mesmo modo, levar a Festa do Mastro de Capela-SE a nossos alunos é uma oportunidade de auxiliá-los a reconhecer a diversidade cultural presente em seu país e no mundo, um dos princípios presentes na BNCC. Reconhecer essa diversidade, por exemplo, é uma das premissas para o combate à xenofobia, ao racismo e ao preconceito. É, acima de tudo, valorizar o ser humano. Prática que, de certo, ultrapassa os muros da escola, já que visa à formação do cidadão com base no respeito. É valorizar a escola como um espaço importante de estudos e debates que buscam a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Diante desses pressupostos, podemos afirmar que o potencial poderoso proporcionado pelo estudo da festa popular, em especial da Festa do Mastro de Capela-SE, não pode e não deve ser desperdiçado pela escola, tampouco pelos professores de História, pois, as festividades fazem parte da História, elas têm História. História em suas finalidades, que transitam da busca pela fartura na colheita ao estímulo ao turismo, objetivos distintos, mas que são resultados dos anseios e sentimentos de um tempo. Ela tem História nas formas de entretenimento, que variaram da utilização do quarteto da banda de pífano, por exemplo, ao emprego dos tecnológicos trios elétricos, escolhas feitas por sujeitos, e que são reflexos das condições técnicas de determinado contexto. História nas formas de religiosidade e misticismo, que passaram do culto a elementos da natureza, como o fogo, a água e a terra, para a devoção aos santos católicos, como o São Pedro, resultado de pressões desencadeadas pela Reforma Protestante que os organizadores das festividades tiveram que enfrentar a partir do século XVI.

Estudar a Festa do Mastro de Capela-SE em sala de aula também requer uma importante reflexão a respeito de questões ambientais. O desmatamento tem sido uma das principais causas da extinção de plantas e animais. A redução da cobertura vegetal tem afetado a qualidade do ar, do solo e dos recursos hídricos. Resultados que ameaçam a existência e a qualidade de vida das pessoas. Logo, a abordagem do tema tanto pode fazer os alunos valorizarem as unidades de conservação, como refletirem sobre práticas sustentáveis de realização do festejo, de forma que valorizem seus elementos culturais com ações que não comprometam a biodiversidade e os ecossistemas, sobretudo, através da defesa de ideais que prezem pelo interesse coletivo em detrimento do individual.

É importante salientar que a abordagem pedagógica da Festa do Mastro dá ao professor a possibilidade de fazer o aluno perceber a relação existente entre o passado e o presente, através da compreensão dos conceitos, da observação das transformações e permanências que a Festa do Mastro passou ao longo do tempo e da articulação entre o local, o nacional e aquilo que é geral. Fazer essa observação permite que o aluno passe a

desconstruir a percepção de que História e passado são sinônimo, e que por isso não tem importância.

Por todas essas razões, buscamos produzir um “veículo” diferente do livro didático e que em regra é muito apreciado pelos jovens, uma história em quadrinhos. Estruturada em cinco partes, ela traz consigo um extenso campo de possibilidades, podendo ser explorada por vários componentes curriculares, em especial pelos professores de História, contribuindo com a aprendizagem histórica, ao mesmo tempo em que pode motivar os alunos, os auxiliando na formação de identidades, de cidadania e na ampliação das dimensões da consciência histórica.

Enfim, esperamos que, de maneira singela, as páginas dessa dissertação possam ser úteis para o ensino de História em Sergipe, em especial para aquele desenvolvido no município de Capela-SE. Que elas possam alargar um pouco mais a visão que muitos têm desse campo de conhecimento, o aproximando cada vez mais das experiências vividas pelos alunos, trazendo sentido à própria História e fazendo com que eles e toda a comunidade percebam o seu importante papel de sujeitos do seu tempo.

REFERÊNCIAS:

- AMARAL, Sharyse Piroupo do. **Escravidão, Liberdade e Resistência: Cotinguiba, 1860-1888**. Tese (doutorado), UFBA, Salvador, 2007.
- AMARAL, Rita de Cássia. **Festa à brasileira - Significados do festejar, no país que "não é serio"**. São Paulo: USP, Tese de Doutorado em Antropologia Social, 1998.
- ARMESTO, Felipe Fernández. Qual o impacto da Geografia sobre os acontecimentos? IN: SWAIN, Harriet (Org.). **Grandes Questões da História**. Rio de Janeiro, José Olímpio, 2010.
- BECHARA, Evanildo (org). **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BERUTTI, Flávio; MARQUES, Adhemar. **Ensinar e Aprender História**. Belo Horizonte. Editora RHJ, 2009.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo; Cortez, 2009.
- BOMFIM, Wellington de Jesus. **Identidade, Memória e Narrativas na Dança de São Gonçalo do Povoado Mussuca (SE)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.
- BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna: Europa: 1500-1800**. São Paulo: Companhia da Letras, 2010.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª edição. São Paulo: Global, 2001.
- CATELLI JUNIOR, Roberto. **Temas e Linguagens da História: ferramentas para a sala de aula no ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CERRI, Luis Fernando. **O ensino da história e as histórias em quadrinhos: Algumas considerações**. Artigo. EDUCERE. PUCPR. 2006.
- _____. **Ensino de História e Consciência Histórica**. Rio de Janeiro; Editora FGV, 2011.
- CHICLETE COM BANANA. Balão Dourado. **Grito de Guerra**. Rio de Janeiro. Warner Music Brasil, 1987. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uVdT8_GhFY0 Acesso em: 09/07/2021.
- COUTO, Edilece Souza. **A Puxada do Mastro: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA)**. Ilhéus: Editora da Universidade Livre do Mar e da Mata, 2001.

DA COSTA NETO, Tomé Soares; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Souza. O Ensino de **História Local nas Escolas Públicas Brasileiras**. Revista do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, V. 6, n. 2. p. 99 - 117, dez 2017.

DANTAS, Orlando Vieira. **Vida Patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes. 1992.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática do ensino de História: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas-SP. Papirus, 2003.

FONSECA, Thais Nívea de Lima e. **História e Ensino de História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. Quem Precisa de Identidade?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1996.

LEAL, Telma; BRANDÃO, Ana Carolina; ALBUQUERQUE, Rielda. Por que trabalhar com sequências didáticas? In. FERREIRA, Andréa; ROSA, Ester. **O fazer cotidiano na sala de aula: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LIMA, Zózimo. **Variações Em Fá Sustenido: crônicas sergipanas**. 2ª ed. Aracaju: Triunfo, 2003.

MACEDO, Emiliano Unzer. **Religiosidade Popular Brasileira Colonial: um retrato sincrético**. Revista Ágora. Vitória. n. 7, 2008.

MENEGUELLO, Cristina. Continuidade e Ruptura. IN: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria dias de. (Orgs.). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

MARQUES, Núbia N. **O Luso, o Lúdico e o Perene e Outros Ensaio**s. Rio de Janeiro. Imago, 1999.

MARTINS, Marcos Lobato. História Regional. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org). **Novos Temas Nas Aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2010.

NADAI, Elza. Ensino de historia no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista Brasileira de Historia**, São Paulo, v. 13, n. 25/6, p. 143-62, 1992/1993.

NASCIMENTO JUNIOR, Manoel Caetano. **História Local e o Ensino de História: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas**. VIII Encontro Estadual de História, Feira de Santana, 2016.

NUNES, Maria Thétis. **Insurreição de Santo Amaro das Brotas**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 31, 1992.

OLIVEIRA, Igor Fonseca de. **“Os Negros dos Matos”: Trajetórias de quilombolas em Sergipe Del Rey (1871-1888)**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História Regional e Local – UNEB, 2010.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Ensino de História e Patrimônio Cultural: um percurso docente**. Jundiaí/SP: Paco, 2017.

PALHARES, Marjory. **História em Quadrinhos: Uma ferramenta pedagógica para o ensino de história**. Secretaria de Educação. Paraná. 2008.

PEREIRA, Edimilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Flor do Não Esquecimento: cultura popular e processo de transformação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PINSKY, Jaime. **Escravidão no Brasil**. 20 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

QUEIROZ E SILVA, Jorge Antônio. **Globalização e História Local**. *Revista História/Ensino*, Londrina, v.7, p. 83-99, out. 2001.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas Juninas, Festas de São João: origens, tradições e História**. São Paulo: Casa do editor, 2002.

RIBEIRO, Job Antonio Garcia; CAVASSAN, Osmar. **Os conceitos de ambiente, meio ambiente e natureza no contexto da temática ambiental: definindo significados**. UNESP, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135129/ISSN2346-4712-2013-08-02-61-76.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 10/01/2021.

ROGÉRIO. Chamego Só. **Néctar do Amor**. São Paulo: RGE, 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-HfJbDMFm1s> Acesso em 09/07/2021.

SANTOS, Denilsa de Oliveira. **História da Rainha dos Tabuleiros**. Aracaju: J. Andrade, 2011.

SANTOS, Denilsa de Oliveira; SANTOS, Jizélia Marques. **Festa do Mastro de Capela: uma abordagem histórica e afetiva**. Aracaju: J. Andrade, 2014.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **A Festa de São Benedito em Lagarto-SE (1771-1928): limites e contradições da romanização**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, 2013.

SANTOS, Mário Jorge. **Mata do Junco (Capela-SE): identidade territorial e gestão de Conflitos ambientais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007. 142p.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica**. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, Arlete M., MAGALHAES, Marcelo de S.(orgs). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2007.

SOUZA, Ana Lúcia Muricy; SILVEIRA, Adailson de Jesus. **Currículo de Sergipe: ensino fundamental**. Aracaju: MEC, SEDUC, UNDIME, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Claudia R. B. S.; VASCONCELOS, José Antonio. **Didática e avaliação da aprendizagem no ensino de História**. Curitiba: Ibpex, 2007.

SHIMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Carlos Miranda da. **Estratégias Para Implementação de Governança Ambiental no Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, Uma Unidade de Conservação Estadual de Sergipe**. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Universidade Federal de Sergipe, p. 195, 2016.

SILVA, K. V.; SILVA, H. S. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Heloisa Thais Rodrigues de. **Conservação Ambiental em Remanescentes Florestais: Mata do Junco em questão**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

SOUZA, Laura de Melo. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (Orgs.) **Quadrinhos na Educação. Da rejeição a prática**. São Paulo: Contexto, 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Uso dos HQs no Ensino*. In: BARBOSA, Alexandre; Paulo Ramos; Waldomiro Vergueiro (Orgs.). **Como Usar os Quadrinhos em Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2018.

VILELA, Túlio. **Os Quadrinhos na Aula de História**. In: BARBOSA, Alexandre; Paulo Ramos; Waldomiro Vergueiro (Orgs.). *Como Usar os Quadrinhos em Sala de Aula*. São Paulo: Contexto, 2018.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS:

<http://cultura.gov.br/entenda-o-que-e-cultura-popular-e-suas-diferentes-manifestaco-1/> Acesso em 29/08/2020.

<https://www.ipe.org.br/boaspraticas/por-que-as-ucs-sao-importantes> Acesso em 28/05/2021.

<https://uc.socioambiental.org/noticia/151744> Acesso em 10/05/2020.

<https://www.correiodoportoprt> Acesso em 06/03/2020.

<https://www.ilheus.ba.gov.br/detalhe-da-materia/info/festa-da-puxada-do-mastro/6775>
Acesso em: 06/06/2021.

<https://ajunews.com.br/economia/sem-festa-do-mastro-sete-mil-empregos-sao-perdidos-e-receita-de-capela-e-comprometida/>. Acesso em: 12/07/2019.

<https://www.sintese.org.br/2020/06/03/aulas-remotas-na-rede-estadual-so-com-condicoes-efetivas-para-professores-e-estudantes/>. Acesso em 18/05/2021.

FONTES:

1. Diálogos

MACEDO JUNIOR, J. B. A., 2020, Interlocutor: Alexsandro do N. Macedo. Capela-SE. 26/06/2020.

SANTOS JUNIOR, V., 2020, Interlocutor: Alexsandro do N. Macedo. Capela-SE. 26/06/2020.

FAUSTO, A. E. S., 2020, Interlocutor: Alexsandro do N. Macedo. Capela-SE, 26/06/2020.

2. Boletins de Ocorrência

DELEGACIA DE POLÍCIA CÍVIL. **Boletim de Ocorrência N° 2011/06536.0-00024**. Capela-SE, 24/03/2011.

_____. **Boletim de Ocorrência N° 2007/06536.0-000171**. Capela-SE, 30/06/2007.

_____. **Boletim de Ocorrência N° 2013/06536.0-000290**. Capela-SE, 30/06/2013.

_____. **Boletim de Ocorrência N° 2007/06536.0-000187**. Capela-SE, 01/07/2007.

3. Legislação

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2019. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 28/06/2020.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm Acesso em 28/06/2020.

SERGIPE. Lei Estadual N° 94/2001, de 27 de abril de 2021. **Declara a “Festa do Mastro” da cidade de Capela-SE Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de Sergipe**.

_____. Portaria Estadual N°1476/2020, de 16 de março de 2020. **Estabelece medidas de prevenção ao coronavírus (covid-19) nas Unidades de Ensino e Prédios Administrativos vinculados a Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura**. Disponível em: <https://www.seduc.se.gov.br/arquivos/PUBLICACOES/P1476.2020.PDF> Acesso em 09/07/2021.

_____. Portaria Estadual N° 2235/2020, de 27 de maio de 2020. **Regulamenta, em caráter excepcional, a oferta de Atividades Escolares Não Presenciais a serem desenvolvidas nas Unidades de Ensino da Rede Pública Estadual de Ensino, para cômputo da carga horária mínima anual obrigatória, durante o período de distanciamento social, como forma de conter a disseminação do Novo Coronavírus (COVID-19), e dá providências correlatas**. Disponível em: <https://siae.seduc.se.gov.br/siae.servicefile/api/File/Downloads/aa9e8ddd-035d-4d65-95d9-a59c42a05cc0> Acesso em: 10/07/2021.

CAPELA-SE, Lei Municipal N° 90/2001, de 05 de maio de 2001. **Dispõe sobre o reconhecimento da Sarandaia como manifestação popular do município de Capela e determina o 1º de junho feriado municipal e dá outras providências.**

_____. Lei Municipal N° 250/2007, de 16 de agosto de 2007. **Dispõe sobre o reconhecimento do São Pedro como manifestação popular do município de Capela e determina que na segunda-feira da festa seja feriado municipal e dá outras providências.**

_____. Lei Municipal N° 557/2019, de 18 de outubro de 2019. **Declara como patrimônio cultural, histórico, artístico, religioso e ambiental do Município de Capela, Estado de Sergipe, e dá providências correlatas.**

_____. Lei Municipal N° 93/2001, de 31 de maio de 2001. **Institui o Prêmio Anderson de Melo e dá outras providências.**

APÊNDICE A – CAMINHOS PARA A CONFEÇÃO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

As reflexões registradas nesse trabalho contribuíram para a confecção de uma história em quadrinhos. A partir dos resultados encontrados, produzimos um material didático que busca contribuir com as aulas de História ou com as aulas de qualquer professor interessado no tema, em especial os de Geografia, Ensino Religioso e Ciências, que podem explorar inúmeros conceitos por meio da análise da Festa do Mastro. Não para substituir o livro didático ou mesmo as fontes históricas, mas articulados a estes.

Após a escolha do tema, bem como do veículo que o levaria aos alunos, os próximos passos estavam entre os mais complicados, a começar pela confecção da HQ. Como produzir uma história em quadrinho que possa ser utilizada por professores e alunos em sala de aula, visto que, não dispomos do primordial talento com desenhos? Começava, então, a nossa “odisseia”.

O primeiro desafio que enfrentamos foi pensar na trama, personagens, características físicas e a personalidade de cada um deles. A ideia era trazer algo próximo da vivência dos estudantes.

Para protagonizar a trama apresentada na revista, escolhemos um professor de História e três jovens estudantes com faixa etária entre onze e catorze anos de idade, uma forma de facilitar a identificação dos alunos com os personagens. Com relação aos nomes dados a estes, escolhi homenagear pessoas de muita importância em minha vida. Os três jovens estudantes, decidimos batizá-los com os nomes de “Laura” (nome de minha filha), “Gabriel” (segundo nome do meu filho) e “Noélia” (nome de minha sobrinha e afilhada). Sobre seus comportamentos e personalidades, busquei inspiração em um trio de alunos do sétimo ano da nossa escola. A personagem Laura, por exemplo, é uma menina esperta e muito dedicada, é quem resolve fácil os problemas que vão surgindo na trama; Gabriel é um garoto muito estudioso, embora sempre tenha receio de que tudo possa dar errado; Noélia é uma jovem tranquila, pacata e um pouco preguiçosa, é quem traz um pouco de humor durante a história.

Para o nome do professor de História, escolhemos “Antônio”, por conta de um senhor que após aposentar-se da profissão de carpinteiro, migrou do estado de São Paulo para viver em Capela-SE. Todavia, um acidente automobilístico e a falta de parentes em Sergipe fizeram com que “Seu Antônio”, como era carinhosamente conhecido, passasse a conviver em casa

conosco, já que passou a necessitar de cuidados com sua saúde. Tratava-se de uma pessoa muito atenciosa e que gostava de relatar suas experiências de quando jovem na capital e no interior paulista. Um verdadeiro tio que, infelizmente, acabou falecendo no dia 21 de outubro do ano de 2018, exatamente no dia e horário em que estávamos realizando o exame de seleção deste mestrado. Por isso, decidimos fazer essa singela homenagem.

Quanto à personalidade e postura do personagem “professor Antônio”, procuramos demonstrar um homem tranquilo, prestativo e comprometido com a busca do conhecimento. Características que consideramos fundamentais para um bom professor de História.

O local do município de Capela-SE onde os personagens Laura, Noélia e Gabriel vão encontrar o professor Antônio e a Casa do Livro, uma instituição fundada em 1928, que disponibiliza aos interessados em seu acervo, livros, revistas e artigos com diversos temas para pesquisa. Infelizmente, com o advento e ampliação do acesso à internet, o espaço foi sendo deixado de lado pelos jovens estudantes capelenses. Atualmente, o prédio abriga também a ACLA - Academia Capelense de Letras e Artes. Mencionar esse espaço em nosso trabalho tem como objetivo valorizar um local que contribuiu e que ainda pode contribuir bastante para com a educação em nosso município.

Outro desafio que nos deparamos foi encontrar um desenhista, principalmente que tivesse habilidade ou experiência com a produção de história em quadrinhos. Para a escolha, demos preferência aos capelenses, sobretudo, aos nossos alunos ou ex-alunos. O intuito era prestigiar o artista local, além de contar com os serviços de alguém que também conheça a dinâmica e características da Festa do Mastro, o que, certamente, facilitaria o nosso trabalho.

Depois de muito procurar e descartar alguns nomes (alguns por não disporem de tempo, outros por afirmarem não ter habilidade com quadrinhos), chegamos a Victor Vinícius, ex- aluno e exímio desenhista. Conversamos algumas vezes e o deixei a par do projeto, acertamos prazos e valores. O jovem ficou bastante empolgado com tudo o que viu e ouviu. Passei a informação ao meu orientador, que também aprovou a ideia. Todavia, dois meses depois, mais precisamente no dia 15 de julho de 2020 (a dois dias da Qualificação), recebi uma ligação de Victor informando da sua desistência do projeto, pois, tinha conseguido um emprego que ocuparia grande parte do seu tempo. Ao mesmo tempo em que fiquei feliz por ele, não conseguia disfarçar a preocupação, já que teria que abandonar a ideia original e ter que ir ao encontro de outro artista fora do município.

O tempo estava passando e precisávamos fazer algo. Após levantarmos alguns nomes disponíveis na internet, chegamos a três artistas que se dedicam aos quadrinhos. Consegui entrar em contado com apenas dois deles: Edson “Masakiro” e Dênis. O primeiro recusou de

pronto o trabalho, alegando estar em meio a um projeto com *mangás*. Já o segundo, mostrou-se interessado em nosso trabalho e, portanto, disposto a executá-lo.

Todavia, o artista afirmou que faria apenas os desenhos. Todo o trabalho gráfico, como a inserção dos balões, por exemplo, teria que ser feito por outro profissional. A insegurança logo veio à tona, pois, além disso, Dênis não disponibilizava seu nome completo, não dispunha de fotografia em suas redes sociais e, quase sempre, alguém falava em seu nome. Afirmava apenas residir no interior de Sorocaba-SP, o que aparentava ser verdade, haja vista o sotaque presente nos áudios que nos enviava. Nosso principal receio com todo esse suspense era de que o artista, por algum motivo, desistisse em meio ao processo de confecção da revista, já que o combinado era fazer o pagamento de forma parcelada, à medida que cada parte da HQ fosse sendo concluída.

Poucas semanas depois, recebi do professor Luciano Ferreira, ex-mestrando do PROFHISTÓRIA da UFS, o contato telefônico de Cauê Souza, artista gráfico sergipano e exímio desenhista de quadrinhos, do qual recebi ótimas referências. Liguei para fazer algumas sondagens, foi quando comecei a perceber em sua fala, dentre outras coisas, talento e profissionalismo. Elaborou, em apenas um dia, duas páginas como amostra, propôs a assinatura de um contrato, no qual garantia entregar todo o trabalho dentro do prazo que estabelecemos (novembro de 2020), já incluindo no pacote toda a parte gráfica.

Mesmo sabendo que teria um custo maior, optei por ter segurança na execução do trabalho, afinal “o barato poderia custar caro”. Decidimos então investir, enviando o roteiro da introdução da nossa revista (quatro páginas) para ambos os artistas, e, após analisar os resultados, escolher com o qual seguiríamos.

Dênis precisou de vinte e dois dias para concluir a introdução, a qual, como era de se esperar, não contava com os balões. Cauê, por sua vez, precisou de apenas cinco dias para desenhar, pintar e embalonar as páginas da introdução. A “balança” estava pesando para o lado deste, e a estética e faixa etária dos personagens foram decisivas. Apesar de descrever minuciosamente os traços e características que gostaríamos de ver no ambiente e em nossos personagens, (inclusive anexando imagens que facilitassem o desenho), Dênis trouxe traços que acreditamos está um pouco distante da realidade dos nossos colegas professores e alunos que fazem parte da nossa comunidade escolar, já que seus personagens pareciam ser alunos do ensino médio ou mesmo universitários, sem contar que esteticamente pareciam modelos com corpos fisicamente “perfeitos”. O receio era de que os alunos não se identificassem com aquilo que iriam ler.

Em meados de agosto, decidimos assinar contrato com Cauê Souza e adiantamos, a seu pedido, metade do valor cobrado pelo trabalho. O desenhista, com o intuito de acelerar o processo de produção dos quadrinhos, solicitou todo o roteiro da nossa HQ. Entretanto, da nossa parte, não havia essa possibilidade, já que teríamos que alterar, inserir ou retirar trechos da nossa pesquisa, fruto de sugestões que nos foram apresentadas durante a Qualificação. Diante disso, combinamos que enviaríamos o roteiro gradativamente. À medida que as partes da revista fossem sendo concluídas, ser-lhes-iam repassadas via e-mail⁴⁴.

A falta de experiência nos deixou em dúvida com relação à elaboração do roteiro. Todavia, ao entrar em contato com o livro “Como Escrever Histórias em Quadrinhos” de Gian Danton, percebemos que o autor define basicamente dois tipos de roteiros para guiar o trabalho do ilustrador, o *Argumento* ou *Marvel way* e o *Full script*. No primeiro caso, o autor apenas traça as linhas gerais do trabalho, enquanto o ilustrador se encarrega de preencher todas as lacunas desse esboço inicial. Já no segundo, o roteirista, passo a passo, compõe totalmente as cenas, descreve detalhadamente tudo que acontece em cada quadro, página e com os personagens, ou seja, direciona todas as ações presentes na revista. E, como já salientamos, optamos pelo último modelo, pois tínhamos o propósito de privilegiar a pesquisa e fazer com que houvesse pouca interferência ideológica por parte do ilustrador.

No final de setembro de 2020, quando concluímos e enviamos a primeira parte do roteiro, recebi de Cauê a resposta de que estava focado nas campanhas eleitorais e que retomaria os desenhos apenas após o dia 20 de novembro. Preocupado com a situação, mas sem opção, fui dando sequência na produção do roteiro. Quando o artista retomou as atividades, o seu ritmo de produção estava bem mais lento. A apreensão, mais uma vez, fez-se presente, já que a nossa intenção era apresentar e defender esta dissertação em dezembro de 2020, algo que o artista afirmou ser impossível de acontecer. Segundo ele, somente entre o final de fevereiro e início de março que a primeira versão do material estaria totalmente pronta.

Os dias se passavam e quando chegávamos perto da data combinada, o artista solicitava mais tempo. A principal alegação era a complexidade do trabalho. Por fim, no dia 23 de março de 2021, a última página da revista nos foi entregue.

Inicialmente, pensamos em fazer algo bem sucinto, ou seja, produzir um material que atingisse, no máximo, trinta páginas. Todavia, com o decorrer do processo de produção do

⁴⁴ É importante ressaltar que, em virtude da pandemia que estamos enfrentando, em nenhum momento tivemos qualquer tipo de reunião presencial com Cauê. Trocávamos informações via e-mail (como ele preferia) e, raras vezes, pela rede social Whatsapp.

roteiro, percebemos que se permanecêssemos com essa ideia, muitas informações contidas na pesquisa, infelizmente, não seriam contempladas. A não ser que a revista fosse produzida apresentando uma quantidade de texto à cima da média, em outras palavras, com balões contendo entre dez e quinze linhas de fala, algo que julgamos totalmente inadequado e pouco atrativo para o nosso alunado.

No fim das contas, esforçamo-nos para reduzir o número de páginas de forma que não compromettesse, significativamente, a inserção de elementos oriundos da pesquisa e que, também, trouxesse uma quantidade razoável de textos e balões. O resultado foi uma HQ dividida em cinco partes e contendo quarenta e duas páginas, incluindo a capa.

Na primeira parte da revista, que levou o título de “As Origens da Festa do Mastro”, é discutido o que seria esse tipo de festividade, enfatizando alguns eventos que já faziam a utilização de árvores, de antes da propagação do Cristianismo até a sua ascensão, quando são feitas intervenções significativas que alteram o seu ritual, tornando a comemoração um misto de elementos pagãos e cristãos. Trata-se de uma oportunidade para explorarmos conceitos como: Casa do Livro, Festa do Mastro, paganismo, sagrado, profano, tradição, Árvores de Maio, Reforma Protestante e Levantamento do Mastro.

Na segunda parte da HQ, que intitulamos de “A Festa a Serviço da Colonização” a narrativa trata não somente da chegada da Festa do Mastro ao Brasil, mas também de como ela esteve a serviço do processo de colonização portuguesa aqui na América, colaborando com a interação entre brancos, índios e negros. Este trecho da revista traz ainda algumas peculiaridades presente nos rituais e crenças que envolvem a Festa do Mastro. Ocasão propícia para que professor e alunos discutam conceitos como os de cultura, coivara, festa junina, colonização, América Portuguesa, religiosidade popular, Puxada do Mastro e Vaticano.

Na terceira parte da revista, de título “A Festa do Mastro em Sergipe”, o lócus da análise apresentada pelos personagens é o estado sergipano. Nela, são apontados vários municípios que realizaram e que ainda continuam realizando a Festa do Mastro, a exemplo de Maruim, Brejo Grande, São Cristóvão, Japaratuba, Lagarto, dentre outros. Aqui, o aluno poderá entrar em contato com alguns conceitos, a exemplo de colonização de Sergipe e Patrimônio Cultural Imaterial.

Na quarta parte da nossa revista, de título “A Festa do Mastro em Capela-SE (1939-2019)”, a análise chega à Festa do Mastro que é realizada anualmente no município sergipano de Capela. Nesse trecho, serão discutidas suas origens, peculiaridades, as transformações e continuidades nas práticas que envolvem a realização dos seus folguedos. Como conceitos

que podem ser abordados nessa parte da história em quadrinhos, temos: Vale do Cotinguiba, produção açucareira, relação de compadrio, arraiais, Sarandaia, Missa do Fogueteiro, Busca e Queima do Mastro.

Na quinta e última parte da revista, “A Festa do Mastro e a Mata Atlântica”, as discussões levantadas giram em torno da relação entre a Festa do Mastro e a Mata Atlântica, da importância da preservação desse bioma, bem como do impacto ambiental que pode afetar a população local e boa parte do planeta, em caso de persistências de práticas de uso dos recursos de forma não sustentáveis. Aqui, podem ser discutidos alguns conceitos como meio ambiente, Mata Atlântica, Sistemas de Unidade de Conservação, Unidades de Proteção Integral e Sustentável, Refúgio de Vida Silvestre, fauna, flora, ações sustentáveis.

No que diz respeito à parte artística da revista, os “traços” tiveram que ser adaptados ao tempo que o artista dispunha para desenhar, colorir e inserir balões e textos. Enquanto o cenário (Capela-SE) presente nos quadros onde aparecem os cinco personagens principais foram todos feitos manualmente, os quadros explicativos, ou seja, aqueles que trazem cenários representando as explicações feitas tanto pelo professor, quanto pelos alunos, foram produzidas através da livre adaptação de uma ou mais imagens. Enquanto no primeiro caso é necessário muito mais tempo para a produção, no último, o tempo despendido para a confecção era bem menor.

Enquanto em alguns trechos da HQ, o talento e a criatividade do artista complementavam as minhas ideias (inserindo mais detalhes nas cenas), nas partes finais, já não conseguia executar precisamente aquilo que estava planejado e detalhadamente apontado no roteiro. Acreditamos que a complexidade das cenas solicitadas, aliada à pressa para o cumprimento dos prazos, certamente contribuíram para tal situação. Todavia, a sensação que tivemos ao nos deparar com o resultado final, foi de muita satisfação e vontade de utilizá-la o mais rápido possível. Resultado este, que mostramos na sequência.

**APÊNDICE B – PRODUTO 1: “DA LAMA À SALA DE AULA: A FESTA DO
MASTRO DE CAPELA-SE EM HQ”**



Capa da Revista

Fonte: Obra do Desenhista Cauê Souza, 2021.













Então vamos lá! A melhor forma de vocês conhecerem a Festa do Mastro é começar falando sobre o que ela é e quais são suas principais características.





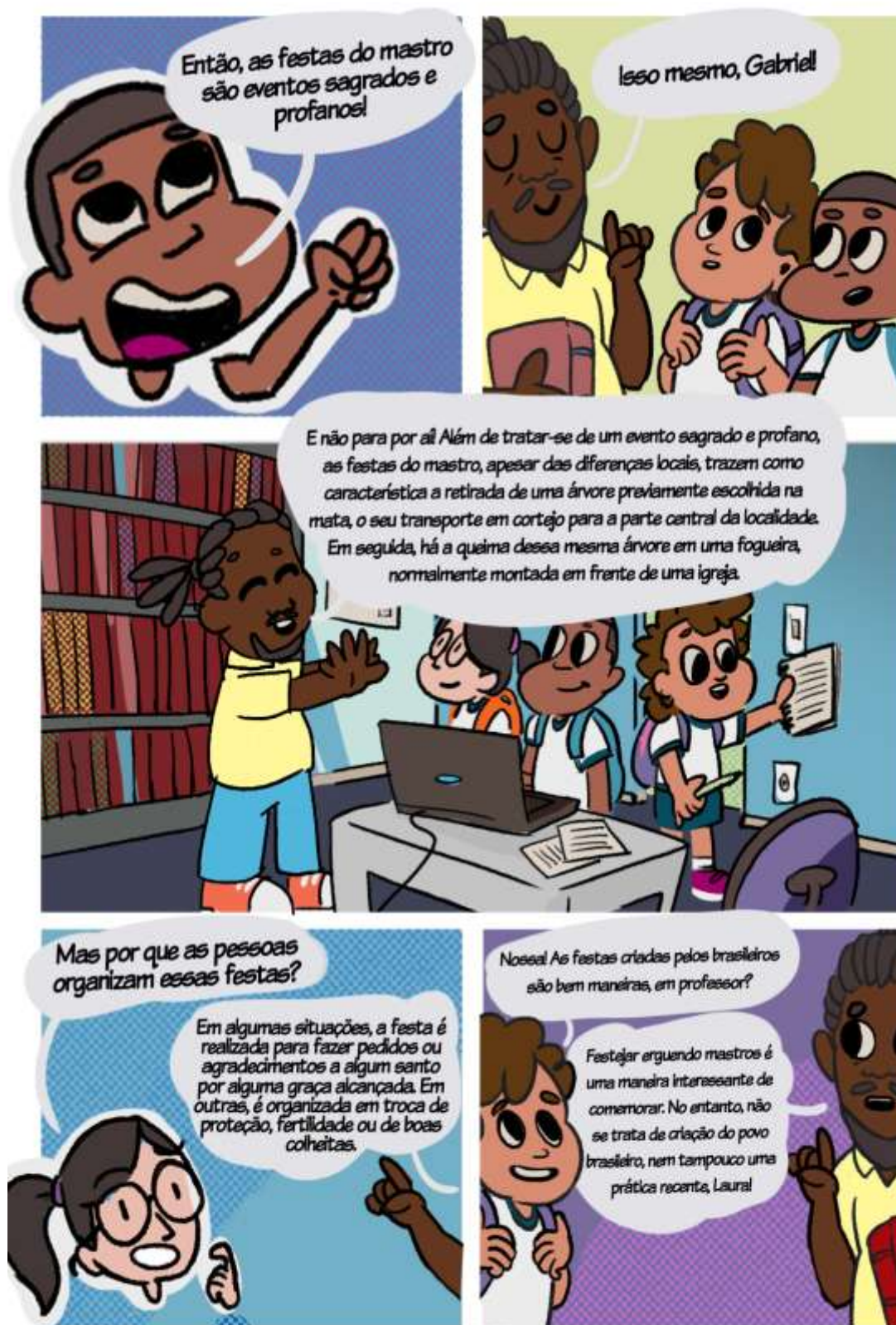
Página 7⁴⁵ da Revista

Fonte: Obra do Desenhista Cauê Souza, 2021.

⁴⁵Quadrinho 1- Autor desconhecido da fotografia. Fonte: <https://www.coruripe.al.gov.br/2017/11/28/busca-do-mastro-atraiu-dezenas-de-pessoas-no-ultimo-fim-de-semana>. 2017. Acesso em: 24/10/2020.

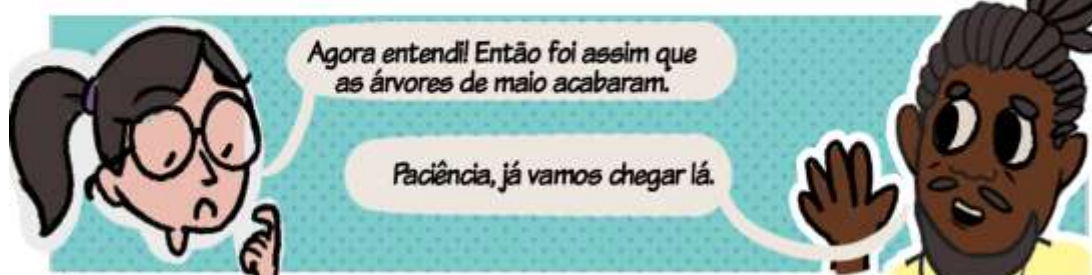
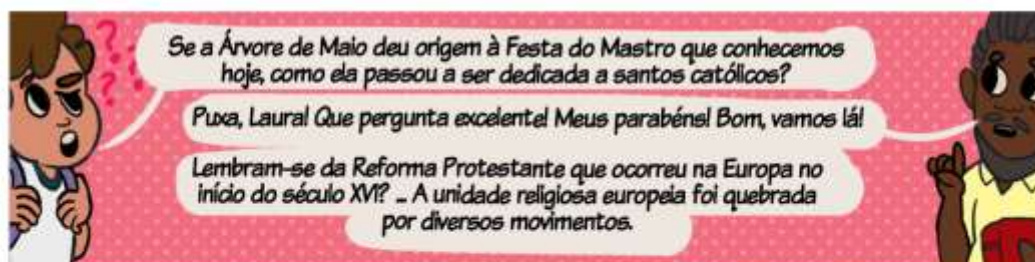
Quadrinho 2 – Fotografia de Ícaro Gomes. Fonte: <https://www.icarogomes.com/2014/01/saosebastiao-e-devocao-de-igarape-acu.html>. 2014. Acesso em: 24/10/2020.

Quadrinho 3 – Autor desconhecido da fotografia. Fonte: <https://www.correioma.com.br/noticia/631/festa-do-divino-comeca-no-dia-29-em-alcantara>. 2016. Acesso em: 24/10/2020.





* Tradição é um conjunto de costumes e práticas que demonstraram ser eficazes no passado e que, mesmo sofrendo transformações, continuam a serem aceitos e atuantes no presente.



* Paganismo é um termo geralmente utilizado para se referir a posicionamentos religiosos diferentes dos tradicionais. Com o avanço da cristianização, eram classificados como pagãos todos aqueles que resistiam à conversão e permaneciam com suas crenças.

"O catolicismo não queria acabar definitivamente com as Árvores de Maio, mas buscar meios para "purificá-la". Logo, estas festividades deveriam passar por adaptações".



"Os membros do clero buscaram substituir as superstições por procissões, cânticos e preces. Os mastros, a partir de então, deveriam ser erguidos, preferencialmente, em frente às igrejas e dedicados a santos católicos"

Nossal Não imaginava que as autoridades católicas dessem tantos palpites na vida das pessoas. O que eles queriam com isso, afinal?

Expandir o cristianismo, ué!



Nossal Como os católicos foram espertos!

Espertos, mas não tão eficientes. As ações do clero não foram suficientes para eliminar por completo elementos do paganismo presentes nas festividades europeias. Durante as festas do mastro que ocorrem naquele continente, por exemplo, ainda é possível perceber a permanência de elementos pagãos misturados a crenças cristãs.



Exatamente, Laura! Mas não podemos esquecer de que essas ações da Igreja também são formas de vigiar o comportamento da população e separar aquilo que é sagrado do profano.

Vamos aproveitar o computador e pesquisar algum exemplo de festa do mastro que ocorre em Portugal.



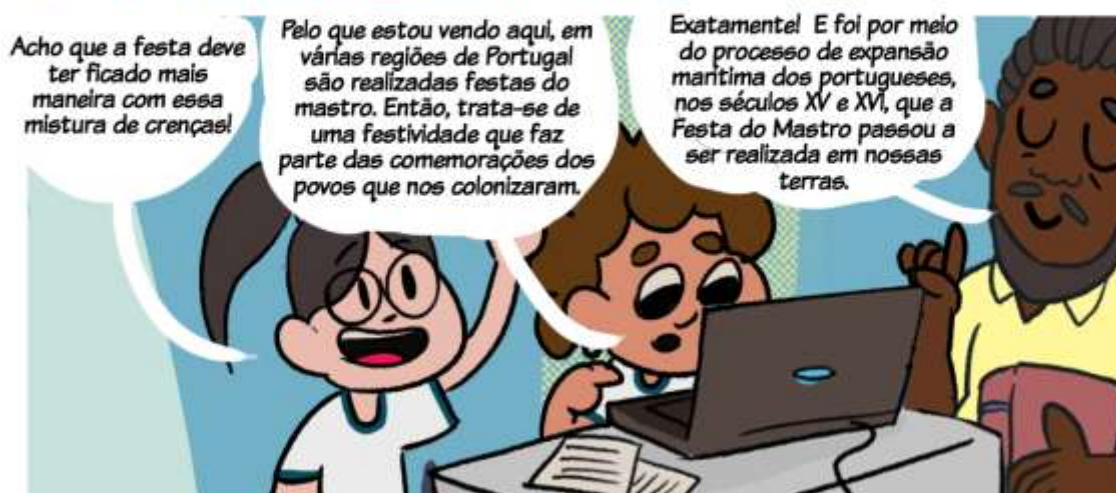
Tá bom!

Força, homens! Estás a ver a Igreja?



"Em Penafiel, um município de Portugal, ocorre todos os anos, no dia 25 de julho, o Levantamento do Mastro. É uma festa na qual a população local reúne-se em frente à capela de São Thiago e de lá seguem animados até uma mata próxima para a retirada de uma árvore que fora previamente selecionada".

"Após o corte do eucalipto, feito com o auxílio de um machado, o tronco de aproximadamente trinta metros é levado para frente da capela dedicada ao santo. Durante o caminho de volta, os homens mais velhos procuram tocar o tronco na crença de que o gesto lhes devolva a fertilidade."



Parte 02 A Festa a Serviço da Colonização

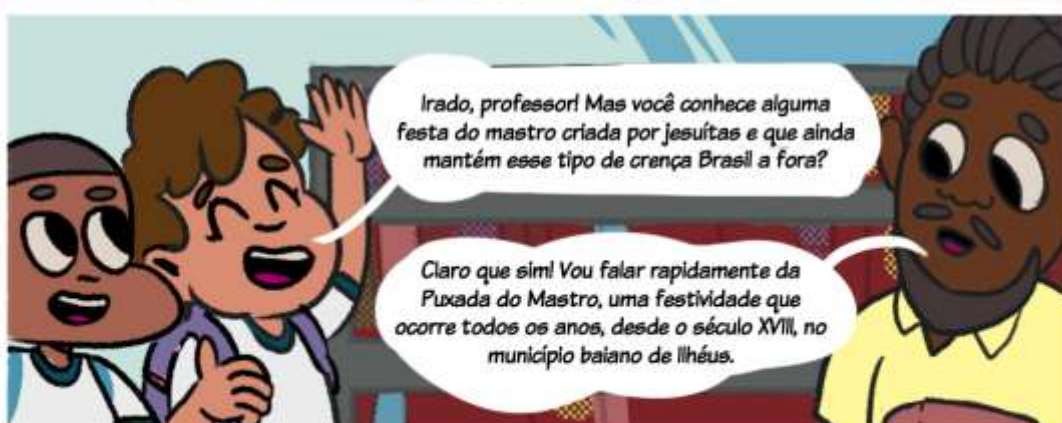


* Colonização é uma forma de exploração contínua e sistemática, normalmente envolvendo controle político, econômico, religioso e cultural da colônia pela metrópole.









* O Vaticano é a sede da Igreja Católica Apostólica Romana, residência oficial do Papa, além de ser o menor país do mundo.



"No segundo domingo do ano, a população é acordada com o som do sino e dos fogos de artifício. Jovens e idosos seguem em direção à mata para retirar o mastro para São Sebastião. Muitos, na esperança de terem seus pedidos atendidos."

"Após algumas horas de caminhada, o grupo chega à floresta. Os machadeiros entram em busca da árvore. Após a derrubada e alguns rituais, tem início a tarefa de trazê-la para frente da capela de Nossa Senhora da Escada, onde ficará exposta até o ano seguinte".







Parte 03 A Festa do Mastro em Sergipe



* O patrimônio cultural imaterial ou intangível é aquele que os grupos sociais expressam por meio de suas festas, saberes, fazeres, ofícios, celebrações e rituais. Ele é transmitido de geração a geração, mas é constantemente recriado pelas comunidades em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e pertencimento.

"No século XIX, em Lagarto, a Festa do Mastro ocorria entre o Natal e as Festas de Reis. Consistia na substituição de um mastro antigo por outro novo, que era trazido da mata e erguido no Largo do Rosário, já contendo a imagem de São Benedito."



"Atualmente, no dia 31 de maio, milhares de pessoas vão de motocicletas ao povoado Limoeiro em busca de um mastro para homenagear São José. O transporte da árvore é feito com a ajuda de um caminhão, que o traz até uma área de eventos no município, onde uma multidão o aguarda."



Nesse caso, esteja preparado para por o "pé na estrada", já que não são poucos os municípios que realizam esse festejo.

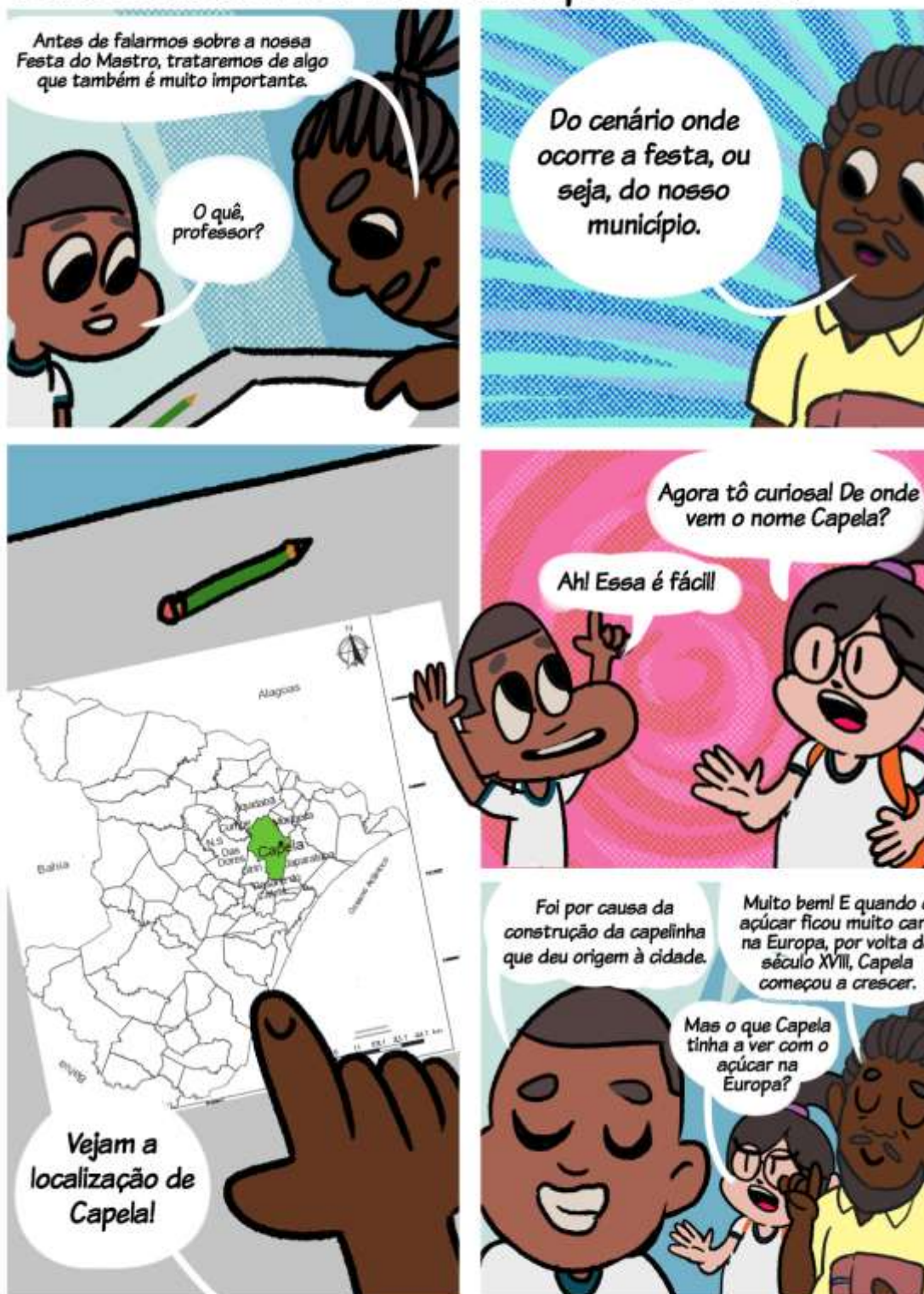


De Norte a Sul de Sergipe, podemos encontrar registros de festa do mastro!





Parte 04 A Festa do Mastro em Capela (1939-2019)











"Durante o período da Festa, muitas pessoas buscam complementar sua renda. Seu pai, Gabriel, pode indicar aos amigos uma pousada ou mesmo buscar na prefeitura o contato de alguém que os alugue uma residência."



A Sarandaia de Capela foi copiada do município de Japaratuba e realizada pela primeira vez por Ary Cabral, lá nos anos sessenta.











"Atualmente, participam apenas candidatas representantes das nossas escolas. E o valor arrecadado com ingressos e mesas passou a ser destinado a auxiliar nas despesas das participantes com a competição."



"Criada em 1993, a Missa tem como objetivo pedir proteção divina para os participantes da festa. Os cantos são feitos em ritmo de forró e o ofertório traz elementos que representam a Festa do Mastro."



Meus pais sempre falam que a Festa do Mastro é muito importante, já que nos leva à devoção a São Pedro, apóstolo de Cristo, primeiro papa da Igreja Católica e "chaveiro" do céu.

Caraca, professor! Confesso que não enxergava nada de sagrado na Festa do Mastro, até ouvi essas explicações.



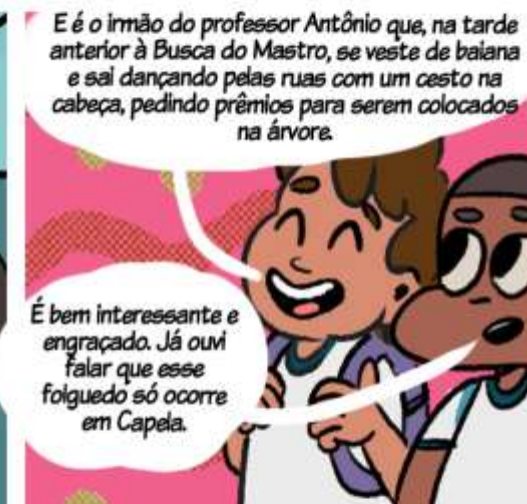
Independente de questões religiosas, a festa tem importância econômica para o município, já que a chegada de turistas movimenta bastante o nosso comércio.

E os turistas adoram tirar selfie com a Baiana!



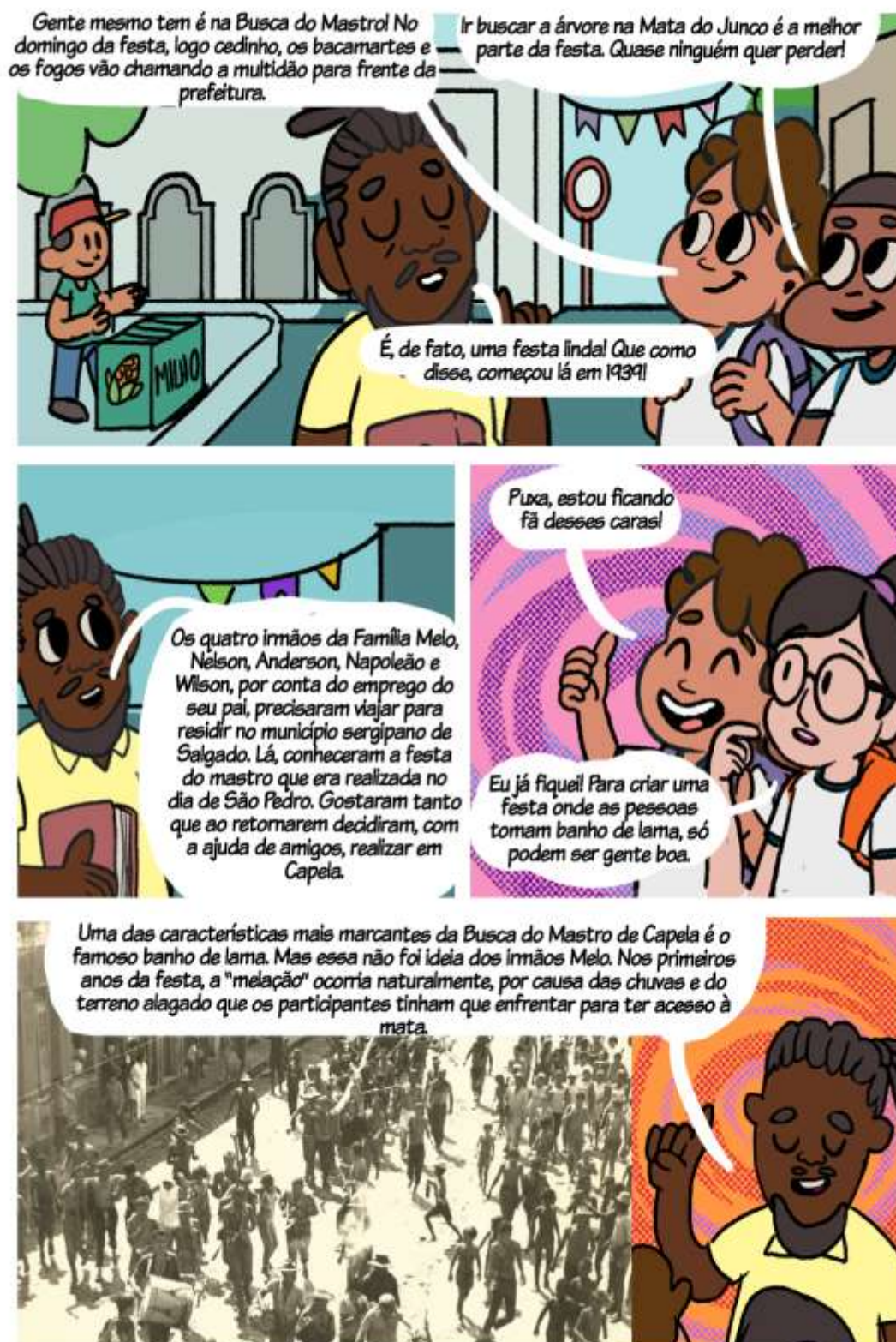
E é o irmão do professor Antônio que, na tarde anterior à Busca do Mastro, se veste de baiana e sai dançando pelas ruas com um cesto na cabeça, pedindo prêmios para serem colocados na árvore.

É bem interessante e engraçado. Já ouvi falar que esse folgado só ocorre em Capela.

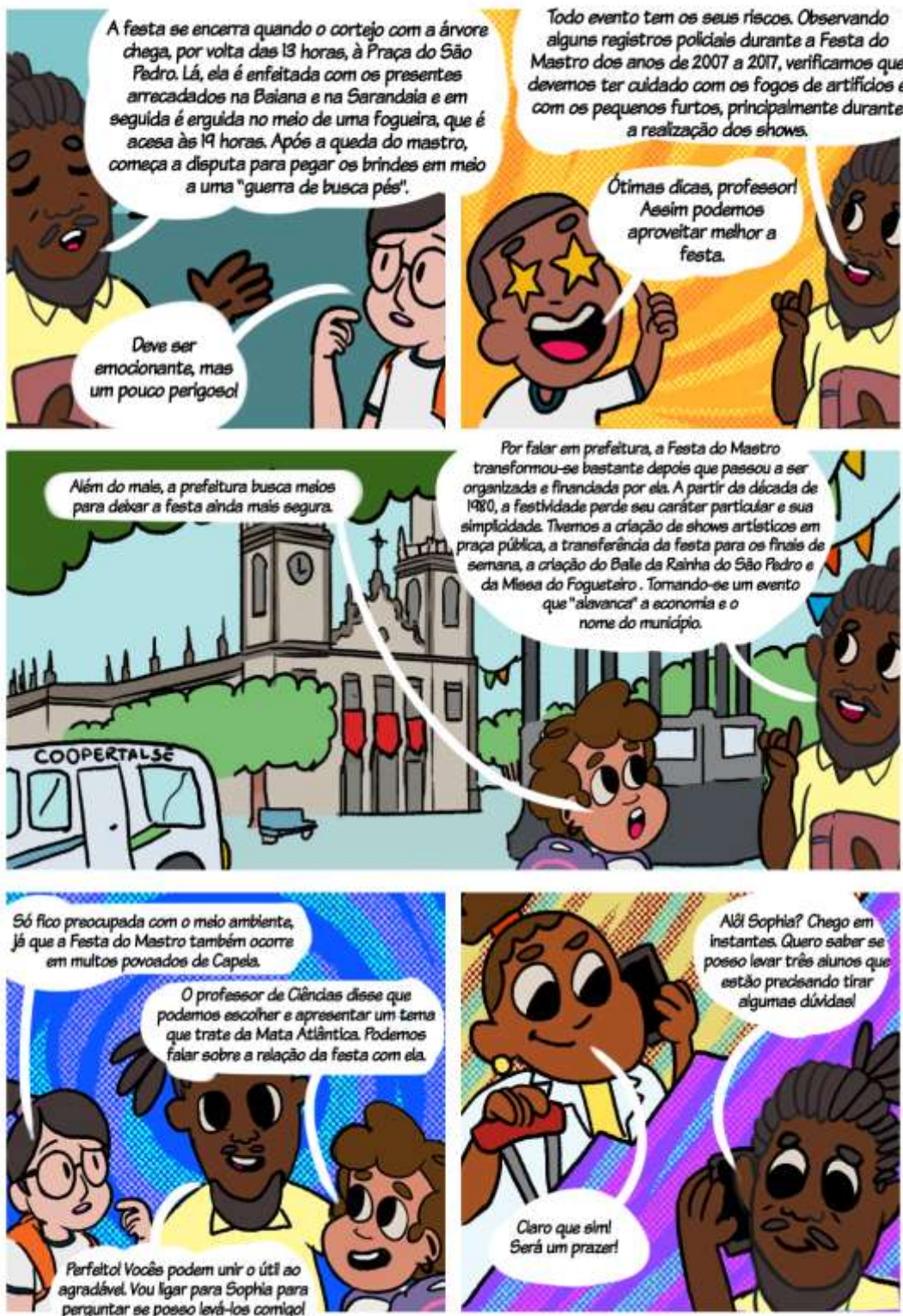


"A Baiana, de 1940 até os dias atuais, vem ampliando o seu público. Principalmente a partir de 1989, quando passou a contar com um carro de som e a ser realizada nos finais de semana, quando o evento já estava sendo organizado pela prefeitura."









Parte 05 A Festa do Mastro e a Mata Atlântica







APÊNDICE C – CONTEXTUALIZANDO A PRODUÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Quando ingressamos no PROFHISTÓRIA, tínhamos a consciência de que deveríamos produzir um instrumental que pudesse auxiliar no processo de ensino e aprendizagem nas aulas de História. Era também de nosso conhecimento que seríamos os primeiros a testar a importância e eficácia desse material em nossas turmas. Entretanto, não contávamos que uma nova variação do Corona Vírus, o SARS-CoV-2, seria a responsável por uma pandemia que logo atingiria o Brasil e, consequentemente, o estado de Sergipe.⁴⁶

Além de afetar a saúde e a economia, o Corona Vírus prejudicou gravemente a educação. A partir de meados de março de 2020, prefeitos e governadores, com o intuito de reduzir a propagação do vírus, determinaram a suspensão das aulas nas redes pública e privada. Em Sergipe, por exemplo, no mês de março foi publicada a Portaria Nº 1476 /2020 que deixou milhares de estudantes sem ter acesso às aulas.

A partir desse momento, a incerteza tomou conta das unidades de ensino sergipanas. A grande dúvida de alunos, pais e professores estavam em como e quando seriam retomadas as atividades educacionais. O tão debatido regresso ocorreu gradativamente a partir do início do mês de junho de 2020, mediante a publicação da Portaria Nº 2235/2020, que regulamentou a oferta de atividades escolares não presenciais, enquanto durasse o período de distanciamento social. Isso significava que as aulas do ensino fundamental e médio da rede estadual, a partir de então, poderiam ser ministradas, legalmente, de forma remota, ou seja, sem o contato presencial entre professor e aluno.

Esse modelo de aula, que perdura até os dias atuais (junho de 2021), acabou recebendo inúmeras críticas⁴⁷, sobretudo por não garantir o acesso educacional a todos os alunos, principalmente àqueles provenientes das camadas sociais mais carentes, que, em regra, terão que ter acesso a dispositivos eletrônicos, como aparelho celular, tablet ou computador que contenham acesso à internet para viabilizar a interação com os professores.

⁴⁶ Até 01/05/2021, já havia 14.725. 975 de casos confirmados de Covid -19 no Brasil, que geraram um número de 406.437 óbitos. Sergipe, por sua vez, conta com 203. 036 casos confirmados, que resultaram em 4.302 óbitos por conta do Covid - 19. Fonte: https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html Acesso em 02/05/2021.

⁴⁷ A principal crítica direcionada a essa portaria foi feita pelo SINTESE – Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Sergipe, que via como primordial, pelo menos, a realização de um diagnóstico que avaliasse as condições de estudantes e professores, antes de se ter início das aulas não presenciais. Ver: <https://www.sintese.org.br/2020/06/03/aulas-remotas-na-rede-estadual-so-com-condicoes-efetivas-para-professores-e-estudantes/>. Acesso em 18/05/2021.

Em nossa escola, deparamo-nos com essa dificuldade, sobretudo, pela falta desses recursos. Várias reuniões foram feitas e, por fim, ficou decidido que as aulas da Escola Estadual Professora Maria Berenice Barreto Alves (instituição onde utilizaríamos a nossa história em quadrinhos) seriam ministradas via aplicativo de mensagem (*o Whatsapp*) e complementadas com atividades e apostilas impressas a cada quinze dias na própria instituição, alternativa encontrada para que todos os alunos fossem atendidos de alguma forma.

Diante desse delicado contexto de distanciamento social, vimo-nos impossibilitados de fazer o uso da história em quadrinho com os alunos das turmas nas quais lecionamos. Por esse motivo, além da revista, disponibilizaremos uma proposta de sequência didática para ser posta em prática com o auxílio da HQ, assim que findar o período de isolamento. Nela, os alunos apresentarão aos pais e demais membros da comunidade escolar, informações acerca da Festa do Mastro, as quais terão acesso através da leitura da revista, discussões, realização de atividades e pesquisas.

Segundo Leal, Brandão e Albuquerque, as sequências didáticas são:

Atividades integradas (uma depende da outra e é relacionada à outra que já foi ou será realizada), organizadas sequencialmente, que tendem a culminar com a aprendizagem de um conceito, um fenômeno, habilidade ou conjunto de conceitos/habilidades de um campo do saber (2012, p. 148).

Logo, a cada atividade proposta, os alunos vão construindo seu conhecimento e desenvolvendo habilidades e competências que serão importantes não só para o evento final (ocasião onde farão apresentações e exposições para convidados oriundos da comunidade escolar), como também para a vida fora dos muros da escola.

Observar um pouco da trajetória da Festa do Mastro presente na HQ poderá abrir para o professor um leque de possibilidades de usos e de temas para serem explorados em sala de aula. Todavia, caso esta sugestão de sequência seja a escolhida, é interessante frisar que, antes de qualquer coisa, o professor precisa apresentar aos alunos a proposta, para que estes conheçam todas as tarefas que serão desenvolvidas e os objetivos que cada uma delas traz, justificando importância delas dentro do processo de ensino e aprendizagem.

Para a utilização da HQ e desta sequência didática, definimos como público alvo as turmas do sexto ao ano do ensino fundamental por serem as que trabalham, mas sem, de maneira alguma, excluir a possibilidade de que a proposta possa ser trabalhada, com as devidas adaptações, em outras séries do ensino básico.

Como se trata de uma proposta que pode transitar por vários campos do conhecimento, é interessante dialogar com os professores de outros componentes, propondo-lhes o

desenvolvimento em conjunto das ações, negociando, inclusive, quantas aulas cada um vai destinar às atividades, para que todo o processo dure em torno de um bimestre. Se não for possível constituir uma parceria, o professor pode realizá-la mesmo assim, redimensionando as atividades e o tempo para a execução de cada uma delas.

APÊNDICE D – PRODUTO 2: “DA LAMA À SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O USO DA HQ”

1º Passo – Avaliação diagnóstica

Antes de os alunos terem acesso à revista, é recomendável que o professor realize uma avaliação diagnóstica, ou seja, uma atividade que possibilite observar quais conhecimentos prévios eles trazem consigo acerca da Festa do Mastro. Conforme Schmidt e Cainelli (2009), o conhecimento dessas informações é muito importante, pois elas são consideradas marcos assimiladores a partir dos quais os alunos conferem significados aos conteúdos.

Para essa empreitada, propomos um questionário escrito para ser aplicado em sala de aula.

Avaliação Diagnóstica

1. Você nasceu em Sergipe? Se sim, em qual município?
2. Quais as informações que você tem sobre a Festa do Mastro?
3. O que você sabe sobre a História da Festa do Mastro?
4. Você conhece alguma Festa do Mastro realizada em outra localidade? Onde e de que forma ela é realizada?
5. Quais as referências afetivas que você traz consigo sobre essa festa?
6. Qual a imagem que, em sua opinião, ilustra a Festa do Mastro?
7. Qual a palavra que, para você, traduz a essência da festa?
8. Quais os folguedos que compõem a Festa do Mastro de Capela-SE? Qual a função de cada um?
9. Em sua opinião, há algum tipo de ameaça ou impacto ambiental por conta da realização da Festa do Mastro?

Objetivos:

- Definir que conhecimentos os alunos trazem consigo de suas experiências ou mesmo de séries anteriores;
- Facilitar o planejamento de ações pedagógicas que levem os alunos a compreenderem os conceitos e desenvolverem habilidades e competências.

Estratégia:

É muito importante que a devolutiva da avaliação seja acompanhada de uma discussão, o que permite a partilha e o debate entre as diferentes concepções apresentadas pelos alunos.

Componentes curriculares:

É uma atividade que poder ser desenvolvida pelo professor de qualquer componente curricular envolvido.

Ano/ Série de Aplicação:

Recomendamos a Atividade Diagnóstica em todos os anos/séries em que o professor decidir utilizar essa sequência didática.

Tempo estimado:

02 aulas de 50 minutos.

Recursos necessários:

Para essa tarefa, são necessários um pincel, quadro branco, caderno e caneta ou a atividade xerocada.

Passo 2 – A Leitura da Revista

O passo seguinte à atividade diagnóstica é disponibilizar a revista para que os alunos façam a leitura desta. Por estar estruturada em cinco partes, há duas possibilidades de executarmos esta tarefa. Na primeira, o professor entrega a HQ de forma integral, nesse caso os alunos realizam as atividades e discussões após a leitura completa da revista. Na segunda, o docente vai liberando o material gradativamente, intercalando as atividades à medida que a leitura de cada trecho for sendo concluída.

Objetivos:

- Fazer com que os alunos entrem em contato com um material didático de História Local, que traz informações fundamentadas em pesquisa acerca da Festa do Mastro;
- Fornecer informações importantes que sirvam de ponto de partida para a realização das demais atividades propostas.

Estratégia:

A princípio, torna-se muito importante que o professor, antes de disponibilizar a revista, deixe bem claro para os seus alunos que, por mais que esse material tenha sido produzido com base em informações colhidas em documentos e trabalhos acadêmicos, este representa apenas uma visão que o autor possui sobre a Festa do Mastro, a qual sofre influências de sua formação, ideais políticos e religiosos, por exemplo, e que as informações

trazidas pela revista podem ser questionadas ou mesmo refutadas por outros trabalhos. Ao fim, é interessante ouvir de os alunos a impressão que tiveram da revista e do tema, verificando pontos positivos e negativos.

Componente curricular:

É uma atividade que poder ser desenvolvida pelo professor de qualquer componente curricular.

Ano/ Série de Aplicação:

A leitura da revista é primordial para todos os anos/séries em que o professor decidir utilizar essa sequência didática.

Habilidade da BNCC:

EF67LP28 - Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias, histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

Tempo estimado:

03 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Apenas a história em quadrinhos.

3º Passo - Mapeando Espaços de Saber do seu Município

Já de posse da revista, as quatro páginas iniciais retratam cenas em que os jovens personagens (Laura, Noélia e Gabriel) vão em busca de um local onde possam encontrar informações acerca da Festa do Mastro. Esse é um “gatilho” interessante para que o professor solicite a turma que faça um mapeamento, em seu município, de espaços como museus, bibliotecas, arquivos e memoriais, onde possam buscar elementos sobre a cultura local. O quadro apresentado na Atividade Proposta abaixo pode ser bastante útil para essa tarefa.

Atividades Propostas 1

1. Com a turma organizada em grupos, busquem, em seu município, uma instituição a exemplo de museus, memoriais e bibliotecas onde possam levantar informações

acerca da cultura local. Em seguida, os membros de cada grupo devem preencher um quadro como o do modelo abaixo e apresentar os resultados aos demais colegas de classe.

Nome da Instituição:	Imagem:	Endereço:	Como ter acesso:	Que tipo de informações disponibiliza:

Objetivo:

- Fazer com que os alunos conheçam ambientes educativos em seu município onde possam coletar e organizar as informações acerca da Festa do Mastro, por exemplo.

Estratégia:

É uma tarefa para ser executada em grupo⁴⁸ e que, além da leitura do trecho da revista, envolve pesquisa, discussão e apresentação, na qual cada grupo ficará responsável por escolher e apresentar, aos demais colegas de turma, uma⁴⁹ instituição. Dependendo de os recursos de que dispõem os alunos da turma, o professor pode dispensar o uso da imagem.

Além de apresentar para os colegas, esses dados serão expostos ao público convidado na última atividade. Por isso, é importante o professor está atento às escolhas, para evitar que dois grupos escolham uma mesma instituição, por exemplo.

Componente curricular:

Essa atividade pode ser desenvolvida durante as aulas de qualquer componente curricular.

Ano/ Série de Aplicação:

Recomendamos essa atividade para todos os anos/séries em que o professor decidir utilizar essa sequência didática.

Tempo estimado:

02 aulas de 50 minutos.

Recursos necessários:

Para realizar esta atividade, é importante que os alunos tenham em mãos caneta, régua e folha de papel madeira para confeccionar o quadro ou a atividade xerocada; dispositivo com câmera fotográfica, impressora e cola branca para imprimir e fazer a inserção da imagem no quadro.

⁴⁸ Segundo informações disponíveis no site: <https://www.infoescola.com/educacao/trabalho-em-equipe/>, o trabalho em equipe ativa a criatividade e em grande parte das vezes produz resultados melhores do que o trabalho individual, isso quando sabe-se integrar, em caráter de complementaridade, as habilidades dos integrantes do grupo. Acesso em 06/06/2021.

⁴⁹ O número de instituições que serão apresentadas dependerá da quantidade existente no município.

4º Passo – Reformas Religiosas e a Festa do Mastro

A primeira parte da revista nos traz também a possibilidade de fazer com que os alunos percebam que alguns eventos que estão à sua volta sofreram influências ou foram frutos de movimentos religiosos ocorridos há muitos séculos e quilômetros de distância, como as reformas religiosas ocorridas na Europa do século XVI. Para estimular essa percepção, disponibilizamos, a seguir, mais uma proposta de atividade.

Atividade Proposta 1

1 – De acordo com as informações contidas na revista, o que foi a Reforma Protestante?

2- Havia algum interesse dos religiosos em controlar os costumes das pessoas? Quais?

3 - Na Festa do Mastro que você conhece, é possível identificar se há elementos religiosos que possivelmente foram frutos de movimentos religiosos como a Reforma Protestante e a Contra Reforma? E que elementos, a seu ver, não sofreram influências cristãs? Justifique sua resposta.

Objetivos:

- Compreender a Reforma Protestante a partir da Festa do Mastro;
- Identificar características cristãs e pré-cristãs na Festa do Mastro da localidade onde mora o aluno.

Estratégia:

Essa proposta que pode ser desenvolvida individualmente, envolve a leitura da primeira parte da revista, a identificação das influências da Reforma Protestante na Festa do Mastro, o registro no caderno e o compartilhamento dos resultados com os colegas em um debate. É fundamental que o professor direcione as discussões, a fim de que os alunos cheguem ao conceito de Reforma Protestante e também consiga explicá-lo aos convidados na última atividade desta sequência.

Componentes Curriculares:

Essa atividade pode ser liderada, principalmente, por professores de História e Ensino Religioso.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do sétimo e oitavo ano.

Tempo estimado:

02 aulas de 50 minutos.

Habilidades da BNCC:

EF08ER01 - Discutir como as crenças e convicções podem influenciar escolhas e atitudes pessoais e coletivas.

EF08ER03 - Analisar doutrinas das diferentes tradições religiosas e suas concepções de mundo, vida e morte.

EF08ER04 - Discutir como filosofias de vida, tradições e instituições religiosas podem influenciar diferentes campos da esfera pública (política, saúde, educação, economia).

EF07HI05 - Identificar e relacionar as vinculações entre as reformas religiosas e os processos culturais e sociais do período moderno na Europa e na América.

Recursos Necessários:

Para essa empreitada, é necessário ter em mãos a revista, caderno e caneta para fazer o registro das informações ou a atividade xerocada.

5º Passo – As Festas e o Processo de Colonização do Brasil

Após apresentar algumas características do Levantamento do Mastro, uma festa realizada em Portugal, a segunda parte da HQ apresenta a Puxada do Mastro, festividade realizada no interior do estado da Bahia. Comparar esses festejos abre um espaço importante para uma discussão que envolve o processo de colonização do Brasil.

Atividade Proposta 1

1 – Baseado na leitura da segunda parte da HQ, faça uma comparação entre a Puxada do Mastro (festa realizada em Ilhéus-BA) e o Levantamento do Mastro (festa que é realizada em Portugal).

2 - Em sua opinião, o que justificaria as semelhanças e as diferenças entre essas festividades?

3- De que forma as festas facilitaram o processo de colonização do Brasil? Que imagem na história em quadrinhos traduz essa estratégia. A cultura tem algo a ver com isso? Explique:

Objetivos:

- Compreender o nexo existente entre a Festa do Mastro e o processo de expansão marítima português;
- Entender o papel das festividades no processo de colonização da América Portuguesa;

- Conhecer e respeitar a diversidade cultural.

Estratégia:

Essa atividade pode ser feita individualmente e os resultados discutidos coletivamente. Ela exige que os alunos façam a comparação entre as festividades, evidenciando elementos que há de incomuns entre elas. Alguns pontos importantes que devem ser observados no momento da comparação entre os festejos são: quem a organiza, quem dela participa, qual época do ano é realizada, a que santo é dedicada e qual o objetivo de sua realização. Os resultados da comparação podem ser um ponto de partida para discussão de temas como a expansão marítima portuguesa iniciada no século XV, o processo de colonização do Brasil e a diversidade cultural. Através dessa atividade, os alunos podem refletir sobre a forma que alguns festejos passaram a ser realizado no Brasil. Por isso, é primordial que o professor direcione as discussões, afim de que eles compreendam tais conceitos. .

Componente Curricular:

História e Geografia.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do sétimo e nono ano.

Tempo estimado:

02 aulas de 50 minutos.

Habilidades da BNCC:

EF09GE3 - Identificar diferentes manifestações culturais de minorias étnicas como forma de compreender a multiplicidade cultural na escala mundial, defendendo o princípio do respeito às diferenças com ênfase à xenofobia.

EF07HI02 - Identificar conexões e interações entre as sociedades do Novo Mundo, da Europa, da África e da Ásia no contexto das navegações e indicar a complexidade e as interações que ocorrem nos Oceanos Atlântico, Índico e Pacífico.

EF09GE01 - Analisar criticamente de que forma a hegemonia europeia foi exercida em várias regiões do planeta, notadamente em situações de conflito, intervenções militares e/ou influência cultural em diferentes tempos e lugares.

Recursos Necessários:

Para essa atividade, além da revista, é importante ter em mãos caneta e caderno para fazer os registros ou a atividade xerocada.

6º Passo – O Estado de Sergipe e a Festa do Mastro

Após discutir a ideia de religiosidade popular presentes na Festa do Mastro e tentar especular como esta chegou a Sergipe, a terceira parte da HQ levanta uma discussão sobre o processo de colonização de Sergipe desencadeado por jesuítas. Traz ainda municípios do estado onde há registro desse tipo de festividade.

Depois de feita a leitura dessa parte da HQ, a sugestão é de que sejam realizadas duas atividades. Na primeira, os alunos vão levantar informações acerca da colonização de Sergipe, além de especular sobre a chegada da Festa do Mastro ao nosso estado. Na segunda, conhecer as características das festas realizadas em alguns municípios sergipanos.

Atividade Proposta 1

Na abertura da terceira parte da HQ (página 21), temos uma representação do início do processo de colonização do território que hoje corresponde ao estado de Sergipe, em ação realizada por padres jesuítas. Com base em informações colhidas de sites na internet, responda a primeira e a segunda questão:

- 1- Além da catequese, que outras formas de se impor sobre os grupos indígenas foram empregadas pelo colonizador europeu?
- 2 – Como reagiram os grupos indígenas a essas investidas do “homem branco”?
- 3 – Em sua opinião, por que ainda não é possível afirmar que a Festa do Mastro foi introduzida em Sergipe pelos jesuítas?
- 4 – Do seu ponto de vista, como a Festa do Mastro teria chegado a Sergipe? Por quê?
- 5 – Você sabia que a Festa do Mastro de Capela-SE, em 2021, passou a ser reconhecida como patrimônio cultural imaterial de Sergipe? O que isso significa? Opine.

Objetivos:

- Conhecer o processo de colonização de Sergipe;
- Levantar hipóteses acerca da chegada da Festa do Mastro ao estado sergipano;
- Opinar sobre a relevância da Festa do Mastro para o estado de Sergipe;
- Perceber a importância da fundamentação no momento de expor os argumentos.

Estratégia:

Essa atividade pode ser desenvolvida em grupo e possui cinco questões. Enquanto as duas primeiras necessitam de pesquisa em sites, as três últimas fazem com que os alunos tenham que produzir e expressar as suas opiniões em sala de aula. Com relação à pesquisa, é muito importante orientar o aluno nesta tarefa. Sugira que, na barra de pesquisa de um site de

busca, digite palavras-chave, como colonização de Sergipe, por exemplo. E que, entre os resultados encontrados, selecione aqueles que possuem fontes mais confiáveis: os sites terminados em “.edu.br” e “.gov.br” costumam fornecer informações mais seguras.

A Festa do Mastro é muito difundida em Sergipe, a ponto de ser reconhecida como patrimônio cultural imaterial dos sergipanos. Por esse motivo, é muito importante que os alunos dominem essas informações, as quais, também deverão ser apresentadas à comunidade escolar na última atividade da sequência didática.

Componentes Curriculares:

História e Ensino Religioso.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do sétimo ano.

Habilidades do Currículo de Sergipe:

EF07HI09 - Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistências, com destaque para aquelas que ocupavam o atual nordeste como um todo e em Sergipe especificamente.

EF07HI02SE - Entender como os contatos e os conflitos do processo de colonização da América contribuíram para o genocídio e a destruição da cultura dos povos indígenas, destacando a resistência indígena.

Tempo Estimado:

02 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Para essa atividade será necessário que o aluno disponha de computador ou aparelho celular com acesso à internet, além de caneta e caderno para fazer o registro das informações.

Atividade Proposta 2

1- Em grupo, monte um painel. Para isso, destaque dois municípios que realizam a Festa do Mastro no mapa de Sergipe. Em seguida, crie uma legenda para cada um na mesma cor do município selecionado. Nesta legenda, de forma sucinta, devem conter as seguintes informações: Quando começou a festa? Qual a data de realização? Que santo é homenageado? Como a festa acontece? Como o participante deve se preparar para participar?



Objetivos:

- Localizar no Mapa Político de Sergipe municípios que realizam a Festa do Mastro;
- Identificar características de Festas do Mastro realizadas em municípios sergipanos;

Estratégia:

Após a leitura da terceira parte da HQ, onde vão conhecer alguns municípios que realizam a Festa do Mastro, os alunos deverão fazer uma pesquisa em sites na internet sobre as características de cada uma das festas e inseri-las na legenda do mapa. Em caso de dificuldade de acesso a recursos, é importante que o professor auxilie na distribuição dos grupos para que nenhum deles fique impossibilitado de participar.

Componentes Curriculares:

História, Geografia e Língua Portuguesa.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do sexto ao nono ano.

Habilidade da BNCC:

EF89LP2 - Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis.

EF69AR34 - Compreender e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, sergipana e local, incluindo suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, e favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Tempo Estimado:

03 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Para essa segunda atividade, além do computador ou aparelho celular com acesso à internet, será necessário que cada grupo disponha de uma cartolina ou papel madeira, um mapa de Sergipe⁵⁰, caneta e caderno para fazer o registro das informações, lápis colorido e régua para criar a legenda.

7º Passo – O Município de Capela-SE e suas Festas Juninas (História Local)

A quarta parte da HQ discute como vem constituindo-se historicamente a Festa do Mastro mais conhecida de Sergipe. Antes dessa análise, os personagens da revista trazem uma breve contextualização histórica e geográfica do cenário onde ela transcorre, ou seja, o município de Capela-SE. Como forma de estimular uma reflexão que permita aos alunos capelenses perceberem o quanto sua realidade está envolvida em contexto histórico “mais amplo”, seguem algumas questões que podem ser abordadas com a leitura desse trecho da revista.

Atividade Proposta 1

1- Baseado na leitura da quarta parte da HQ, fale sobre o papel da Igreja Católica e da produção açucareira na formação histórica do município de Capela-SE.

2 – De que forma a localização geográfica de Capela-SE influenciou em sua economia e em sua sociedade? Essa posição ainda continua a influenciar? De que forma?

3 – Faça uma relação entre a História de Capela-SE e a História do Brasil.

Objetivos:

- Fazer o aluno compreender que a realidade em que vive faz parte de um contexto histórico mais amplo;
- Observar como espaço geográfico pode influenciar na política, economia, História e cultura do município.

Estratégia:

Após a leitura e discussão dessa parte da HQ, os alunos, individualmente, irão buscar respostas para as questões propostas. Ao fim, a devolutiva deve ser seguida de uma discussão mediada pelo professor, onde conceitos como escravidão, produção açucareira e catolicismo, por exemplo, virão à tona.

⁵⁰ No site <https://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/estado/se/estado-sergipe-municipios.jpg> Último acesso em 06/04/2021, há disponível para download o mapa de Sergipe, que segundo informações contidas na própria página, foi elaborado a partir da base cartográfica do IBGE. Alguns não contam com os nomes dos municípios, tornando-se muito útil para essa atividade.

Componentes Curriculares:

História, Ensino Religioso e Geografia.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do sétimo e nono ano.

Habilidade da BNCC:

EF07HI13 - Caracterizar e analisar a ação dos europeus e suas lógicas mercantis visando ao domínio no mundo atlântico;

EF07HI14 - Descrever as dinâmicas comerciais das sociedades americanas e africanas e analisar suas interações com outras sociedades do Ocidente e do Oriente, identificando as atividades econômicas desenvolvidas, com vistas à compreensão da diversidade da economia colonial;

EF07HI15 - Discutir o conceito de escravidão moderna e suas distinções em relação ao escravismo antigo e à servidão medieval e problematizar as formas de trabalho análogo à escravidão na atualidade;

EF09HI04 (Currículo de Sergipe) - Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil e de Sergipe.

Tempo Estimado:

02 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Para realizar essa atividade, os alunos vão precisar ter em mãos caneta, caderno ou a atividade xerocada, além da revista.

Como já ressaltamos, a Festa do Mastro de Capela-SE faz parte do contexto das festas juninas local. Por esse motivo, propomos que seja abordado um pouco de como esses festejos começaram a ser realizados no Brasil e de como os mesmos são praticados em Capela-SE, por meio de outra proposta de atividade.

Atividade Proposta 2

1- Ainda baseado no que foi apresentado na quarta parte da história em quadrinhos, responda:

- a) De que forma surgiram as festas juninas no Brasil?
- b) Elabore em seu caderno um quadro comparativo entre as festas juninas capelenses do início do século XX e início do século XXI, levando em consideração os critérios a seguir:

Festas Juninas em Capela-SE	Início do século XX	Início do século XXI
Tipo de alimentos consumidos		
Ornamentação das ruas		
Tipos de fogos de artifício		
Relações sociais		
Religiosidade		

Objetivos:

- Observar as mudanças e permanências por quais passaram as festas juninas, sobretudo as do município de Capela-SE;
- Conhecer e valorizar elementos culturais do passado e passar a observar os do presente;
- Conhecer características da festa junina local para auxiliar na produção das maquetes e do cenário para uma encenação (atividades propostas dos Passos 9 e 11, respectivamente).

Estratégia:

A leitura da revista e a observação de sua realidade servirão de base para a resolução das questões propostas por parte do aluno. Caso haja o interesse em possibilitar um pouco mais de aprofundamento na temática, além da leitura da HQ, indicamos duas referências que podem servir como base para pesquisa. São elas: DANTAS, Orlando Vieira. **Vida Patriarcal de Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. pp. 96-100. e LIMA, Zózimo. **Variações Em Fá Sustenido: crônicas sergipanas**. 2ª ed. Aracaju: Triunfo, 2003. pp. 300-301. Nesses textos, que também podem ser encontrados na Casa do Livro, há trechos que descrevem bem a festa junina capelense.

Ao final, é fundamental que o professor estimule os alunos a discutirem criticamente sobre os prováveis motivos que vem gerando determinadas transformações e continuidades nas formas de vivenciar as festas juninas local.

Componente Curricular:

História e Ensino Religioso.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do nono ano.

Habilidade da BNCC:

EF09HI05 - Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região em que vive.

Tempo Estimado:

02 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Para essa tarefa, os alunos vão precisar de, além da revista, caneta, régua e caderno.

8º Passo – Ouvindo as Vozes da Festa

Os alunos já conhecem um pouco das festas juninas local. Para que também compreendam a dinâmica da Festa do Mastro do município em que vive, a dica é encerrar as atividades da quarta parte da HQ com a preparação de uma encenação. Para isso, é necessário que os alunos complementem as informações contidas na revista realizando entrevistas que proporcionem o contato com parentes ou moradores mais velhos do município.

Atividade Proposta 1

A Festa do Mastro está associada não só a momentos de diversão, ela também envolve questões históricas, econômicas e culturais. Para conhecer um pouco mais sobre ela, formem grupos e realizem uma entrevista com seus pais, avós ou moradores mais velhos do município em que você mora.

Para realizar a entrevista, siga as seguintes etapas:

- I. Prepare, antecipadamente, as perguntas que você vai fazer.
- II. Escolha os entrevistados e, em seguida, faça o convite para responder às suas perguntas.
- III. Agende com eles uma data para realizar a entrevista.
- IV. Anote as respostas durante a entrevista ou grave os depoimentos e depois transcreva para o caderno.

Objetivos:

- Compreender a dinâmica da Festa do Mastro de Capela-SE;
- Conhecer as transformações e permanências por quais passaram os folguedos que compõem a festa;
- Ter a noção dos aspectos religiosos, econômicos, sociais e geográficos que envolvem a festa.

Estratégia:

Para essa atividade, é primordial que o professor oriente os alunos a estabelecerem alguns parâmetros fundamentais para a realização da entrevista como: evitar entrevistar as mesmas pessoas, organizar o grupo de entrevistados de acordo com o tema abordado, garantir que as informações sejam registradas por escrito e a troca de informações entre os grupos após a conclusão das entrevistas. É importante enfatizar ainda a importância de se observar as transformações que a festa vem sofrendo em sua dinâmica, cenário, além de estar atento aos aspectos positivos e negativos ligados à diversão, economia, sociabilidade, aos riscos e benefícios, já que as informações obtidas durante as entrevistas também serão fundamentais para a confecção das maquetes. Uma dica para o professor é que entre em contato com textos que tratem de História Oral⁵¹.

Componente Curricular:

História e Língua Portuguesa.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do sexto ao nono ano.

Habilidades da BNCC:

EF69LP39 - Definir o recorte temático da entrevista e o entrevistado, levantar informações sobre o entrevistado e sobre o tema da entrevista, elaborar roteiro de perguntas, realizar entrevista, a partir do roteiro, abrindo possibilidades para fazer perguntas a partir da resposta, se o contexto permitir, tomar nota, gravar ou salvar a entrevista e usar adequadamente as informações obtidas em um relatório final, de acordo com os objetivos estabelecidos.

EF67LP14 - Definir o contexto de produção da entrevista (objetivos, o que se pretende conseguir, porque aquele entrevistado etc.), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntar e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

Tempo Estimado:

06 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

⁵¹ Uma sugestão de leitura é MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

Para essa atividade, é fundamental que o aluno disponha de materiais como caneta, caderno e dispositivo eletrônico com câmera filmadora ou gravador de voz.

Passo 9 – Encenando a Festa do Mastro de Capela-SE

De posse das informações acerca da dinâmica da Festa do Mastro, o passo seguinte às entrevistas é pensar o roteiro da encenação.

Atividade Proposta 1

Você já conhece as festas juninas de seu município e um pouco da dinâmica da Festa do Mastro. Agora é hora de encená-la para seus convidados. Para isso, siga os seguintes passos:

- 1°. Escolham o dia, horário e local para a encenação.
- 2°. Defina o que aparecerá no cenário e organize o material necessário para montá-lo.
- 3° Para facilitar o planejamento das cenas, preencha em seu caderno a seguinte ficha.

Cenas/Folguedo	Atores(as)/alunos(as)	Trilha sonora	Coreografia	Figurino

4°. Antes da encenação, façam um ensaio geral no próprio espaço onde vai acontecer a apresentação final, para se adaptarem ao ambiente.

Objetivos:

- Interpretar os folguedos que compõe a Festa do Mastro de Capela-SE;
- Fazer com que os alunos compreendam a dinâmica e a função de cada folguedo que compõe a referida festa.

Estratégia:

Aqui, é primordial que o professor oriente os alunos a definirem quais serão as cenas realizadas, quem serão os personagens e atores que vão aparecer em cada uma delas, quem ficará responsável pelas músicas, figurinos, por escrever os diálogos e montar os cenários.

É uma atividade que vai exigir o trabalho coletivo, por isso é mister que as tarefas sejam bem distribuídas e o tempo para realizá-la, bem administrado.

A ideia é que a encenação também seja apresentada à comunidade escolar na última atividade da sequência didática (última aula do primeiro semestre, normalmente, a poucos dias da festa). Até o dia da apresentação, os ensaios são muito importantes para garantir uma boa execução das cenas. Logo, a utilização de contraturnos para ensaio pode ser uma estratégia válida para ganhar tempo sem perder a qualidade do trabalho.

Componentes Curriculares:

História, Língua Portuguesa e Arte.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do sexto ao nono ano.

Habilidades da BNCC:

EF69AR14 - Analisar e experimentar diferentes elementos (figurino, iluminação, cenário, trilha sonora etc.) e espaços (convencionais e não convencionais) para composição cênica e apresentação coreográfica.

EF69LP46 - Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/manifestações artísticas (local e universal) como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, *slams*, canais de *booktubers*, redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, *blogs* e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, *vlogs* e *podcasts* culturais (literatura, cinema, teatro, música), *playlists* comentadas, *fanfics*, *fanzines*, *e-zines*, fanvídeos, fanclipes, *posts* em fanpages, *trailer* honesto, vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs.

Tempo Estimado:

04 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Os recursos necessários à execução da encenação vão depender de qual ou quais folguedos serão apresentados⁵². Independentemente da escolha, será importante ter em mãos uma caixa de som amplificada, microfone e um *pendrive* contendo as músicas usadas no

⁵² Por conta do risco de queimaduras ou mesmo de incêndios, não recomendamos o uso de fogos de artifícios durante a encenação. Por isso, o professor deve estar bem atento aos alunos, já que praticamente todos os jovens gostam e tem acesso facilitado a esse tipo de artefato. Os fogos podem ser usados simbolicamente, ou seja, de forma que não provoquem faíscas ou estampidos.

festejo; caixas de papelão, isopor, tintas coloridas, cola, tesoura sem ponta, canetas, barbante e papéis coloridos são importantes para confeccionar as bandeirolas e montar o cenário.

Passo 10 – Conhecendo o Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco e sua Importância

A quinta e última parte da revista nos proporciona discussões que envolvem o meio ambiente e a qualidade de vida. Após a leitura e discussão desse trecho da HQ, propomos que seja organizada uma visita ao RVSMJ. Segundo o IPE – Instituto de Pesquisas Ecológicas, a visita às unidades de conservação é uma das principais estratégias de sensibilização da sociedade para a importância da conservação da natureza.

Atividade Proposta 1

A Festa do Mastro de Capela-SE tem relação direta com o meio ambiente, sobretudo com o Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco, já que é de lá que é retirada a árvore símbolo da festividade. Por esse motivo, após discutir com seus colegas sobre as informações contidas na quinta parte da revista, faremos uma visita a essa unidade de conservação para conhecermos um pouco de sua importância.

Para realizar essa atividade, siga os seguintes passos:

- 1°. Formem grupos;
- 2°. Juntos, elaborem questões que serão destinadas ao funcionário (biólogo) da unidade de conservação;
- 3°. Registrem as respostas obtidas no caderno;
- 4°. Discuta com os colegas o que acharam da visita.

Objetivos:

- Evidenciar, *in loco*, a importância da Mata Atlântica e do RVMJ para Capela-SE e para o mundo;
- Compreender que é possível realizar a festa sem abrir mão do uso sustentável dos recursos naturais.

Estratégia:

Após a leitura da revista, é importante que o professor supervisione a formação dos grupos, a elaboração dos questionamentos que serão destinados ao representante da SEMARH, além da discussão a respeito da visita. Para evitar que fujam da temática, os questionamentos feitos pelos alunos devem aproximar-se dos seguintes: qual a diferença entre

natureza e meio ambiente? Qual a importância da Mata do Junco para o planeta e para Capela-SE? Além do RVSMJ, há outros tipos de UC presente em nosso município? Quais? Quando e por que foram criadas? Qual a relevância local e global de cada uma delas? A Festa do Mastro, de alguma forma, vai de encontro à criação dessas unidades? As medidas de proteção ambiental adotadas a partir de 2007 para a realização da festa são suficientes para a manutenção da cobertura vegetal do RVSMJ, das nascentes e animais ameaçados? Quais os desafios para termos uma festa cada vez mais sustentável?

Componente Curricular:

Ciências, História e Geografia.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do sexto nono ano.

Habilidades da BNCC:

EF09CI12 - Justificar a importância das unidades de conservação para a preservação da biodiversidade e do patrimônio nacional, considerando os diversos tipos de unidades, as populações humanas e as atividades a eles relacionadas;

EF09CI13 - Investigar e propor iniciativas individuais e coletivas para as soluções de problemas ambientais que ocorrem no espaço urbano e rural da cidade ou comunidade, com base na análise de ações de consumo consciente e de sustentabilidade bem-sucedidas;

EF06GE5 - Relacionar padrões climáticos, tipos de solo, hidrografia, relevo e formações vegetais e as implicações causadas pela degradação natural decorrente da ação humana em escala local e global;

EF06GE1 - Reconhecer e comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos e espaços através da ação antrópica;

EF06GE2SE - Compreender a importância da cobertura vegetal para manutenção e proteção dos aquíferos e lençóis freáticos.

Tempo estimado:

03 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Para esta ação, é necessário que os alunos disponham de caneta e caderno para registrar as perguntas e respostas e, dependendo da distância entre a escola e a UC, um ônibus para fazer o deslocamento da turma.

Passo 11 – Dois Momentos, Uma Festa

Chegamos ao momento de confeccionar duas maquetes que busquem mostrar a Festa do Mastro de Capela-SE em contextos distintos. Uma representando a festa na década de 1960⁵³ e a outra a partir da década de 1990⁵⁴, ficando esta última escolha a critério do professor.

Atividade Proposta 1

1. Até aqui, você já aprendeu muita coisa sobre as características das festas juninas, da dinâmica e transformações sofridas pela Festa do Mastro do seu município. Agora, é hora de montar duas maquetes. Para isso, a turma será dividida em dois grupos: enquanto um ficará responsável por montar uma maquete que representa a festa na década de 1960, o outro montará uma maquete da Festa do Mastro a partir da década de 1990.

a) Para preparar a montagem da maquete, você e seus colegas vão fazer um esboço, ou seja, um desenho que os guiará durante o trabalho e que represente os principais pontos do município que envolvem a festa. Uma sugestão que pode facilitar o desenho é solicitar junto à Secretaria Municipal de Obras de onde você mora uma cópia da planta baixa do município.

b) Escolha em que grupo você irá ficar, ajude a definir o tamanho da maquete, quem vai fazer o quê, a separar o material necessário e mãos a obra.

Objetivos:

- Representar as transformações e permanências da Festa do Mastro e do cenário onde ela transcorre;
- Abordar questões históricas, sociais, econômicas, religiosas e ambientais que envolvem a festa;
- Fazer o aluno perceber como é feita a articulação entre trabalho, lazer e cultura durante a Festa do Mastro.

Estratégia:

É uma tarefa que requer que o professor, de antemão, discuta com os alunos alguns critérios no que diz respeito às cores das residências, instituições, estabelecimentos comerciais e culturais que estarão presentes nas maquetes. A preocupação com escala não deve ser determinante, mas para evitar distorções, por exemplo, é importante orientar os alunos a evitarem fazer uns prédios com caixa de fósforos e outros com caixa de sapato.

⁵³ A década mais remota a contar com registros fotográficos e uma boa quantidade de participantes em condições de fornecer depoimentos.

⁵⁴ A partir da década de 1990, a Festa do Mastro já estava sendo financiada pelo governo municipal, que passa a inserir novos folguedos à sua dinâmica.

Confeccionar essas maquetes relacionadas à Festa do Mastro envolve uma série de temas e subtemas. Alguns deles dizem respeito a questões relacionadas à violência, acidentes, questões sociais, econômicas, políticas, ambientais e jurídicas, por exemplo.

Habilidades da BNCC:

EF08GE2 - Relacionar e compreender fatos e situações representativas da história das famílias do município em que se localiza a escola, considerando a história local, a diversidade e os fluxos migratórios da população mundial.

Componente Curricular:

História, Arte, Geografia, Língua Portuguesa e Ciências.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para as turmas do oitavo ano.

Tempo Estimado:

05 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Para essa tarefa, os alunos vão precisar de madeira, papelão ou isopor para fazer a base da maquete; massa de modelar colorida ou bonequinhos de plástico para representar moradores e participantes da festa; caixas de sabonete, de fósforo, de creme dental e papéis coloridos para forrá-las, criando, assim, as ruas com seus prédios e instituições; papel celofane azul, para representar o Rio Lagartixo; palito de churrasco e papeis verdes, para confeccionar as árvores da Mata do Junco, das praças e dos canteiros do Centro; canetas coloridas e tinta guache, para colorir prédios, asfalto, etc.; além de cola, régua e tesoura sem ponta.

Passo 12 – Da Lama à Sala de Aula: Conhecendo a Festa do Mastro

Após conhecer as origens da Festa do Mastro, como se deu a sua chegada ao Brasil, como é praticada por alguns municípios de Sergipe e como ela vem se constituindo historicamente em Capela-SE, podemos expor ao restante da comunidade escolar tudo aquilo que foi discutido e levantado sobre essa festividade durante as aulas, por meio de um evento contendo exposições e apresentações.

Atividade Proposta 1

É hora de por em prática todos os conhecimentos adquiridos até aqui, apresentando aos convidados oriundos da comunidade escolar um pouco da História e importância da Festa do Mastro de Capela-SE, além de conscientizá-los para a relevância de organizarmos uma festa cada vez mais segura e sustentável. Chame seus pais e a comunidade escolar para um

evento cuja sugestão de tema é “Da Lama à Sala de Aula: conhecendo a Festa do Mastro”. Para isso, com seus colegas, sigam as seguintes instruções:

- a) Consultem a direção da escola sobre a data mais adequada para o evento;
- b) Confeccionem convites e usem as redes sociais para divulgá-lo junto à comunidade;
- c) Reservem um espaço adequado e organizem para que os convidados sintam-se confortáveis;
- d) Algumas informações importantes e provocativas também podem ser veiculadas nos convites;
- e) Preparem as falas e decidam quais alunos ficarão responsáveis pela apresentação dos painéis, exposição das maquetes, da encenação, etc.

Objetivos:

- Expor os resultados de reflexões acerca das transformações, permanências, da importância da festa e de práticas sustentáveis de cada participante durante a sua realização;
- Estimular posturas que extrapolem interesses individuais em detrimento do bem comum;
- Fazer com que a comunidade escolar conheça e valorize, cada vez mais, os elementos de sua cultura e, conseqüentemente, de sua identidade;
- Fazer com que os membros da comunidade escolar se percebam sujeitos participantes de um evento historicamente construído.

Estratégia:

Como já mencionado, o ideal é que o evento seja realizado no último dia de aula do primeiro semestre, quando se aproximam os festejos juninos do município. Enquanto os painéis com as instituições que disponibilizam informações a respeito da cultura local, o mapa de Sergipe com os municípios que realizam a Festa do Mastro e as maquetes ficam expostos no pátio da escola, o professor deve estipular um tempo para a apresentação dos folguedos. A cada intervalo de apresentação, é fundamental que os alunos vão tirando as dúvidas dos convidados baseando-se no conhecimento construído durante as atividades desenvolvidas.

Componente Curricular:

Para esse evento, é interessante a cooperação dos professores de todos os componentes curriculares envolvidos.

Ano/ Série de Aplicação:

Trata-se de uma atividade que recomendamos para todas as turmas envolvidas no projeto.

Tempo Estimado:

05 aulas de 50 minutos.

Recursos Necessários:

Folha de papel A4, computador e impressora para a confecção dos cartazes de divulgação, um data show e tela de projeção para a exibição das imagens das leituras, discussões, resolução das atividades, entrevistas e confecção das maquetes.

Competências da BNCC:

Além de todas as habilidades mencionadas, reproduzimos a seguir o texto das competências conforme a BNCC (2019)⁵⁵ que podem ser desenvolvidas em nossos alunos com essa proposta de sequência didática.

Competências Gerais da Educação Básica:

1 - Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

3 - Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

7 - Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Competências das Ciências Humanas:

1. Compreender a si e ao outro como identidades diferentes, de forma a exercitar o respeito à diferença em uma sociedade plural e promover os direitos humanos.

3. Identificar, comparar e explicar a intervenção do ser humano na natureza e na sociedade, exercitando a curiosidade e propondo ideias e ações que contribuam para a transformação espacial, social e cultural, de modo a participar efetivamente das dinâmicas da vida social.

⁵⁵ Para isso, seguimos a mesma numeração indicada na referida normativa.

5. Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.

6. Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Competências do componente curricular História:

1. Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.

2. Compreender a historicidade no tempo e no espaço, relacionando acontecimentos e processos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais, bem como problematizar os significados das lógicas de organização cronológica.

4. Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

A Avaliação

A leitura da revista em sala de aula, as discussões, a organização e realização das atividades propostas favorecem uma sistemática de avaliação que não se limita a verificar se os alunos se apropriaram dos conceitos. Outras dimensões da aprendizagem podem e devem ser levadas em consideração, especialmente as relacionadas aos procedimentos e à interação estabelecida entre eles.

Logo, o professor deve ter uma visão ampla de todos os passos e suas respectivas atividades propostas, observando e registrando sistematicamente como os alunos se organizam, produzem os questionamentos, buscam os sujeitos, conduzem as entrevistas, montam a encenação e alinham os materiais para a confecção das maquetes e montagem do cenário e se dirigem à comunidade, por exemplo.

Segundo Berutti e Marques (2009), cada discussão, atividade ou apresentação produz uma narrativa por parte do aluno. Diante dela, o professor, sempre respeitando o tempo individual, a capacidade cognitiva e os valores culturais de cada um, deve aproveitá-la para incentivar o processo de autocrítica, estando sempre atento a todas as dificuldades e avanços

que eles encontrarem em cada atividade. Aliás, os progressos, sempre que possível, devem ser compartilhados com os alunos.

Diante desse pressuposto, a avaliação dessa sequência didática não deve ser encarada, em momento algum, como forma ou modo de punição para maus resultados ou questões disciplinares. Ela só fará sentido se direcionar os alunos a atingirem os objetivos de cada atividade proposta, levando não só ao desenvolvimento ao seu desenvolvimento, como também ao aprimoramento de ações pedagógicas futuras elaboradas pelo professor.

Para este último caso, sugerimos algumas questões para serem apreciadas individualmente pelos alunos, mas que, ao fim de todo o processo, podem ser discutidas em sala de aula.

Proposta de Avaliação

- 1- Você aprendeu coisas novas sobre a Festa do Mastro nessas aulas? O quê?
- 2- O que você mais gostou de fazer?
- 3- Teve dificuldade em alguma atividade? Qual? Por quê?
- 4- As discussões com os colegas foram interessantes? Você conseguiu expor suas ideias?
- 5- Durante a preparação para a encenação e para a montagem das maquetes você pode trocar ideias?
- 6- O que você achou do evento onde houve exposição, apresentação e encenação?
- 7 - Quem prestigiou o evento? O que os visitantes comentaram?
- 8 - Vocês conseguiram explicar aos visitantes qual a relação da Festa do Mastro com a História de Capela-SE, História do Brasil e História Geral, além da importância da preservação da Mata Atlântica?

A devolutiva das respostas é fundamental para que, a partir dela, sejam mantidas as estratégias que surtiram efeito e suprimidas ou reconfiguradas aquelas em que os alunos sentiram maiores dificuldades. O importante é que a avaliação deva ser encarada como um instrumento que permite caminhar em direção a uma aprendizagem com, cada vez mais, qualidade.

Obviamente, essa sequência didática que apresentamos não esgotam, de modo algum, o campo de possibilidades de uso dessa HQ, uma vez que as formas de utilização são praticamente infinitas. O ideal é que de posse dessa proposta, o professor, usando de sua criatividade, possa modificar, adaptar ou mesmo criar novas atividades, direcionando o seu uso às necessidades pedagógicas e à realidade de sua comunidade escolar. Com isso,

esperamos que nossa sugestão seja útil de alguma forma e possa estimular novas dinâmicas de ensino sobre a Festa do Mastro e envolvendo o uso de histórias em quadrinhos.

**APENDICE E – ROTEIRO DE DIÁLOGOS COM ALGUMAS LIDERANÇAS
RELIGIOSAS DO MUNICÍPIO DE CAPELA-SE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA

MESTRANDO: Alexsandro do Nascimento Macedo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

Questões direcionadas ao Representante Católico

1. Qual seu nome e a sua idade?
2. Há quanto tempo você mora em Capela e o que te trouxe a viver aqui?
3. Há quanto tempo você é católico?
4. Qual a importância de São Pedro para o catolicismo?
5. Qual a participação da Igreja Católica durante a Festa do Mastro?
6. Qual a importância da Festa do Mastro para o catolicismo?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA

MESTRANDO: Alexsandro do Nascimento Macedo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

Questões direcionadas ao Representante Candomblecista

1. Qual é o seu nome e sua idade?
2. Há quanto tempo você mora em Capela-SE?
3. O que te trouxe a morar aqui em Capela-SE?
4. Qual sua religião?
5. Qual a sua opinião sobre o culto aos santos católicos, a exemplo de São Pedro?
6. Você vê a Festa do São Pedro de Capela como um evento religioso?
7. Em sua opinião, quais os aspectos positivos e negativos da Festa do Mastro de Capela-SE?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA –
PROFHISTÓRIA

MESTRANDO: Alexsandro do Nascimento Macedo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Heimar Souto

Questões direcionadas ao Representante Evangélico

- 1 - Qual seu nome e sua idade?
- 2- Há quanto tempo mora em Capela e o que te trouxe a viver aqui?
- 3- Há quanto tempo você é evangélico?
- 4 – Há quanto tempo você desempenha a função de pastor em seu ministério?
- 5 – Como você vê o culto aos santos católicos, a exemplo de São Pedro?
- 6 – Qual sua opinião a respeito da Festa do Mastro de Capela-SE?
- 7 – Quais recomendações você, enquanto líder religioso, faz para os membros de sua Igreja ou até mesmo para os de fora dela, durante a realização da Festa do Mastro? Por que?

ANEXO A - LEGISLAÇÃO ENVOLVENDO A FESTA DO MASTRO DE CAPELA-SE



Lei n.º 90/2001
De 05 de Maio de 2001

Dispõe sobre o reconhecimento da Sarandaia como manifestação popular do município de Capela e determina 1.º de junho feriado Municipal e dá outras providências.

O Prefeito Municipal de Capela, Estado de Sergipe, no uso de suas atribuições legais.
Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei.

Art. 1.º - Fica reconhecida a "Sarandaia" Festa Popular do Município de Capela Estado de Sergipe.

Art. 2.º - Determina Feriado Municipal o dia 1.º de junho alusivo " a referida manifestação".

Parágrafo Único – O feriado de que trata este artigo é intransferível.

Art. 3.º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4.º - Revogam – se as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Capela, Estado de Sergipe, aos cinco (05) dias do mês de maio de dois mil e um (2001).


Carlos Alberto Sobral
Prefeito Municipal


Izabel Cristina Santana Campos
Secretária Municipal de Administração



ESTADO DE SERGIPE
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELA
GABINETE DO PREFEITO

Rua Coelho e Campos, 1201 – Centro – Capela – Sergipe
Tel: (0**79) 263-2021 – CNPJ 13119961/0001-61
E - mail: pmcapela@infonet.com.br

LEI Nº 250/2007

De 16 de Agosto de 2007

Dispõe sobre o reconhecimento do São Pedro como manifestação popular do município de Capela e determina que na segunda-feira da festa seja feriado Municipal e dá outras providências.

O Prefeito Municipal de Capela, Estado de Sergipe, no uso de suas atribuições Constitucionais e legais.

Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores de Capela aprovou e eu sanciono a seguinte lei.

Artigo 1º - Fica reconhecido o "São Pedro" como Festa Popular do Município de Capela, Estado de Sergipe.

Artigo 2º - Determina Feriado na Segunda-feira da festa dia alusivo a referida manifestação.

Parágrafo Único – O feriado de que trata este artigo é intransferível.

Artigo 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Artigo 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Capela, Estado de Sergipe aos 16 de agosto de 2007.


Manoel Messias Sukita Santos
Prefeito Municipal



**ESTADO DE SERGIPE
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAPELA
GABINETE DA PREFEITA**

Rua Coelho e Campos, 1201 – Centro – Capela – Sergipe.
CNPJ 13.119.961/0001-61

**LEI Nº 557/2019
DE 18 DE OUTUBRO DE 2019**

**DECLARA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL,
HISTÓRICO, RELIGIOSO, ARTÍSTICO E
AMBIENTAL DO MUNICÍPIO DE CAPELA,
ESTADO DE SERGIPE, E DÁ
PROVIDÊNCIAS CORRELATAS.**

A PREFEITA MUNICIPAL DA CIDADE DE CAPELA, no uso de suas atribuições Constitucionais legais, conferidas pelo art. 30, I, da Constituição Federal de 1988 e pelo art. 58, III, da Lei Orgânica do Município de Capela – SE.

Faço saber que, a Câmara Municipal de Vereadores de Capela aprovou e eu sanciono a seguinte Lei.

Art. 1º – Esta Lei tem como objetivos:

- I – Apoiar e promover a diversidade cultural existente no município;
- II – Reconhecer e patrocinar ações de produção econômica, cultural, histórica, religiosa, artística e ambiental, local;
- III – Proteger o patrimônio material e imaterial do município;
- IV – Captar recursos e promover a constituição de uma rede de parceiros com vistas à preservação, valorização e ampliação dos bens que compõem o patrimônio cultural, histórico, religioso, artístico e ambiental Capelense.

Art. 2º – Ficam declarados como patrimônio cultural, histórico, religioso, artístico e ambiental os bens de natureza material e imaterial do Município de Capela, Estado de Sergipe, de acordo com os artigos, 215 e 216 da Constituição Federal, em consonância com o art. 4º, incisos I, III, IV, V, VI e VII da Lei Orgânica do Município:

- I – Academia Capelense de Letras e Artes – ACLA;



**ESTADO DE SERGIPE
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAPELA
GABINETE DA PREFEITA**

Rua Coelho e Campos, 1201 – Centro – Capela – Sergipe.
CNPJ 13.119.961/0001-61

- II – Antigo prédio do Cine–Capela;
- III – Águia, Fonte e os Leões (da praça: Manoel Cardoso Souza);
- IV – Balneário "Bica";
- V – Banda de Pífano;
- VI – Casa do Livro;
- VII – Cana de Açúcar (açúcar, álcool e a cachaça);
- VIII – Clube das Mães de Capela – CMC;
- IX– Comunidade Quilombola (Canta Galo, Pirangi e Terra Dura – Coqueiral);
- X – Coreto e Cruzeiro (da praça: Cônego José da Mota Cabral);
- XI – Cruzeiro (da praça: Adroaldo Campos);
- XII – Dia da Bíblia;
- XIII – Dia da Consciência Negra;
- XIV – Festa de Nossa Senhora da Purificação (sua imagem e igreja);
- XV – Festa de Nossa Senhora do Amparo (sua imagem e igreja);
- XVI – Festa de São Cristóvão, bairro São Cristóvão (sua imagem e capela);
- XVII – Festa de Santa Rita, bairro Aeroporto (sua imagem e capela);
- XVIII – Festa de São José, bairro São José (sua imagem e capela);
- XIX – Festa de Nossa Senhora da Paz, bairro Laven Um (sua imagem e capela);
- XX – Festa de Senhor dos Aflitos, bairro Igrejinha (sua imagem e capela);
- XXI – Festa de Nossa Senhora do Rosário, povoado Cuminho (sua imagem e capela);
- XXII – Festa de Nossa Senhora do Carmo, Vila Pedras (sua imagem e capela);

- Parágrafo Único** – Festa de São João - Largo de São João (sua imagem e capela).

- XXIII – Festa de Santo Antônio, povoado Tapuio (sua imagem e capela);
- XXIV – Festa de São João, povoado João Fernandes (sua imagem e capela);
- XXV – Festa de Nossa Senhora da Conceição, povoado Angás (sua imagem e capela);
- XXVI – Festa de Nossa Senhora das Graças, povoado Lagoa do Meio (sua imagem e capela);

8*



**ESTADO DE SERGIPE
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAPELA
GABINETE DA PREFEITA**

Rua Coelho e Campos, 1201 – Centro – Capela – Sergipe.
CNPJ 13.119.961/0001-61

- XXVII – Festa de São José, povoado Cruz do Congo (sua imagem e capela);
- XXVIII – Festa de Santo Antônio, povoado Brejo (sua imagem e capela);
- XXIX – Festa de Santo Antônio, povoado Terra Vermelha (sua imagem e capela);
- XXX – Festa de Nossa Senhora das Graças, povoado Pau D'Arco (sua imagem e capela);
- XXXI – Festa de São José, povoado Quem Dera (sua imagem e capela);
- XXXII – Festa de Nossa Senhora Aparecida, povoado Lagoa Seca (sua imagem e capela);
- XXXIII – Festa de Nossa Senhora das Graças, Vila Barracas (sua imagem e capela);
- XXXIV – Festa de São José, povoado Pirunga (sua imagem e capela);
- XXXV – Festa de Nossa Senhora da Saúde, povoado Saúde (sua imagem e capela);
- XXXVI – Festa de Santa Luzia, povoado Quixaba (sua imagem e capela);
- XXXVII – Festa de Nossa Senhora da Conceição, Vila Miranda (sua imagem e capela);
- XXXVIII – Festa de Santo Antônio, povoado Boa Vista (sua imagem e capela);
- XXXIX – Festa de São João, povoado Terra Dura (sua imagem e capela);
- XL – Festa de Jesus Misericordioso e Santo Antônio, povoado Santa Galo (sua imagem e capela);
- XLI – Festa do Mastro (sarandaia, desfile da rainha, marcação do mastro, a baiana, busca do mastro, queima do mastro, quadrinha junina, banda de pífano e bacamarteiro);
- XLII – Lagoa Seca;
- XLIII – Lira Nossa Senhora da Purificação;
- XLIV – Refúgio de Vida Silvestre Mata do Junco (rio lagatixo e o macaco guigó).

Art. 3º - Fica o Poder Executivo, autorizado em buscar apoio da iniciativa privada na conservação e manutenção dos itens relacionados nos incisos de I à XLIV deste artigo, podendo a empresa fazer a exploração do espaço público com a colocação da sua logomarca, de forma padronizada e autorizada pelo Poder Público Municipal.

[Assinatura]



**ESTADO DE SERGIPE
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE CAPELA
GABINETE DA PREFEITA**

Rua Coelho e Campos, 1201 – Centro – Capela – Sergipe.
CNPJ 13.119.961/0001-61

Art. 4º – Em consonância com o Decreto Municipal Nº 739 de 03 de setembro de 2018, a espécie de árvore “Ipê Amarelo”, símbolo da cidade (*Handroanthus serratifolius*) existentes nos logradouros públicos do município de Capela, integra o patrimônio ambiental Municipal, devendo o Poder Público instituir formas de manejo para a sua manutenção ou replantio, garantindo a conservação da mesma.

Art. 5º – Para fins do disposto nesta Lei, o Poder Executivo através da Secretaria Municipal de Cultura e Comunicação Social procederá todas as inscrições e registros necessários nos livros próprios dos órgãos competentes: Municipal, Estadual e Federal, para formalizar os status de patrimônio cultural, histórico, religioso, artístico e ambiental do município, dando cumprimento a Lei Municipal Nº 324 de 20 de maio de 2010.

Art. 6º – Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogam-se as disposições em contrário.

REGISTRE-SE, PUBLIQUE-SE E CUMPRA-SE.

Gabinete da Prefeita Municipal de Capela, Estado de Sergipe aos 18 (dezoito) dias do mês de outubro de 2019 (dois mil e dezenove).


Silvana Yanina Mamiak
Prefeita Municipal

ESTADO DE SERGIPE
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELA

LEI Nº93/2001
De 31 de maio de 2001

Institui o Prêmio **ANDERSON DE MELO** e dá outras providências.

O Prefeito Municipal de Capela, Estado de Sergipe, no uso de suas atribuições constitucionais e legais.

Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou, e eu sanciono a seguinte Lei.

Art. 1º - Fica instituído o **PRÊMIO ANDERSON DE MELO** no município de Capela.

§ -1º - O Prêmio de que se trata o cap. deste artigo, destina-se à pessoas físicas, empresas, entidades filantrópicas, órgãos, patrocinadores e incentivadores da Festa do Mastro.

§ -2º - O Prêmio deverá ser representado através de estatuetas em acrílicos, desde que esteja cunhado a fotografia do Patrono do Prêmio.

Art. 2º - A condecoração será realizada uma vez por ano, em data a ser estabelecida pelo Poder Executivo Municipal.

Art. 3º - Fica criada uma Comissão que avaliará os critérios que agraciará os homenageados.

Art. 4º - Compete ao Poder Executivo Municipal, regulamentar esta Lei no prazo de 30 (trinta) dias.

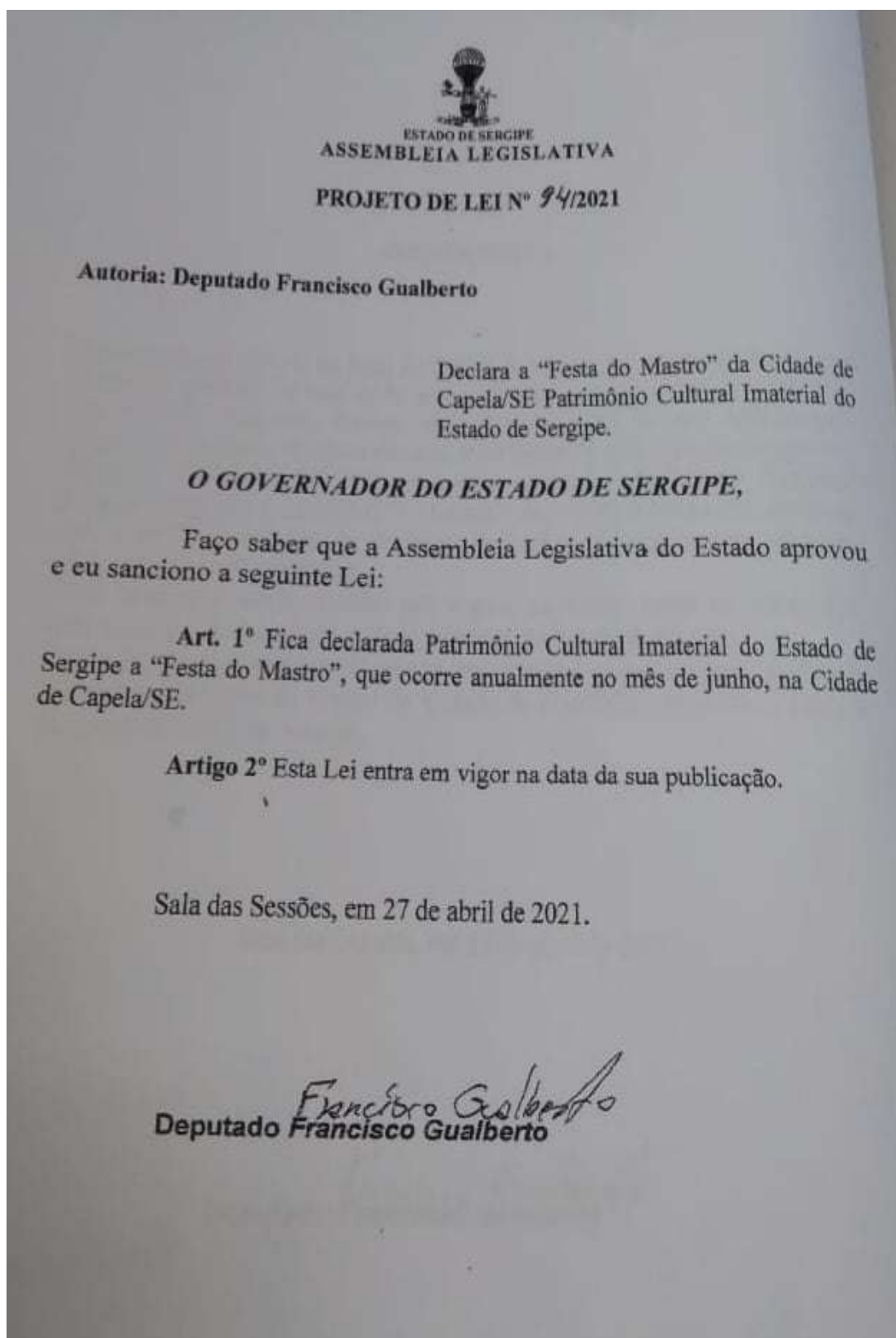
Art. 5º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

Gabinete do Prefeito Municipal de Capela, Estado de Sergipe, aos trinta e um (31) dias do mês de maio de dois mil e um (2001).


Carlos Alberto Sobral
Prefeito Municipal


Izabel Cristina Santana Campos
Secretária Municipal de Administração



Fotografia de Antônio Vieira de Moura Neto. Acervo do próprio fotógrafo, 2021.

ANEXO B – TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DO DEPOIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO DE
HISTÓRIA

CARTA DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DO DEPOIMENTO

Ao Senhor,

Eu, _____, portador do RG de nº _____ declaro para os devidos fins que concedo os direitos de minha entrevista, transcrita e autorizada para leitura em _____ de _____ de _____ para que entidades de pesquisa e pesquisadores possam utilizá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e fazerem citações, ficando vinculado o controle à instituição que tem a sua guarda.

São Cristóvão, _____ de _____ de _____.